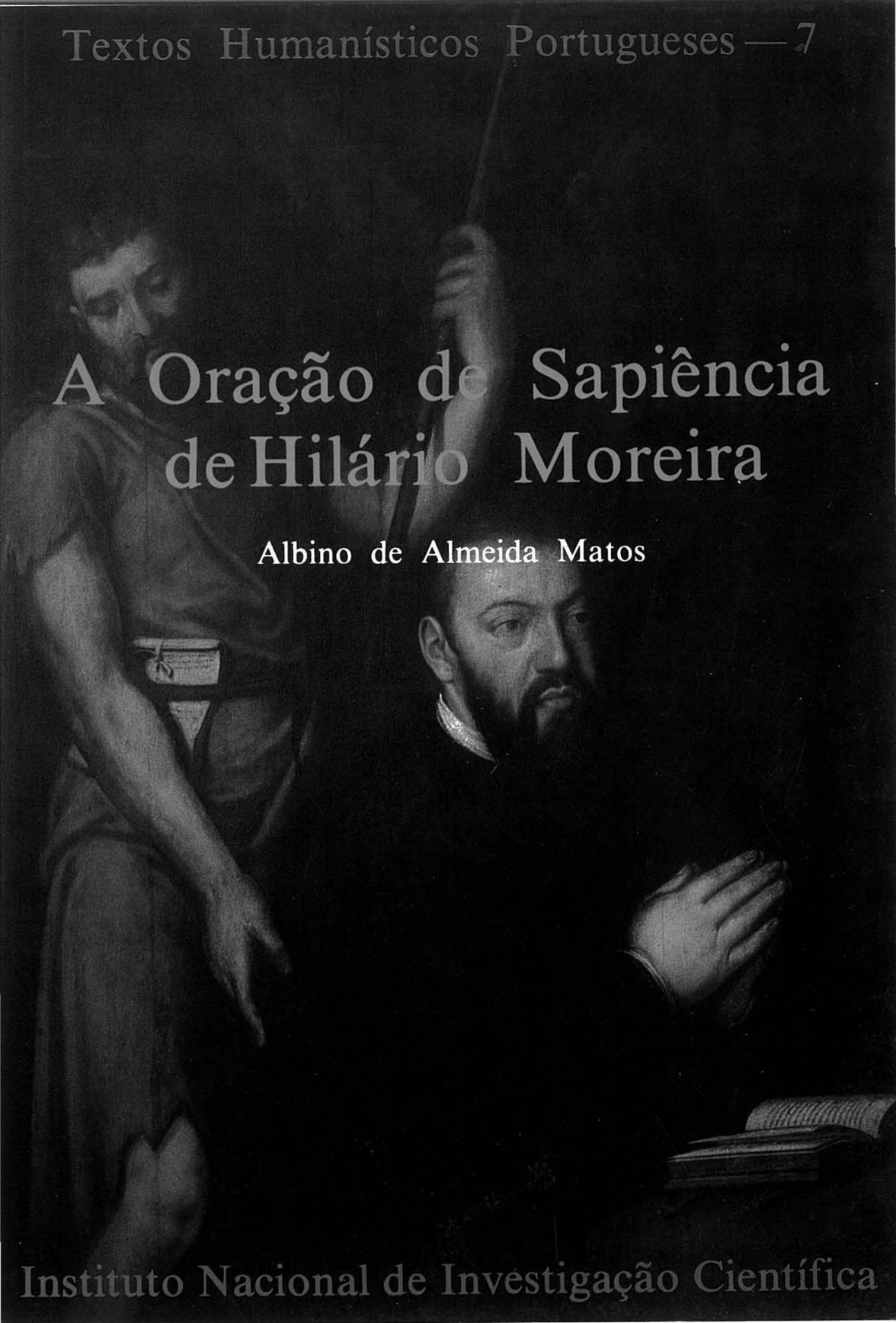


Textos Humanísticos Portugueses — 7



A Oração de Sapiência
de Hilário Moreira

Albino de Almeida Matos

Instituto Nacional de Investigação Científica

(Página deixada propositadamente em branco)

**A Oração de Sapiência
de Hilário Moreira**

(Página deixada propositadamente em branco)

Textos Humanísticos Portugueses — 7

A Oração de Sapiência de Hilário Moreira

Albino de Almeida Matos



Instituto Nacional de Investigação Científica
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Faculdade de Letras de Coimbra

Coimbra
1990

TÍTULO

A ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA DE HILÁRIO MOREIRA

2.^a edição: Outubro de 1990

Série "Textos Humanísticos Portugueses" — 7

ISBN 972-9057-11-7

AUTOR

Albino de Almeida Matos

EDIÇÃO

Tiragem: 1 000 exemplares

Instituto Nacional de Investigação Científica

CAPA

Cristóvão Lopes, *Retrato de D. João III* (Museu Nacional de Arte Antiga): arranjo gráfico de MÁRIO VAZ

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

IMPRESA DE COIMBRA, L.DA

Contribuinte n.º 500157625

Largo de S. Salvador, 1-3 — 3000 Coimbra

DISTRIBUIÇÃO

IMPRESA NACIONAL — CASA DA MOEDA

R. Marquês de Sá da Bandeira, 16 — 1000 Lisboa

Depósito Legal n.º 35208/90

Copyright © ALBINO DE ALMEIDA MATOS

BREVE EXPLICAÇÃO

O livro que ora sai a lume, a solicitação e com o apoio do Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, é o mesmo que viu a luz, pela vez primeira, em mil novecentos e sessenta e dois, então em dactilografia e como tese de licenciatura do autor.

É o mesmo, mas com algumas modificações, que passamos a enumerar: supressão do PRAENOTANDA, texto em latim, onde damos notícia resumida das principais dificuldades que se nos depararam na sua elaboração e agradecemos aos Mestres o muito que julgamos dever-lhes;

retoques no capítulo O PROBLEMA BIOGRÁFICO;

ligeiros reajustes na tradução, no sentido de maior rigor e expressividade;

substituição dos pequenos textos gregos das notas 1, 62, 64, 112, textos que já aparecem no corpo da oração, pela respectiva tradução em português; correcção das gralhas que o dactilógrafo deixou escapar.

A isto acrescentamos numerosa bibliografia que, na maior parte dos casos, é mais recente que a tese. Esta bibliografia que apresentamos em II, respigamo-la, na quase totalidade, do livro BIBLIOGRAFIA DO HUMANISMO EM PORTUGAL da autoria da lic. Isaltina das Dores Figueiredo Martins, a quem, com a devida vénia, prestamos a nossa homenagem.

(Página deixada propositadamente em branco)

O PROBLEMA BIOGRÁFICO

Ao pretendermos traçar, à guisa de preâmbulo ao estudo desta oração de sapiência, um quadro biográfico do seu autor, encontrámo-nos em tais apuros por falta de elementos que, por mais de uma vez, pensamos em desistir da tarefa começada.

É na realidade bem pouco o que acerca de Hilário Moreira conseguimos averiguar.

Fora de discussão o seu nascimento em Coimbra — afirma-o na própria oração — e os graus académicos obtidos na Universidade.

Que ali tenha sido professor de Filosofia, como afirma Barbosa Machado (1) é para nós muito duvidoso, depois de termos percorrido vários livros de *Actos e Graus* e de *Conselhos* da Universidade, nos anos que se seguiram ao seu doutoramento, sem encontrarmos uma única referência ao seu nome. Deve tratar-se duma pura suposição do autor da *Monarquia Lusitana*, que também lhe chama — e aqui com mais seguro fundamento — «notável orador latino».

Terá entendido Barbosa Machado que uma oração de sapiência, com a solenidade que tal acto devia exigir, só aos professores universitários estava reservada. E como a oração era o louvor de todas as disciplinas da filosofia, daí a ilacção.

Mas o facto torna-se mais claro, se confrontarmos as suas palavras com o que diz Nicolau António (2) — decerto a fonte de Barbosa Machado — que lhe chama apenas *lusitanus, conimbricensis*, sem nada mais acrescentar.

(1) Diogo Barbosa Machado, Biblioteca Lusitana, tomo II — Lisboa, 1947. Tais são as suas palavras: «Hilário Moreira, natural da cidade de Coimbra, em cuja Universidade foi insigne professor de Filosofia e não menor orador latino como o manifesta a obra seguinte.» (Vem a seguir o título da oração).

(2) Nicolau António, Bibliotheca hispanica — Madrid, 1788. Referem-se-lhe ainda Martinho Lipénio, Bibliotheca regalis philosophica — Francfort, 1682 e Pedro de Mariz, Diálogo de vária história — Lisboa, 1758.

Em Maio de 1549 os mestres Diogo Contreiras do Colégio das Artes, Doutor António Vaz do Colégio da Graça e António do Souto do Colégio de S. Jerónimo propunham a exame de licenciatura um grupo de 14 alunos, no número dos quais se contava Hilário Moreira. Estuda-se a melhor «maneira em que precederiam, para depois terem seus assentos e tomarem seus lugares de magistério». Hilário Moreira ficava em duodécimo lugar.

A 23 do mesmo mês era aprovado, como aliás todos os outros, *nemine discrepante*, e, em 19 de Junho do mesmo ano o Mestre Diogo de Contreiras, na presença do Reitor, frei Diogo de Murça e do Vice-cancelário, doutor Afonso do Prado, dava-lhe o grau de Mestre em Artes, impondo-lhe as respectivas insígnias.

Logo nesse ano começava a estudar teologia e e, quatro anos depois, iniciava a corrida aos vários graus: bacharel corrente, ou primeira tentativa em 31/12/1553, segunda tentativa em 19/7/1554, primeiro princípio em 22/11/1554, segundo princípio em 29/1/1555, terceiro princípio ou bacharelato em 17/5/1555, quarto princípio em 20/7/1555, magna ordinária em 10/10/1555, parva ordinária em 13/2/1556, augustiniana em 9/7/1557, exame privado em 28/7/1558, licenciatura em 2/10/1558, doutoramento em 16/10/1558 (1).

A licenciatura teve lugar na casa do capítulo do mosteiro de Santa Cruz, tendo-lhe sido conferido o grau pelo prior, D. João, na presença do padre João Pinheiro, do padre D. Teotónio e do padre D. Pedro e «outros muitos».

Dissertou, no exame privado que a precedeu, sobre a diferença entre os sacramentos da Antiga e Nova Lei, e ainda sobre o problema das virtudes teológicas em relação com a visão beatífica. Serviram de texto dois parágrafos do *Epitome in quattuor libros sententiarum* de Pedro Lombardo, que a seguir transcreeveremos:

Do livro IV, distinção I, 3

«Iam uidere restat differentiam sacramentorum ueterum et novorum: ut sacramenta uocemus quae antiquitus res sacras signabant, ut sacrificia, oblationes et huiusmodi. Horum autem differentiam breuiter Aug. assignat, dicens quia illa promittebant tantum et significabant; haec autem dant salutem».

(1) Ao fim, em apêndice, fazemos uma transcrição completa dos vários graus académicos.

Do livro III, distinção III, 2

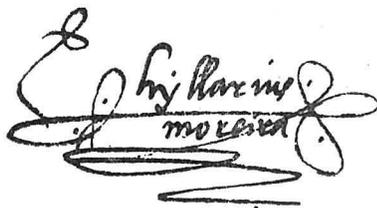
«Advertendum etiam quomodo fides, spes et scientia dicuntur evacuari quia ex parte sunt, et non caritas quum et ipsa ex parte sit. Ex parte enim, id est, imperfecte, diligimus, sicut ex parte scimus, ut ait Aesichius sup. Levit. Cum ergo nunc quod ex parte est evacuetur, cur caritas excipitur, quae dicitur nunquam excidere?

Caritas etiam ex parte est, ut saepe sancti docent, quia ex parte nunc diligimus et ideo ipsa evacuabitur in quantum ex parte est, quia tolletur imperfectio et addetur perfectio; remanebitque ipsa aucta et actus eius et modus diligendi, ut diligas Deum propter se toto corde et proximum tuum sicut teipsum; sed eliminabitur imperfectionis modus.

Fides et spes penitus euacuabuntur; scientia uero secundum actum et modum suum qui nunc est, non secundum sui essentiam, tolletur. Ipsa enim virtus scientiae remanebit, sed aliud tenebit usum et modum».

Do doutoramento — a cúpula do edificio — vamos fazer uma transcrição completa. Diz assim a acta:

«Aos dezasseis dias do mes de Outubro de 1558 años na cidade de Coimbra e mosteiro de Santa Cruz, sendo hi presentes o Sõr Dom Jorge dalmeida R.^{tor} e o R.^{do} padre dom João, vigario do dito mosteiro e cancellario da universidade e junta toda a universidade e outra muyta gente da cidade, ho dito cancellario deu o grao de doutor em theologia ao l.^{do} Illario Moreira e o padre frei J. pinhr.^o, padrinho, lhe pos as insignias doutoraes por comissã do dito cancellario e foram test.^{as} o doutor marco romeiro e o doutor morgovejo e o doutor heitor roiz, o que foi feito às 10 horas de pella minhã e eu escrivão lhe dei juram.^{to} cõforme aos estatutos. Paulo de Barros este escrevi em ausencia de dy^o de az.^{do}».

A handwritten signature in black ink, written in a cursive style. The name 'Hilário Moreira' is clearly legible in the center of the signature.

Assinatura de Hilário Moreira

Que rumo tenha seguido, daqui por diante, a sua vida, qual tenha sido a sua actividade, são problemas a que não sabemos responder como desejávamos. Nas longas e porfiadas investigações a que procedemos em Coimbra, Évora, Porto e Lisboa, nada encontrámos que nos pudesse servir de arrimo seguro, embora nos não poupássemos a esforços, procurando esquadrihar em todas as direcções (1).

Houve, no entanto, algo que nos chamou a atenção e aqui vamos pôr em destaque. Em Santa Cruz de Coimbra, por esta época, aparece um religioso com o mesmo nome — o «Praesbiter canonicus D. Hilarius». Tomou o hábito de Santo Agostinho em 21 de Dezembro de 1530 e veio a falecer em 26 de Maio de 1589 (2). Será este o Hilário Moreira?

Antes mesmo de proceder a qualquer investigação, reparámos num pormenor insólito no texto da própria oração de sapiência: a alusão ao cancelário da Universidade que, como é sabido, era o Prior de Santa Cruz, à sua dependência dele e aos termos fortes com que a traduz, o que nos leva a concluir de antemão tratar-se, pelo menos, de um aluno ou familiar do Mosteiro.

Nem é de pôr a ideia de que se trate de um exagero poético, já que, na mesma linha, e reforçando a ideia de submissão, vai o que se segue:

«Equidem tanti magistri *iussa*, licet difficillima, mihi sereno vultu non suscipere veritus sum, *qui me quotidie, e caliginoso ignorantiae vinculo, bonis suis artibus piisque eximit disciplinis*». (p. 48).

O presente *eximit* diz-nos que, nesta data — Outubro de 1552 — Hilário Moreira, já mestre em artes, com o curso tirado no respectivo Colégio, dependia do prior de Santa Cruz. Não será isto sintomático, tanto mais que nas outras orações de sapiência do tempo não há uma única alusão ao cancelário?

Em suma, não estamos convencidos que a expressão *tanti magistri iussa licet difficillima* tenha aqui o mesmo sentido que teria se fosse aplicada, por exemplo, aos mestres de teologia do tempo, doutor Afonso do Prado e frei Martinho de Ledesma.

Na nossa opinião deve traduzir sobretudo uma acentuada autoridade moral, o que é confirmado pelas *bonis artibus piisque disciplinis* e que nós traduzimos por 'ensinamentos e formação piedosa'. Magistério formativo, que engloba simultaneamente os aspectos intelectual e moral.

E a gratidão que lhe manifesta pelo facto de o ir libertando «e caliginoso ignorantiae vinculo» seria mais uma confirmação desse ensino prático, adqui-

(1) Ver a bibliografia que ao fim publicamos.

(2) Necrológico dos Frades de Santa Cruz de Coimbra. Maço 71 de Santa Cruz, Torre do Tombo.

rido na convivência do dia a dia. Não será portanto conclusão apressada que se trata de alguém particularmente ligado a Santa Cruz ou, ao menos, ao seu Prior.

Mas continuemos. Dedicando a oração a D. João III, Hilário Moreira quer dar uma justificação do facto e alega que o rei «me ad multo maiora animavit, in suorum numerum esse iussit, ad pristina studia revocavit et sufficienti congiario prosecutus est» (p. 44).

Parece fora de dúvida que Hilário Moreira já não era noviço nas letras, pois fala em *pristina studia*. Só que agora o rei chama-o a voos mais altos: *ad multo maiora*, para o que nem sequer falta o estímulo monetário. Ora nesta data, em 1552, D. Hilário tinha já vinte e dois anos de conventual, pois entrara, como noviço, em 1530. Não estaria mal, na sua boca, a expressão *pristina studia*.

Neste contexto, a frase *in suorum numerum esse iussit* parece significar algo mais que a banal protecção do rei a um letrado. Supõe uma relação diferente, do género da que já existia, ao tempo, entre o rei e os cónegos de Santa Cruz.

Sobre esta, no manuscrito *Memórias várias de Santa Cruz* da Biblioteca Municipal do Porto, lê-se o seguinte a propósito da estadia de D. João III em Coimbra, por esta ocasião:

«Assi el rei D. João III nesta formação pelo mesmo modo os tratou, dando-lhes dom e fazendo-os não seus fidalgos, mas seus filhos».

Alusão a esta intimidade real?

Do exposto se conclui que há argumentos de certo peso para ligar os dois Hilários num só.

A mesma raridade do nome seria ainda outro. Fiz também algumas pesquisas neste sentido. Folhiei os livros da *Chancelaria Régia* deste tempo, do *Desembargo do Paço* e outros mais com grandes listas de nomes, e não encontrei um único Hilário. Passei pelos olhos uma relação dos habitantes de Coimbra em 1610 e o mesmo sucedeu.

No entanto, antes de avançarmos mais, uma pergunta se impõe. Era costume em certas ordens religiosas a mudança de nome. Quem nos garante que a não houve aqui?

São as próprias *Constituições de Santa Cruz* que nos dão a resposta. Dizem, no capítulo XIII, 29:

«Quod si nomen eius baptismale minus aptum videatur, poterit a Praelato et Magistro mutari in aliud ad quod novus professus propensior fuerit». Cavendum tamen est, quoad fieri possit, ne in Congregatione sint multi canonici eodem nomine insigniti».

Ora a primeira condição não se aplica a quem usava o nome do grande bispo de Poitiers.

Por outro lado, só mais tarde aparece em Santa Cruz um D. Hilário, também conimbricense, a quem vem a ser entregue a igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa.

Até aqui os principais factores de aproximação. Mas há também argumentos que parecem ir em sentido contrário e vamos apresentá-los igualmente.

Se Hilário Moreira é D. Hilário, porque não aparece nunca, no traslado dos actos académicos, a mais pequena alusão à sua qualidade de religioso, ao menos como noviço, pois já o era com certeza há muito tempo?

Se lermos as actas do seu curso de artes, verificamos que são iguais às de qualquer outro aluno da Universidade, nada havendo que o ligue a Santa Cruz. Estamos numa época de conflitos entre a Universidade e o mosteiro. Terá sido por isso, por uma questão de independência? Ou estaremos diante de uma norma estabelecida?

Também surpreende que a oração de Hilário Moreira fosse editada pelos tipógrafos régios João Barreira e João Álvares, pois sabemos que em Santa Cruz havia, nessa altura, uma tipografia que tinha mesmo os caracteres gregos. É natural que fosse esta a preferida. Porque o não foi? Terá sido por se tratar da tipografia universitária e não se pretender distinguir, mais uma vez, os religiosos do Mosteiro dos outros estudantes?

Por tudo o que acaba de se dizer, quem quer poderá ajuizar do problema e formar o seu juízo sobre ele.

O nosso inclina-se para a junção dos dois Hilários num só, pois os argumentos, neste sentido, parecem-nos mais convincentes.

Para acabar, vamos expor o pouco mais que se sabe de D. Hilário: «D. Hilário faleceu em 26 de Maio, foi sacerdote e depois veo em falta por escrupolos e suspenderam-no e cria quantas cousas difíceis lhe diziam e outras muito claras não queria crer: que um arratel de lã pesa tanto como um arratel de ferro. Estas cousas entre religiosos mancebos havia bem que desenfadar e que castigar.

Perguntavam-lhe cousas difíceis, a que respondia cousas muito graciosas e nunca avia de mintir e buscava rodeos de muito desenfadamento, e contudo muito devoto e zeloso da religião e sempre rezava.

Assi acabou rindo e gracejando com os Irmãos e parece que logo foi possuir os eternos prazeres». (1)

(1) Necrológio dos Frades de Santa Cruz, maço 6,2 da Torre do Tombo, Lisboa.

O HUMANISMO DE HILÁRIO MOREIRA

São dois os aspectos sob que podemos estudar a oração de Hilário Moreira: ideológico e formal.

Do aspecto ideológico já o próprio título nos dá uma ideia, ao chamar-lhe «louvor e estudo de todas as partes da Filosofia». Mas como vamos entender esta palavra? Não decerto ao nosso modo actual. Há assuntos que presentemente nada têm que ver com a filosofia e a ela aparecem ligados aqui.

Temos que regressar ao passado greco-romano, ao tempo em que a filosofia se ligava um conjunto de conhecimentos enciclopédicos, unidos entre si pelas suas causas mais remotas.

É afinal o próprio Hilário Moreira que disso nos adverte, quando diz na p. 52:

«Quapropter, cum philosophia non sit angustis finibus circumscripta sed latissime pateat et, pedissequis suis comitata, orbem illum doctrinarum complectatur qui encyclopaedia dicitur»...

Mas apresentemos, nas suas linhas gerais, um esquema da oração:

Após o prefácio, dedicado a D. João III, Hilário Moreira começa pela habitual profissão de incompetência, seguida da esperança de encontrar generosidade e compreensão da parte dos mestres.

Faz depois uma sumária história da filosofia, cuja excelência põe em destaque.

Ora a primeira condição para que alguém possa ser filósofo, é poder exprimir com correcção os seus pensamentos e, com raciocínio seguro, saber procurar a verdade pelos vários caminhos que a ela levam.

Num caso temos a *gramática*, no outro a *dialéctica*.

Conhecida a verdade, interessa ornamentá-la, de jeito a que atraia os olhares de todos. Para isso vem a *eloquência*.

Mas, para que a filosofia atinja o seu pleno desenvolvimento, é preciso enquadrá-la em ambiente próprio. A inteligência especulativa do filósofo

não se desenvolve de repente, mas pouco a pouco. Um ótimo ensaio para isto são as *matemáticas*, cuja necessidade já Platão reconheceu.

Em seguida podemos já lançar-nos ao estudo dos fenômenos da natureza e das leis secretas a que obedecem. E assim aparece a *filosofia natural*.

Do cosmos faz parte também o corpo humano — o microcosmos dos gregos. Interessa portanto conhecê-lo, favorecer o que possa contribuir para o seu desenvolvimento, evitar o que o possa prejudicar, e curá-lo quando a doença lhe bater à porta. É a vez da *medicina*.

O homem, ser inteligente, sabe que tem obrigações: umas provenientes da própria natureza; outras da vida social. E esta, para o cristão, gira em duas esferas: civil e eclesiástica. Daí a *ética*, o *direito civil* e o *canônico*.

Finalmente a nossa inteligência iluminada pela Fé, diz-nos que temos um fim sobrenatural a atingir e que para ele tudo se deve orientar. Chegámos pois à *teologia*, «ad quam tersissima liberalium artium studia contendunt». Efectivamente o filósofo cristão sabe que Deus se dignou vir em seu auxílio, dando-lhe um novo e mais perfeito modo de o conhecer e mostrando-lhe o caminho a seguir, para alcançar o fim a que tende.

Irá portanto mobilizar todos os recursos da sua inteligência para averiguar da racionalidade desta revelação, procurar compreender o que lhe seja acessível e aceitar o resto com inteira submissão.

Em seguida, à maneira de remate, faz ainda um largo panegírico da filosofia.

Vem depois o ritual elogio a D. João III e ao reitor, D. Manuel de Meneses.

No elogio do rei, há alusões ao grande impulso que as letras então receberam com a transferência da Universidade para Coimbra, à fundação dos colégios universitários, à generosidade do rei e ainda à obra dos portugueses em África e na Índia, invocando-se o título jurídico da época à conquista das novas terras: «*terras Ecclesiae ab infidelibus tyrannide occupatas.*»

Sobre D. Manuel de Meneses queremos pôr em destaque que aí se dá a entender ter sido a sua nomeação para o cargo feita pelos professores universitários, de harmonia afinal com as constituições manuelinas, quando outros afirmam ter sido feita pelo rei (1).

Termina por fim, com o elogio de Coimbra, seguido ainda duma breve referência à filosofia.

(1) Mário Brandão e Lopes de Almeida — A Universidade de Coimbra, esboço da sua história — Coimbra, 1937.

Como se vê, estamos dentro do esquema aristotélico-tomista, em que tanto se notabilizou a Sorbonne, a cidadela da Escolástica.

É a tradução prática do célebre pensamento de S. Paulo: «*Omnia uestra sunt, uos autem Christi, Christus autem Dei*», um esboço, em traços rápidos, da velha catedral medieva.

Estudam-se os clássicos, imita-se a sua linguagem, aproveita-se o seu saber, mas só enquanto possa enquadrar-se no esquema cristão.

A alguns séculos de distância já, estamos perante um eco, embora mais no aspecto especulativo, da elaboração augustiniana da *Cidade de Deus*.

Se agora fizermos um rápido confronto da oração de Hilário Moreira com as outras orações de sapiência do tempo, verificamos que, embora todas obedeçam a um esquema geral comum, há todavia certas particularidades nesta que a diferenciam um pouco das outras. Assim, em certas disciplinas o louvor é omitido, ou abordado só de passagem. Tais são a música, a poética, o conhecimento das línguas, a astronomia. Depois de falar da teologia, volta-se de novo para a filosofia, de que tece um longo panegírico.

Apresenta também um belo elogio de Coimbra.

Terá Hilário Moreira seguido de perto outros modelos que não os parisienses? Quanto ao elogio de Coimbra, não oferece dúvidas que lho inspirou a oração de sapiência de Cataldo Parísio Sículo, proferida na Universidade de Bolonha em 1500. Há ali também o elogio de Bolonha. E a coisa não ficou só por aqui. Como se verá mais adiante, Cataldo forneceu ao nosso autor abundância de material, particularmente no que diz respeito à retórica e ao direito.

Nem admira que assim fosse, tratando-se dum célebre jurista de Bolonha e do *orator* da corte de D. João II.

Mas, apesar disso, Hilário Moreira não segue o esquema de Cataldo e omite até o elogio da poética.

Quer dizer, estamos em face duma oração com um cunho de personalidade, que me parece superior ao das outras, se atendermos, não tanto ainda ao esquema, mas à maneira de ligar os assuntos à volta da ideia central — a filosofia.

Só é pena que, ao revestir de carne o esqueleto, Hilário Moreira andasse, por aqui e por ali, à busca de pensamento alheios, mais preocupado com o aspecto formal, que com o ideológico.

Mas esta atitude justifica-se. Por um lado era o ambiente geral da época. Como observa C. Pimpão na sua *História da Literatura Portuguesa*, o que interessava não era o que se dizia, mas como se dizia.

Por outro lado, mais não seria de esperar, atendendo a que, quem fazia estas orações de sapiência não eram mestres experimentados, mas ex-alunos recém-chegados ao grau.

Belchior Beleago, por exemplo, proferiu a sua oração em 1548, vindo a doutorar-se só em 1556. António Pinto era apenas bacharel em artes. Pedro Fernandes ainda não era bacharel em direito canónico.

Nestas condições, compreende-se que nem a cultura fosse grande, nem ainda demasiado amadurecida, para que se sentissem à vontade; e, como o assunto era sempre o mesmo nas suas linhas gerais, daí que fossem procurar a novidade mais ao aspecto formal, para o que, de resto, deviam estar mais bem preparados.

Busca-se afanosamente a imitação dos clássicos, particularmente de Cícero, e enxertam-se os seus pensamentos num contexto de tal forma elevado, que se torna difícil distinguir, pelo estilo, o que pertence ao autor ou o que foi beber a outras fontes.

Com Hilário Moreira — e estamos certos de que a «doença» era geral — a recolha de materiais alheios vai mais longe do que era de esperar, não se limitando só aos modelos clássicos.

Nas várias pesquisas que fizemos nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, encontrámos três obras que, para o nosso autor, tiveram uma importância capital.

São elas: *Antiquarum Lectionum libri*, de Luis Célio — Basileia, 1517, a *Oração de Sapiência* de Cataldo Parisio Sículo, proferida em Bolonha em 1500 e incluída em *Poemata et Epistolae* do mesmo autor, e a *Epistola LXXXIII* de S. Jerónimo, in *Inuentarium secundae partis Epistolarum*, de 1512.

Aqui Hilário Moreira veio não só respigar um ou outro pensamento mais belo ou uma palavra mais rara, mas parágrafos inteiros, acompanhados das respectivas citações que esses autores se lembravam de fazer, numa tal falta de escrúpulo, que hoje nos deixaria boquiabertos,

Tudo isto é em seguida incorporado na oração com tal mestria e arte, que não é fácil apercebermo-nos estarmos em face de pensamentos, palavras e exemplos de outrem — cujos nomes, de resto, são quase sempre omitidos —, tanto mais que ordinariamente as frases não ficam na mesma ordem em que se encontram nos respectivos autores, mas obedecem a um critério de agrupamento diferente, que no entanto as articula perfeitamente no conjunto.

Vejamos um exemplo:

Célio:

«*Mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa uel gradus, quibus conscenduntur altiora ... Ceterum initio geometria praecipue et aritmetica in mathematicarum album a Pytagora sunt aduocatae quod ad omnem scientiam omnemque disciplinam capessendam, has cum primis accomodas perspexisset... Sed etiam mathematica speculatio ad cogitationis acumen a Platone suscepta est, quod surrigat animum et ad rerum diuinarum intuitum mentis aciem exacuat. Quamobrem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia mathesin expetere perrexerimus, omnis nostra indagatio recasura in nihilum est, mudior Leberide et Cinclo pauperior. Nam mathematicae speculationes uelut praeludium quoddam ad diuinarum perpensionem statuere conuenit... Nam geometriae adest hoc imprimis quae initium est et tanquam ceterarum metropolis».*

Antiquarum lectionum libri, 4,30

Hilário Moreira:

«*Mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa, quibus altiora conscenduntur et quaedam praeludia ad diuinarum perpensionem. Quarum speculatio a Platone susceptata est ad cogitationis acumen, quod erigat animum et ad rerum diuinarum intuitum aciem mentis exacuat.*

Quam ob rem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia mathesin expetere perrexerimus, omnis nostra indagatio recasura in nihilum est nudior leberide et Cinclo pauperior.

Ceterum initio geometria, ceterarum metropolis, et aritmetica in mathematicarum album a Pytagora sunt aduocatae, quod ad omnem scientiam omnemque disciplinam capessendam has cum primis accomodas perspexisset».

Hilário Moreira, pp. 62 e 64.

Repare-se nas duas pequenas expressões: *praeludia ad diuinarum perpensionem* e *ceterarum metropolis*. A sua deslocação e aproveitamento diz-nos bem até que ponto era sensível ao efeito dum termo mais raro ou numa expressão mais feliz, este singular pescador de pérolas. Temos a impressão de assistiu já a uma espécie de ensaio de arte pela arte.

Mais exemplos poderíamos apresentar. Entendemos, porém, que este dará uma ideia do que acabámos de dizer.

A Cataldo, foi Hilário Moreira buscar a maior parte do que diz sobre a oratória e o direito.

De S. Jerónimo tira muito do que apresenta acerca da teologia, inclusive três citações de Vergílio, com o respectivo enquadramento.

Algumas vezes porém estes autores fornecem-lhe sugestões mais vagas, que depois são desenvolvidas a gosto próprio. Sirva de exemplo o seguinte texto de Célio (1): 13.43, e confronte-se com o que Hilário Moreira diz a respeito da teologia, p. 76:

«Etenim diuinum lumen in angelicam primum descendit naturam et ab ipsa mox, reuelationibus et diuinis demonstrationibus, ... ad nostram usque intelligentiam participationemque se transfudit. At humana mens, eisdem rursus gradibus, ad superna conscendens, sacra diuini eloquii inspectione, caelestia secreta et eam quae in angelis est, diuinae claritatis illuminationem perpendit, ex qua paulatim in invisibilium agnitionem succrescens, ad ipsum tandem diuini et summi luminis splendorem contemplandum conualescit.

Unum siquidem lumen ad multa se dividit illuminanda. Ut illuminata omnia ad unius claritatis aspectum similitudinemque reformet.

Claritas Patris, unius emissionem simplicis radii et illuminationem, per cuncta se diffundit et penetrat uniuersa, quum unam sapientiam Pater genuit, per quam omnia curcta sua fecit. Verbum quidem Patris lumen de lumine est. Unum Verbum et radius unus. Et ipsum Verbum sapientia est. Et ipsa sapientia lumen et procedens»... (2).

Estamos convencidos que foi esta a fonte onde Hilário Moreira veio beber a sugestão da *ardente luz divina*, de que encontrou uma bela expressão no canto VI da Eneida, v. 724-728, e ainda a ideia de falar da visão dos bem-aventurados, o que confirma com um pensamento de Santo Agostinho.

E embora estejamos convencido que, ao falar da teologia, Hilário Moreira teria forçosamente de aludir à Trindade em Deus, parece-nos todavia que a alusão ao Verbo, como *Sabedoria do Deus Pai*, tenha sido ainda sugerida pela leitura deste capítulo.

Além dos autores já mencionados, Hilário Moreira aduz textos de Platão, Aristóteles, Plutarco, Diógenes Laércio, Vergílio, Homero, Santo Agostinho,

(1) Este autor é o que Hilário Moreira mais aproveita. A sua obra enciclopédica de 800 páginas, recheada de citações dos clássicos, deverá ter sido um dos melhores mananciais para aquele tempo.

(2) Sublinhámos as passagens que tivemos por mais importantes.

a Sagrada Escritura especialmente S. Paulo, Demóstenes, Teofrasto, Temístio, Luciano, Hipócrates, Quintiliano, Séneca, Galeno e Vitruvius.

Já vimos que muitos não foram colhidos na própria fonte. Era, na verdade, bem mais reduzido o seu conhecimento dos clássicos.

À parte Cícero, Virgílio, Homero, Quintiliano, nenhum outro autor clássico deverá ter sido manuseado no original.

O próprio Diógenes Laércio deve ter sido consultado, não no texto grego, mas numa tradução latina do mesmo, como esperamos demonstrar mais adiante, ao fazermos as várias anotações ao texto.

A tendência para abonar, com exemplos tirados dos clássicos, a doutrina que se ia expondo, chega mesmo ao exagero. Atente-se na citação que faz do pseudo-Aristóteles, em que este compara os que deixam a filosofia pelas outras ciências, com os pretendentes de Penélope que, não podendo conquistar a senhora, se voltavam para as escravas. Esta citação foi tirada de Célio. Mas Hilário Moreira acrescentou-lhe uma localização dos pretendentes, o que, quanto a nós, vem totalmente a despropósito. É apenas um meio de alardear erudição.

Tão longe vai a busca do molde clássico para o ajustar ao próprio pensamento que, talvez por causa disso, Hilário Moreira chega a transpor as barreiras da ortodoxia.

Na teologia, ao falar do Espírito Santo, e levado certamente pelo desejo de adequar à grandeza do tema uma forma condigna, apresenta um pensamento de Vergílio, a que já nos referimos, todo ele repleto de panteísmo lucreciano, na linha directa da tradição greco-romana.

E, após o naufrágio, cândidamente rejubila, numa comparação cheia de poesia, de a sua frágil canoa ter transposto, sem novidade, os escolhos doutrinários.

Desculpemos o mestre em artes, para quem vinha longe ainda o doutoramento em teologia! (1)

(1) A título informativo, vamos apresentar uma relação dos livros de Pedro Fernandes, que encontramos nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, escrita na primeira folha do livro: *Acutissimi diuinorum arcanorum scrutatoris Iacobi Almain, in tertium sententiarum utilis editio-Parisiis, 1516.*

Ela dar-nos-há uma ideia de orientação e dos centros de interesse à volta dos quais gravitava a cultura intelectual de pessoas como Hilário Moreira:

Nomina librorum Petri Fernandi
barbaree collegii sacellani

libri Petri

Biblia uolumine magno Lugduni formulis excussa
Textus beati Pauli paruo uolumine

Voltemo-nos agora mais directamente para o aspecto formal, que tanto desvelo mereceu ao nosso autor.

Sermones Augusti magno uolumine formulis parisiensibus
Augustinus de ciuitate et trinitate eodem uolumine magno compactis
Omnia opera Bernardi unico uolumine magno contenta
Catena aurea Sancti Thome magno uolumine
Thomas super Paulum et super Iohanem uoluminibus duobus magnis
Anteluterus et propugnaculum ecclesie unico uolumine contenta Colunei formulis
Quarta et quolibeta Domini de tractatu unico uolumine composta
Textus magistri sententiarum paruo uolumine
Durandus duobus uoluminibus complexus
Secundus tertius et quartus maioris tribus uoluminibus
Petrus de Abaco paruo uolumine
Quartus et iste tertius Domini Almain
Homilie totius anni mediocri uolumine complexe
Sermones sancti Vincencii tribus paruis uoluminibus
Moralia August. Monte Sancto et Almain
Totum decretum tribus uoluminibus mediocribus contentum
Summa angelica mediocri uolumine
Legende sanctorum magno uolumine
Popilia

Libri humani

Phisica Hangest magnus uolumine
Problemata Aristoteles magno uolumine } Columnei
Ethica Aristoteles paruo uolumine }
Perihermias magno
Predicabilia predicata noticie unice(?) eodem uolumine
Summule Anzinas et Columelle duobus uoluminibus
Valerius Maximus magno uolumine
Justinus Orosius eodem uolumine magno
Chiliades Orosius magno uolumine
Lactantius magno uolumine
Angelus Policianus mediocri uolumine
Officia Ciceronis paruo uolumine
Epistole ex familia(?) Erasmi paruo uolumine
De componendis epistolis Erasmi p.v.
Plinii epistole paruo uolumine
Opuscula Plutarchi magno uolumine
Plinius naturalis historie magno
Cornucopie et Calipinus duobus magnis v.
Opera(?) Erasmi fabule Aesopi eodem paruo v.
Candirianus Cardinalis de sermone latino
Parua colloquia Erasmi
Rethorica paruo uolumine
De uita et honestate sacerdotis

Não há dúvida de que, para ele, estava Hilário Moreira especialmente preparado.

O seu período, embora muitas vezes um tecido feito de vários retalhos, é fluente, cadenciado, com o movimento longo da prosa ciceroniana.

Repare-se, por exemplo, nestes períodos, de cuja originalidade não nos seria lícito duvidar:

«Quidquid igitur, uiri patres, ultra mearum uirium tenuitatem, ausus uel offerre uel dicere fuero, id omne parendi necessitas excuset.

Quum enim, uestra animatus fiducia, huc ascenderim, non leporem sermonis inquiretis spero, in quo et vos apprime estis eruditi, sed quaecumque meum dicendi genus singulari fauore sustentabitis.

Nec nouis ac inusitatis immorabor, ex quibus attentionem petunt rhetores; scio enim summum eos subire discrimen qui nouis studeant, cum laus, si succedat ad uotum, uituperium, si contra, sint in procinctu.

Ea tamen rei est qua de agimus maiestas, ea dignitas, illud fastigium, ut nolentes uolentes, uos in admirationem rapiat» (p. 48).

Há aqui um ritmo acentuado, uma frase larga sem constrangimento uma cadência que nos faz lembrar Cícero.

De ordinário as várias partes do discurso estão bem concatenadas entre si, numa sequência natural e espontânea, sem saltos nem transições bruscas. As passagens de uns assuntos para outros operam-se gradualmente, procurando mesmo aproximá-los pelo que têm de comum.

Veja-se, como modelo, a maneira de passar da dialéctica à eloquência:

«Quam (dialecticam), quia neruos omnes et totius orationis robur ipsa suggerit primasque ducit lineas, rhetoricae uero uiuos addit colores, propterea eloquentiae finitimam esse asserit Cicero» (p. 60).

Revela-se um bom conhecedor da língua latina. Os seus termos são sempre apropriados, chegando mesmo a substituir palavras nas transcrições que faz dos vários autores.

Virgilius paruo uolumine
Mantuanus in ... Não se lê.
Juuenalis Persius paruo uolumine
Laurentins Valla Priscianus eodem uolumine magno
Ausonius Nebrissensis magno
Utraque pars despauterii
Sulpicius paruo
Gramatica et sintaxis Maleponis(?)
Missale et unum breuiarium romanum
Donati opera magno uolumine
Cipriani opera paruo uolumine

Assim, enquanto Cataldo diz: «et cum uenisset defensurus Cicero», Hilário Moreira, (p. 60), põe: «At cum defensurus Cicero aduentasset». Achamos mais feliz esta ordem de palavras e a escolha do verbo e da adversativa. A frase torna-se mais movimentada, mais enérgica, o que fica bem no ambiente de expectativa que a cena descrita em nós desperta.

Não podemos supor que estas substituições fossem eventuais. Elas revelam antes um destro conhecedor da língua, usando-a conscientemente e sabendo tirar dela efeitos estilísticos.

Mas ... «aliquando dormitat bonus Homerus».

Aparece-nos realmente um caso — além de outros, em que talvez haja corrupção do texto —, a que estas nossas observações parecem não ter aplicação.

Na (p. 50), diz: ... «quod (Pythagoras) philosophiae *domicilium* in Italia diutissime *excoluerit*» (1).

Não vemos que possam unir-se *excolere* com *domicilium*. Pretenderia o nosso autor ligar *excolere* sintacticamente a *domicilium* e conceptualmente a *philosophiae*?

Se assim é, não achamos que se trate dum processo muito feliz.

Embora Hilário Moreira, respigue pensamentos de vários autores e de diferentes épocas, não nos apercebemos, no entanto, que houvesse evolução semântica no seu vocabulário. As palavras são usadas ordinariamente no sentido dos autores clássicos, em especial de Cícero. Exceptuamos termos como *academia*, *licium*, *rector*, etc. que, como é claro, se aplicam a conceitos diferentes dos conceitos antigos.

Há, por vezes, a busca da palavra rara do grecismo erudito, a que não parece alheio um certo preciosismo. Repare-se, por exemplo nesta frase: «At iam nos uocat operis choronis, iam in iocundissimam incidimus catastrophem» (p. 90).

Apresenta algumas palavras em grego, palavras gregas isoladas, como *ὄργανόσκοπος*, (p. 54) *ψυχαγωγός* (p. 54); aparecem palavras gregas vestidas de roupagens latinas, como *matheseos* e *matesin* (tiradas de Célio (p. 62) *sophiam*, *sophi* (p. 50) vários helenismos morfológicos como: *logicen* (p. 58), *Horomasin* (p. 72), *Syrtin* (p. 80), *Charybdim* (p. 80).

Aparecem também dois helenismos sintácticos: dois infinitos a servir de complementos de fim, decerto numa tradução pouco livre de qualquer

(1) O sublinhado é nosso.

autor grego. Vejamos: (Grammatica) «linguam componit voces formare formatas denique congrue eloqui (1) instruit».

Em resumo: a forma literária indica-nos que estamos diante dum humanista, bom conhecedor da língua latina e dos seus recursos.

Quanto ao grego, embora não possamos fazer um juízo tão seguro devido ao seu costume de beber abundantemente nas várias fontes, não há dúvida de que conhecia, pelo menos, os Poemas Homéricos. Apresenta citações da Odisseia que, sem dúvida, ele mesmo foi procurar. Mas não devia ficar-se só por aqui. De resto, não será muito arriscado ver neste autor um fruto da escola do célebre Vicente Fabrício, sobre cujo ensino Clenardo dizia: «se me é lícito meter-me a profeta, muito Coimbra há-de florescer no estudo das línguas.» (2)

Não queremos terminar este capítulo sem uma alusão ao espírito poético que Hilário Moreira revela através da sua oração. Leia-se, por exemplo o que diz na p. 78, quando começa: «Qui uero alienos quaerunt amores...»

Embora não saibamos até onde vai também neste caso a sua originalidade, não há dúvida, pelo menos, que estamos diante de alguém de fino e apurado gosto pela arte das musas.

(1) Devemos acrescentar que dois manuscritos têm *eloquio*. Preferimos porém a forma verbal paralela a *formare* e que vem no impresso. Parece-nos que o uso do advérbio em *congrue* reforça a nossa posição.

(2) Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira — Clenardo — Coimbra, 1926.

(Página deixada propositadamente em branco)

CLÁUSULAS MÉTRICAS

Parecia-nos incompleto o estudo do humanismo de Hilário Moreira, se não apresentássemos aqui, à maneira de epílogo, algumas considerações sobre o uso das cláusulas métricas.

Se efectivamente o movimento largo e cadenciado da sua prosa nos sugere a prosa de Cícero, isso é devido também ao emprego, nos finais de período, das cláusulas do Arpinate.

De harmonia com a doutrina exposta nos tratados *Orator*, *De Oratore* e *Partitiones Oratoriae*, as combinações que mais recomenda e usa são:

Duplo crético - v - / - v -

Crético mais espondeu - v - / - -

dicoreu - v / - v

duplo espondeu - - / - -

péon 1º mais espondeu - v v v / - -

De todas elas encontramos exemplos em Hilário Moreira. Vejamos:

Duplo crético:

nōn ērām¹nēsčiūs (46)

āntēa ēfflūxērīnt (50)

cīuītās gēssērāt (60)

officīūs¹ēxcōlānt (82)

Crético mais espondeu:

iniūrīā¹dicām (46)

aerumnarūm lēuāmētūm (48)

procēdīt in¹tūrbās (60)

refērrēt accēptūm (50)

cōllōcā¹tī sūnt (66)

ōrē prō¹fūsā (72)

Dicoreu:

satis explicāre pōssit (46)
attentissimas cōmpārābit (50)
diligenter sint intēprētātī (56)
persuasus libērārīt (62)
animos indūāmūs (48)
iudiciorum illigātā (68)

Duplo espondeu:

obtemperare dētērrēbānt (46)
necessitās ēxcūsēt (48)
in prōcinctū (48)
litterārūmcūlmen (48)
sophi appēlāttī sūnt (50)
in tenebris sāltārē (82)
distētādīffert (60)
ambiguitātem ēfēirē
uiuendi modūm prāescribāt (66)
quos nēmōuēxāt (68)
censurae plāne ōstēndūnt (72)
decus et ōrnāmētūm (86)
christianā mētiris (88)
calamitās ēxtinguēt (90)

Péon 1º mais espondeu:

tranquillam āgērēuitām (88)
cōnstītūērētūr (88)

Desta última, no entanto, só encontramos estes dois exemplos, enquanto que são muito numerosos os exemplos de dicoreus, duplos espondeu e crético mais espondeu.

Mas há ainda outras cláusulas embora menos frequentes.
Tais são:

Espondeu crético -- / - ∪ -

singulari fauore sūstētābītis (48)
id señsīt Sōcrātēs (52)
si lucernām rēstīnxēris (54)
ēt splēndēscērē (90)
cōnsēruāntīūm (84)

Cláusula heróica - ∪ ∪ / - ∪

acrius ēxtīmūlāuit (52)
secum uīuērēcōgūnt (50)
sortiti ēxīlīērūnt (52)

Péon 4º tríbraco ∪ ∪ ∪ - / ∪ ∪ ∪

consūlērē mālūērīm (46)

Péon 4º mais crético ∪ ∪ ∪ - / - ∪ -

magnificentīūs ēt āngūstīūs (48)

Espondeu tríbraco -- / ∪ ∪ ∪

in admiratiōnēmrapīāt (48)
nōmēnpēpērīt (86)
discere nōn ērūbīūt (82)

Péon 4º espondeu ∪ ∪ ∪ - / --

sāpērē cōepīssēt (82)

Coreu crético - ∪ / - ∪ -

constipatum intūēbītūr (84)

Dáctilo crético - ∪ ∪ / - ∪ -

lēgītīme ĩmpĕrāt (86)

Coriambo crético - ∪ ∪ - / - ∪ -

philosophiāe stŭdĭōsĭssĭmŭs (50)

Como se vê, há uma grande variedade de combinações, mas todas elas se podem incluir no esquema ciceroniano.

Pode causar talvez certa estranheza a relativa abundância do tríbraco, substituto do coreu. Porém o seu uso não deveria ficar mal, quebrando um tanto a monotonia dos finais longos.

E note-se como nas cláusulas menos usuais aparecem, como elementos componentes, e de harmonia ainda com a boa tradição ciceroniana, o crético e o péon (1).

(1) Neste trabalho seguimos de perto os esquemas de Laurand.

TEXTOS DA ORAÇÃO E SEU ESTUDO CRÍTICO

Até ao presente, conhecem-se cinco textos da oração de sapiência de Hilário Moreira: dois impressos e três manuscritos.

Os impressos, que reputamos os mais antigos, são dois exemplares perfeitamente iguais duma única edição feita pelos tipógrafos régios João Barreira e João Alvares, logo a seguir à leitura da oração em 1 de Outubro de 1552.

Os manuscritos, como iremos demonstrar, são cópias ulteriores de qualquer exemplar impresso. Encontram-se em Évora, Coimbra e Lisboa.

Os primeiros estão: um na Biblioteca Municipal do Porto e o outro na Biblioteca Menéndez Pelayo de Santander.

O do Porto faz parte duma miscelânea que tem a cota y - 3 - 58. Está na Casa Forte da Biblioteca e mede de comprimento 19 cm, e de largura 13,5 cm.

Compreende este volume:

Georgii Coelii lusitani de Patientia christiana liber unus // Item nonnulla alia quae in fine uidebis // 1540.

Lamentatio Diuae Mariae Magdalenae ad Domini nostri Jesu Christi sepulchrum / Georgio Coelio auctore.

Ad Ludouicum Infantem Principem Serenissimum Regis Emmanuelis filium de simulachro Virginis deipara ab eodem in direptione urbis Tunetis reperto Georgii Coelii Lusitani carmen heroicum.

Quaedam epigrammata.

Ad Nicolaum Clenardum/ode monoclos.

Reverendissimo Do/mino et excellentissimo Principi Alfon/so S.R.E. tituli Sanctorum Ioannis et/ Pauli Cardinali ac Portugalliae Infanti// Georgius Coelius/ S.P.D.

Victoria Lusitanorum aduersus Turcas per Georgium/ Coelium Lusitanum.

Georgii Coelii Ele/gia in obitum excellentissimi Principis Alfonsi/ S.R.E. Tituli Sanctorum Joannis et / Pauli Cardinalis, ac Portu/galliae Infantis.

Conquestio Virginis/Deiparae cum Domini nostri Iesu Christi corpus de/cruce depositum est/Georgio Coelio auctore.

Georgii Coelii Lusita/ni in libellum Luciani de Dea Syria a se lati/nitate donatum ad Henricum Infantem / Principem illustrissimum electum Archiepiscopum Bra/carensem et Hispaniarum Primatem / Praefatio.

Luciani de Dea Sy/ria Liber unus Georgio Lusi/tano interprete.

Georgius Coelius Laurentio Caceri S.P.D.

Laurentius Caceres ad Georgium Coelium.

Arnoldi/ Fabricii Aquitani de/ liberalium Artium studiis oratio Conimbricae habita in / Gymnasio regio pridie quam ludus aperiretur IX/ Cal. Martii/, 1547. // Conimbricae/, apud Joannes Barrerius et Joannes Alvares // 1548.

Ignatii Mora/lis oratio panegyrica ad inuictissimum Lusi/taniae Regem diuum Joannem tertium, nomine/ totius Academiae Conimbricensis, atque/ in eiusdem scolis habita, ipsa etiam/ Regis coniuge augustissima/ diua Caterina Lusitaniae/ regina, et regni haerede/ principe filio diuo/ Joanne/ serenissimo eiusdemque regis sorore diua/ Maria Serenissima praesentibus.

L.Andr.Resendii/ Oratio habita Conimbricae / in Gymnasio regio, anniuersario dedicationis eius die / quarto calendas Iulii // 1551.

Emmanuelis / Costa Iurisconsulti / Lusitani regii Senato/ris de nuptiis Eduardi Infantis Portu/galliae atque Isabellae, Illustrissi/mi Theodosii Brigantiae Du/cis germanae, Carmen / heroicum.// Conimbricae// Excudebant Joannes Alvarus et Joannes Barrerius typographi regii Anno 1552.

Eiusdem duo epigrammata.

Eiusdem de Conimbricensi Academie a Serenissimo Lusitanorum Rege Joanne huius nominis tertio feliciter instituta carmen.

Eiusdem aliud epigramma.

Petri Ferdinandi in doctrinarum/scientiarumque omnium commendationem oratio apud universam Conimbricæ Academiam habita Calen./ Octob. Anno/ 1550// ad inuictissimum Ioannem Portugalliae/ Regem // Conimbricæ // Excudebant Joannes Aluarus et Ioannes Barrerius.

Hilarii Moreiræ Conimbricensis, ad inuictissimum Lusitaniæ Regem D. Ioannem tertium/ de omnium Philosophiæ / partium laudibus / et studiis / oratio // Apud Conimbricense Iyceum uniuersi terrarum orbis florentissimum de more Academiae habita calend. Octob. Anno salutis / 1552 // Conimbricæ // Ionnes Barrerius et Ioannes Aluarus / Regii typographi/ excudebant.

Oratio de Scientiarum omnium magnarumque artium laude ab Antonio pinto habita apud Universam Conimbricensem Academiam Kalendis Octobris Anno/ Domini 1555 // Ad illustrissimum Ioannem Ducem / D'aveiro / Conimbricæ // Apud Ioannem Aluarem typographum regium.

Melchioris / Beleago Portuensis de /Disciplinarum/ omnium studiis oratio ad universam / Academiam Conimbricæ habita / Cal Octobris // 1548.// Conimbricæ/ apud Ioannem Barrerium e Ioannem Aluares // 1558.

O exemplar de Santander é a quarta de cinco orações de sapiência, reunidas todas num único livro e que tem por título *Orationes Antiquæ Lusitanorum*. São as outras as de Melchior Beleago (1548), Pedro Fernandes (1550), André de Resende (1551) e Jerónimo de Brito (1554). Há ainda, no mesmo volume, mais três orações panegíricas — as de António Luis (1539), Inácio Morais (1554) e Diogo de Teive (1553) e cinco orações manuscritas, que devem ser exercícios retóricos das aulas de Santa Cruz (1).

(1) Foi nossa fonte de informação, pelo que diz respeito a este códice, um artigo do Sr. Dr. Luis de Matos no Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, vol. III, I, e ainda uma nota do Sr. Doutor Costa Pimpão no seu Compêndio de Literatura Portuguesa.

O manuscrito de Évora pertence ao códice c XII/1-25, n.º 480, da Biblioteca Pública daquela cidade. Não tem introdução, o mesmo se verificando com as outras duas orações de sapiência.

Deste códice, que mede 21 cm. de comprimento e 16 cm. de largura, fazem parte:

Melchioris/ Beleago ...oratio etc. ... 1548.

Arnoldi / Fabricii Aquitani ... oratio ...etc. 1547.

Hilarii Moreirae ... oratio ... 1552.

Sumaria / Recapitulação da antiguidade da Sé / de Lamego, Bispos e Cristan/dade dela e da sua nobreza/ composta pelo Doutor Manuel Fernandes, Cónego, e Leitor da Escritu/ra Sagrada, na mesma Sé: e ti/rada do capitulo 35 da sua /Portuguesa Miscelânia //. Com licença impressa em / Lisboa / por Manuel de Lira / 1597.

Insulae Materiae / Historia / Cui accesserunt orationes duae habitae/ coram S.S.D.N. Clemente Octauo/ in festo Sanctissimae Trinitatis, et/ Gregorio XIII in festo Ascensi/onis Domini, et alia latina /nonumenta. Omnia/ per.Emmanuelem Constantinum / Funcalem Lusitanum Sacre / Theol. Doct.edita // Ad Philipum III / Catholicum / Hispaniarum et Indiarum regem / Potentissimum //

Superiorum permissu // Romae, ex typographia Nicolai Mutii M D I C

Oratio/ habita coram SS D.N. Clemente VIII /Die XXIV Maii 1592, in festo San/ctissimae Trinitatis inter Missarum / solemniam.

Oratio / habita coram S.^{mo} D.N. Gregorio XIII/ dia 24 Maii 1582 in die Ascensionis Domini.

Oratio habita Romae in laudem / S.D.N. Sisti V Pont. Opt. Max./a Doctore Emmanuele Constantino / cum in Gymnasio Romano, primam / Logicae Cathedram inciperet expli/care, tertio nonas Novembris/ 1588.

Oratio / in funere Philipi II / Hispaniarum et Indiarum Regis / Invict. qui ab hac uita migravit / Die decima tertia mensis Septembris / 1598 die Dominico ex antelucano / tempore // Per Emmanuelem Constantinum Lusitanum Sacrae Theologiae Doctorem olim / Sacri Collegii Clericum, et in Al/mae Urbis Gymnasio publicum /Professorem/ — Romae/ apud Aloysium Zanetum M D I C Superiorum permissu.

Pitographia /In amplissimas Illustrissimi Praestan/tissimique Doctoris Roderici Pinarii / Portugaliensis Episcopi laudes egregiasque / dotes, cum

generis, titulorum ac uirtutum / eiusdem insigni commendatione, graficaque / ornatissimae uillae Sanctae Crucis de Maia / descriptione libri duo, cum annotationibus et scholiis. Cadabale Grauiio Calydonico // authore. — Subii Sanctae Inquisitionis, ac Ordinariae autoritatis examen.// — Excudebant Antonius Gonsales Typographus Olyssipone. Anno a gloriosissimae / Virginis Sanctissimo partu 1568.

Brachilogia / Inuictissimorum ac perinde clarissimorum triumphaliumque Lusitaniae Regum, Herculisque monstrorum domitoris laborum, ad prudentissimum / beneficentissimumque Principem Eduardum Serenissimi Principis Eduardi charissimum filium, felicissimi Regis Emmanuelis longe dignissimum nepotem / cum eiusdem luculenta commendatione breuissima relatio, qua Brachylogia siue Laconismus inscribitur. Ac simul de praestantissimae Principis Mariae illustrissimique uiri / Alexandri Farnesii, Parmae, necnon Placentiae Principis nuptiis Bruxelae celebratis tertio Idus Nouembris, anno 1565 / Cadabale Grauiio Calydonio anthore.// — Subii S. Inquisitionis examen cum ordinariae autoritatis comprobatione ac nihil quod pium lectorem offendat, habet.

Excudebant Antonius Gonsales Typographus Olyssipone anno 1568 / Pridie Kal. Martii.

O manuscrito de Coimbra encontra-se nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade e tem o número 527. Mede de comprimento 30 cm. e de largo 21 cm. O volume a que pertence contém:

Melchioris / Beleago ... oratio etc. ... 1548

Arnoldi / Fabricii ... oratio 1547.

Hilarii Moreira ... oratio ... 1552.

Oratio pro rostris / Habita Calendis Octobribus Olisiponensi / Academia, de Laudibus omnium Disciplinarum / Anno 1536 / Authore Hieronymo Cardoso / Georgio Ferdinando utriusque Iuris Doctori / Regioque Senatori / S.P.D.

De Terrae Motu / libellus / Denario Cruore Aecloga, Authore / Hieronymo Cardoso Lusitano.

In Sacrosanti, ac oecomenici / Concilii Calchedonensis / Canones / Oratio Demonstratiua / habita / In Academia Conciliorum Ulyssipponensi.

Apena a este volume, e escrita em papel vulgar de 35 linhas encontra-se a oração de sapiência de André de Resende.

Finalmente no manuscrito 3174 F.G. da Biblioteca Nacional de Lisboa, que mede de comprimento 21 cm e de largura 15 cm., encontramos:

Arnoldi / Fabricii ... oratio ... 1547
Melchioris / Beleago ... oratio ... 1548
L.Andr.Resendii / oratio... 1551
Hilarii Moreirae / ... oratio ... 1552

* * *

Antes do procedermos ao estudo crítico destes textos, queremos advertir o leitor de que, em virtude de ser bastante irregular a grafia de muitas palavras, resolvemos abandonar o sistema renascentista, substituindo-o pelo clássico.

Poderíamos, por exemplo, conservar *Author*, *authoritati*, *charos*, *charitas*, *literae*, *literatedus*, *peccunia*, porque estas palavras aparecem sempre escritas da mesma forma.

Mas, como proceder com grafias como *adequatio*, *cesos* (esta tirada já assim de Cataldo), *felicitas*, *faelice*, *laetitia*, *stulticia*, *noticia*, *caelesti*, ao lado de *caeterum*, *foelicitatem*, *foelici*, *speties*, *suspitio*, *coelesti*?

Perante tal arbitrariedade pelo que toca aos ditongos *ae* e *oe* e às sílabas *ti* e *ci* entendemos não ter outro caminho a seguir.

Devemos todavia sublinhar que os copistas dos manuscritos fizeram muitas emendas no sentido da grafia clássica, caindo, por vezes, em casos de ultra-correcção.

Ora, quer duma forma quer doutra, as suas emendas podiam servir-nos de guia neste estudo crítico. Prescindimos delas todavia, para não apresentarmos uma inútil sobrecarga de provas.

Levados igualmente pela ideia de simplificação, vamos designar os textos apenas pelas iniciais das respectivas cidades onde se encontram. Respeitando a ordem por que os descrevemos atrás, teremos pois:

P, S, E, C, L

Quanto aos impressos *P* e *S*, nada interessa debruçarmo-nos sobre cada um em particular, visto tratar-se de dois exemplares da mesma edição, como já se disse.

Há, no entanto umas pequenas observações que pretendemos fazer. Assim, em ambos, aparecem certos erros tipográficos — por exemplo *exposcepant* por *exposcebant* — que mãos cuidadosas emendaram e, com mais cuidado, em *P* que em *S*. E a prova do que acabo de afirmar fornece-no-lo uma troca de desinências, que aparece logo na primeira página do texto.

Aí por alturas do meio lê-se: «*quos* labia soluere»...

Ora é evidente que devia ser não *quos*, mas *qui*, sujeito da oração.

Em ambos os impressos aparece a emenda e *P* tem-na ainda ao lado, escrita à mão.

Porém *S*, a avaliar pelas fotocópias de que nos servimos e que parecem suficientemente claras, emenda não só esta palavra, mas também — e igualmente para *qui* — um outro *quos* que se encontra umas linhas mais acima e está bem.

Estava mais consciente do que fazia a mão que emendou *P*. E como, quanto ao resto, são perfeitamente iguais, ponhamos então *S* de parte.

Dos três manuscritos o mais antigo, a avaliar pelo tipo de letra e pelo uso das abreviaturas, é *E*. Calculo que deverá ser ainda do séc. xvi. Está numa caligrafia bastante cuidada e facilmente legível. Corrige alguns erros ou pseudo-erros de *P*, mas deixa passar outros que nos dão a certeza da sua filiação em *P*.

Alguns exemplos do 1.º caso:

P	E
quos (p. 46)	qui
tacco (p. 82)	taceo
lycium (p. 52)	lyceum
extimulauit (p. 52)	stimulauit

Exemplos do 2º — Erros conjuntivos:

P e E

Cauolam por Scaeuolam (p. 62)
 adlubecet por adlubescet (p. 62)
 deprauere por deprauare (p. 76)
 excrabantur por exsecrabantur (p. 82)

Mas a prova mais clara desta dependência está no texto grego da p. 70. Têm assim *P e E*.

...γε εοικό τιχται ... por γε εοικότι κείται (1).

Quando começámos a ler *E* e verificámos que não tinha a dedicatória a D. João III, veio-nos ao pensamento que poderia ter sido uma cópia directa do manuscrito de Hilário Moreira. Quando porém verificamos que o mesmo acontecia às outras orações de sapiência que ali se encontram e fizemos o estudo dos erros conjuntivos entre *P* e *E*, mudamos totalmente de opinião.

Passemos agora a *C* que supomos deverá ser uns anos bons posterior a *E*; talvez dos fins do séc. xvii. O seu autor revela uma grande ignorância do latim. Está inçado de erros de todo o género: duplica consoantes indevidamente, arranja terminações que nunca existiram, une, numa só, duas palavras e vice-versa; não desdobra abreviaturas, etc..

Alguns exemplos: uittae (p. 72), ad hibita (p. 58), splen descap (p. 60), ones (p. 70), consensut (p. 29), inme (p. 46).

Quanto ao grego, simplifica o assunto, pois não transcreve texto algum, deixando, no entanto, os respectivos espaços em branco.

Este manuscrito é, sem dúvida, cópia de outro manuscrito. Efectivamente, apesar da sua ignorância do latim, e mesmo por causa dela, há erros que não podem ter outra explicação que não seja a dificuldade de ler o texto que o copista tinha diante.

Vejamos alguns:

sapidillimo (p. 58) por sapidissimo
gramateae (p. 56) por grammatae
cindae (p. 62) por cinclo
seneretdendo (p. 70) por si in reddendo
amodisno (p. 68) por anodyno
statisn (p. 62) por statim

Estivemos a observar atentamente *P* no que diz respeito à expressão «si in reddendo». Lê-se muito bem e as palavras estão separadas.

Como iria juntá-las numa palavra sem sentido o copista de *C*, se tivesse copiado aquele?

Passemos a *L*. É o mais recente dos manuscritos. O seu tipo de letra — bastarda italiana — leva-nos ao séc. xviii. Se o confrontarmos com *C*

(1) Esta gralha está no entanto emendada à mão nos dois impressos que se conhecem.

verificaremos haver um número relativamente grande de elementos conjuntivos entre os dois. Vejamos e confrontemos simultaneamente com *P* e *E*:

<i>L e C</i>	<i>P</i>	<i>E</i>	
apprimi	apprime	apprime	p. 48
lyceum	lycium	lyceum	p. 52
afferre	efferre	efferre	p. 54
constatur	conflatur	conflatur	p. 56
Scaeuolam	Caeuolam	Caeuolam	p. 62
Zelleccus	Zelleucus	Zelleccus	p. 70
Lucrensis	Locrensis	Locrensis	p. 70
Insirtim	in Sirtim	in Sirtim	p. 80
Lusitani	Lusciani	Lusciani	p. 82
ad	at	at	

Verifica-se que em ambos os manuscritos houve a preocupação de corrigir erros de *P* ou supostos ou verdadeiros.

Em face disto, três hipóteses poderiam pôr-se: ou *L* ser cópia de *C* e vice-versa, ou serem os dois cópias de um terceiro manuscrito. A hipótese de serem tirados dum impresso tem de pôr-se de parte, atendendo ao que já se disse acerca de *C*.

Ora *L* não pode ser cópia de *C*, pois que *C* não tem os textos gregos, ao contrário de *L*. Por sua vez *C* não pode ser cópia de *L*, por ser manifestamente mais antigo. Além de que era impossível a um copista, por mais inexperiente e desconhecedor do latim, ajuntar um tal amontoado de erros em *C*, tendo-o tirado de *L*, escrito em bastarda italiana e que se lê portanto com a maior facilidade.

Resta então a 3.^a hipótese: terem os dois uma fonte comum — um terceiro manuscrito.

Assim se explicam as várias coincidências entre os dois, cuja lista atrás deixamos.

Que este terceiro manuscrito fosse *E* não o podemos admitir. A lista de nomes que atrás fica é de molde a tirar-nos as dúvidas que pudessem surgir. Mas vamos todavia acrescentar mais alguns:

<i>L e C</i>	<i>E</i>	
quos	qui	p. 46
August. 8	August. 3	p. 58
execrabantur	excrabantur	p. 82
tacco	taceo	p. 82

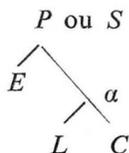
Há que admitir um manuscrito diferente, de que não temos notícia e que vamos designar por *a*.

E agora uma última pergunta. Não teria sido este manuscrito o próprio original de Hilário Moreira, tanto mais que a cópia mais antiga se encontra em Coimbra?

Estamos certos que não. Há erros conjuntivos comuns aos três e que nos levam a concluir por uma filiação em *P*. Apontemos:

<i>P</i>	<i>C</i>	<i>L</i>	
quos	por	qui	p. 46
coagmentadarum	por	coagmentandarum	p. 56
deprauere	por	deprauare	p. 76
tacco	por	taceo	p. 82
mulgere	por	mulcere	p. 76

Esquematisando graficamente tudo quanto acaba de dizer-se, teremos o seguinte «stemma»:



Resumindo: Se as nossas deduções estão bem, *P* é o texto mais antigo que se conhece. Dele derivam os outros ou directa ou indirectamente. As divergências que surgiram, à parte o caso impar de *C*, são devidas ao desejo de corrigir alguns erros ou pseudo-erros de *P*, e ainda ao coeficiente pessoal de erro de cada copista.

A ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA
DE
HILÁRIO MOREIRA

HILARII MOREIRAE

Conimbricensis ad inuictissimum
Lusitaniae Regem D. Joan-
nem tertium de omnium
Philosophiae partium
laudibus, et studiis
Oratio

Apud inclytum Conimbricense lyceum
universi terrarum orbis florentis-
simum de more Academiae
habita Calend. Octob.
Anno Salutis

M.D.LII.

Conimbricae

Joannes Barrerius et Joannes Alvarus
Reggi Typographi excudebant.

ORAÇÃO DO CONIMBRICENSE
HILÁRIO MOREIRA

Sobre o estudo e louvor de todas as partes
da Filosofia

Dedicada ao invictíssimo rei de Portugal
D. João III

Proferida na Universidade de Coimbra, a
mais próspera de todo o mundo, segundo a
praxe da Academia, em 1 de Outubro do
ano da salvação

1552

COIMBRA

Imprimiram-na os tipógrafos régios
João Barreiro e João Álvares

Inuictissimo D. Joanni tertio
Lusitaniae Regi Serenissimo
Hilarius Moreira
S.

Oratio qualiscumque a me habita in hoc tuo florentissimo Museo de disciplinarum laudibus, in publicum exitura, ad cuius patrocinium confugiet, nisi ad tuum, Rex piissime, ac nostri saeculi decus unicum, qui musarum patronus es, et bonas artes in nostra Lusitania e tenebris
5 uindicasti? Cuius se titulo et splendore tutabitur, nisi eius qui me ad multo maiora animauit, in suorum numero esse iussit, ad pristina studia reuocauit, et sufficienti congiario prosequutus est?

Is enim es, *ὃς περὶ μὲν ἐστὶ νόον βροτῶν*¹. Nam, ut ceteris in rebus Augusti Caesaris felicitatem imitatus uideris, sic quoque et opti-
10 marum artium studio, quo illum ualde inflammatum fuisse memoriae proditum est.

Nec certe dubito quin me temeritatis arguendum facile omnes putent, qui de materia, quamuis per se ampla et magnifica, orationem tamen horridam et incultam ad tuam celsitudinem deferam; sed audaciae crimen mea erga te pietas facile excusabit, praesertim cum Regius
15 animus quodcumque leve munus pro magno accipit.

Igitur me, meumque candidatae philosophiae munusculum tibi deuoueo. Boni itaque consulas, quaeso, quando id feci audacius, singulari tua humanitate, et commemoranda beneficentia prouocatus.

20 Faxit Deus Opt. Max. ut, una cum pietatis Christianae incremento, crescat tibi incolome auitum regnum.

Vale, Rex inuictissime, et litteras, quod facis, ama.

Ao Invictissimo D. João III,
Serenissimo Rei de Portugal,
saúda Hilário Moreira

Esta despreziosa oração, por mim proferida nesta vossa muito próspera Academia, sobre o louvor das disciplinas e que vai sair a público, a que patrocínio há-de acolher-se senão ao vosso, Rei Piedosíssimo e glória única do nosso século, que sois o patrono das letras e fizestes emergir das trevas, no nosso Portugal, as artes liberais?

Com que título e auréola se escudará, senão com os daquele que me animou a voos mais altos, me mandou incluir no número dos seus, me incitou a regressar às antigas ocupações e me amparou com estipêndio bastante?

Vós sois com efeito *ὃς περὶ μὲν ἔστι νόον βροτῶν*.

Assim como parece que, em tudo o mais, imitastes a felicidade de César Augusto, assim também no interesse pelas melhores artes, interesse que muito o entusiasmou, segundo a tradição.

Não duvido, por certo, que todos entendam ser fácil arguirem-me de temerário, a mim que, sobre uma matéria de si mesma o mais vasta e sublime, venho todavia apresentar a Vossa Alteza uma oração hórrida e inculta, mas, desta temerária audácia, facilmente me desculpará a minha piedade para convosco, sobretudo porque o espírito régio recebe, como grande, qualquer leve serviço.

Ofereço-vos pois a minha pessoa e este insignificante trabalho que vos apresento sobre a filosofia. Dai-lhe a vossa aprovação, se vos apraz, posto que eu tenha sido um tanto audaz, excitado pela vossa singular brandura e inesquecíveis benefícios.

Que Deus Ótimo Maximo faça que, juntamente com o crescimento da piedade cristã, cresça incólume o reino que herdastes.

Saúde, Rei Invictíssimo, e amai as letras, como vindes fazendo.

HILARII MOREIRAE DE OMNIUM PHILOSOPHIAE
PARTIUM LAUDIBUS ET STUDIIS ORATIO

Nihil equidem dubito quin dicendi uis, et ingenii acumen in me desideretur, R. amplis., Reip. litterariae Proceres grauissimi, concio studiosissima, ad ea potissimum explicanda, quae huius loci sors et temporis opportunitas, exposcebant.

5 Ea est siquidem suscepti muneris dignitas, et magnitudo, quam uix ulla dicendi ubertas, ullus ornatissimae orationis splendor satis explicare possit. Praesertim cum has ornatissimas sedes ac subsellia, tot doctissimis uiris referta esse conspiciam, quos, ut in hoc praeclaro dicendi genere, ita in caeteris rebus, principes, mea sententia, non
10 iniuria dicam. In quorum tremendo iudicio, qui labia soluere debuisset, diuina admirabilique eloquentia et singulari quodam splendore praeditum esse debere non eram nescius.

Tamen cum me uel ad Conimbricensem hanc Academiam, matrem meam longe dulcissimam, ubi natus et litteris educatus sum, uel ad
15 summam in me beneuolentiam uestram, uiri patres, refero, quibus hoc, quantulumcumque est, quod in litteris ualeamus, acceptum referri uolo², nihil est quod de sapientia uestra aut ingenio meo diffidam, quando magis obsequendi studio, quam perficiendi spe id onus subierim.

Hoc enim apud me eruditissimi Domini Cancellarii, doctoris
20 praestantissimi, auctoritas ualere potuit, ut natura mutata, potius ipsi eiusque praeceptis morem gerere³, quam meis rebus et mihi ipsi consulere maluerim. Quantum illius auctoritati me pius obtemperandi ardor prouocauit oboedire, tantum permultiplices aestuum moles, longa aegritudine oppressum, uolentem obtemperare deterrebant.

10 qui *E*: quos *P C L*

23 per multiplices: emendaui

24 oppressus: emendaui

ORAÇÃO DE HILÁRIO MOREIRA

Sobre o louvor e estudo de todas as partes da
Filosofia

Nenhuma dúvida tenho, por certo, reitor magnífico, sapientíssimos lentes desta República das Letras, assembleia estudantil, que me falte o vigor oratório e a agudeza de inteligência para explanar devidamente este assunto, de harmonia com as exigências do lugar e as circunstâncias de tempo.

Tal é efectivamente a categoria e importância do encargo recebido, que dificilmente alguém poderá desempenhar-se dele como convém, qualquer que seja a facilidade de expressão e o brilho da oração mais esmerada. Sobre-tudo depois de ver estes honrosíssimos cadeirais e bancadas cheios de tantos varões doutíssimos, a quem, não só neste brilhante género oratório, mas em tudo o mais, eu chamarei o escol — e isto não por adulação, mas porque é esse o meu pensar. E não ignorava que, quem na sua temível presença houvesse de despregar os lábios, devia ser dotado de divina e admirável eloquência e dum singular brilho estilístico.

Todavia ao dirigir-me a esta Universidade conimbricense, minha mãe muito querida onde nasci e recebi educação literária, ou à vossa extrema benevolência para comigo, respeitáveis varões, a quem quero agradecer o facto do meu valor literário, por insignificante que ele seja, não tenho razão para desesperar da vossa indulgência ou das minhas possibilidades, eu que aceitei este encargo, mais por vontade de obedecer, do que por esperança de realizar obra perfeita.

É que tal poder teve em mim a autoridade do muito erudito D. Cancellário, doutor notabilíssimo, que, mudando-me a natureza, preferi antes obedecer a ele e às suas ordens do que atender aos meus problemas e a mim mesmo. Quanto um ardente e respeitoso empenho de obedecer me impeliu a ser dócil à sua autoridade, tanto a opressão duma longa doença, com múltiplos acessos de febre, afastava a minha vontade da obediência.

Equidem tanti magistri iussa, licet difficillima, mihi sereno uultu non suscipere ueritus sum. Qui me quotidie, e caliginoso ignorantiae uinculo, bonis suis artibus piisque eximit disciplinis.

5 Quidquid igitur, uiri patres, ultra mearum uirium tenuitatem ausus uel offerre, uel dicere fuero, id omne parendi necessitas excuset.

Quum enim uestra animatus fiducia huc ascenderim, non leporem sermonis inquiretis spero, in quo et uos apprime estis eruditi, sed quaecumque meum dicendi genus⁴ singulari fauore sustentabitis. Nec nouis ac inusitatis immorabor, ex quibus attentionem petunt
10 rhetores; scio enim summum eos subire discrimen, qui nouis studeant, cum laus, si succedat ad uotum, uituperium si contra, sint in procinctu.

Ea tamen rei est qua de agimus maiestas, ea dignitas, illud fastigium, ut nolentes, uolentes, uos in admirationem rapiat⁵. Agere enim de Republica Litteraria per se magnificum quippiam est et augustum.
15 Quid enim, quaeso, philosophiae disciplinis praeclarius? Quid litterarum studiis delectabilius? Demum quid oratione, quae cum de earum laudibus habebitur, magnificentius et augustius?

Intendat quis modo animi aciem, expendatque ab effectu litterarum culmen.

20 Quibus, ut scribit Plutarchus, *De liberis educandis*, scire licet quid honestum, quid turpe, quid iustum, quid iniustum et summum quid eligendum, quid fugiendum; quomodo parentibus, quomodo natu grandioribus, quomodo peregrinis, magistratibus, amicis, uxoribus, ac seruis utendum sit; utque Deos uenerari, parentes honorare, seniores
25 uereri, legibus obtemperare; magistratibus cedere, amicos diligere oporteat, in mulieres seruare modestiam, caros habere liberos, minime seruire cum seruis, et quod maximum est — in prosperis fortunae successibus laetitia non effundi, nec in aduersis casibus tristitia deprimi, nec omnino uoluptatibus esse deditos, nec ita per iracundiam affici,
30 ut belluarum animos induamus⁶.

Quae, Deus bone, litterarum uis! Hae seminaria uirtutum et incunabula, quibus iuuenum animi ad verae gloriae cupiditatem aluntur, suggerunt: hae ad beate uiuendum adolescentiam commonent, hae senectutem suo uiatico delectant: suntque optimum aerumnarum
35 leuamentum. Secundas res ornant, aduersis perfugium et solacium

7 apprimi *L C*

Sim, não receei aceitar, de rosto sereno, as ordens, posto que difícilimas, dum tão grande mestre que, dia a dia, com os seus ensinamentos e formação piedosa, me vai libertando das tenebrosas cadeias da ignorância.

Por conseguinte tudo o que, respeitáveis varões, para lá da fraqueza das minhas forças, eu ousar apresentar ou dizer, que isso tudo o desculpe a necessidade de obedecer.

E visto que foi animado pela vossa confiança que subi a este lugar, espero que não procureis em mim donairês de estilo, no que vós sois primorosamente versados, mas que favorecereis, com a vossa singular benevolência, este meu despretencioso modo de expressão.

Nem me deterei em assuntos novos e fora de uso, de que se servem os retóricos para conciliar a atenção, pois sei que quem se interessa por coisas novas, se sujeita a uma muito arriscada alternativa: a que desfechem sobre si louvores, se é bem sucedido, vitupérios, se pelo contrário.

Tal é contudo a majestade e nobreza da matéria de que tratamos, tal a sua altura que, queirais ou não, vos arrebatará de admiração.

Com efeito, tratar da república literária é, de per si, algo de magnífico e augusto. Que mais notável do que as disciplinas da filosofia? Que mais delectável do que o estudo das letras?

Finalmente, que mais magnificante e augusto do que a oração que se proferir em seu louvor?

Apreste-se agora a agudeza da inteligência e desvie-se o seu gume do efeito literário.

É a nós que, como escreve Plutarco no livro *Sobre a educação dos filhos*, é possível saber o que é honesto, o que é torpe, o que é justo, o que é injusto e, em resumo, o que deve escolher-se, o que deve evitar-se; como se deve proceder com os pais, com as pessoas de idade, com os peregrinos, magistrados, amigos, esposas e criados; como é possível venerar os deuses, honrar os pais, respeitar os mais velhos, obedecer às leis, ceder aos magistrados, estimar os amigos, observar a modéstia em relação às mulheres, ser solícito com os filhos, não usar de atitudes servis com os servos e — o que é o máximo — não trasbordar de alegria nos sucessos prósperos da fortuna, nem nas adversidades se deixar deprimir pela tristeza; não nos entregarmos totalmente aos prazeres, nem nos deixarmos dominar pela ira, a ponto de nos assemelharmos aos animais.

Qual é, bom Deus, o poder das letras! É nelas que se semeiam e embalam as virtudes, é nelas que o espírito dos jovens sorve a paixão da verdadeira glória; são elas que advertem a adolescência a viver com dignidade, são elas que delectam a velhice com o seu viático, e são o melhor alívio das des-

praebent, domi delectant, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, et otio amoenissimo rusticantur⁷.

Denique in senectute animum, tanquam emeritis stipendiis, ambitionis, contentionum, cupiditatum, uoluptatum, receptui canere hortantur omniumque rerum securum secum uiuere cogunt⁸.

Itaque nihil est, auditores humanissimi, bonarum litterarum splendore illustrius, qui, si a me dicendo non fit deterior, uestras mihi aures attentissimas comparabit.

Vetustissimam igitur philosophiae originem, ut hinc initium faciamus, contenderunt Romanae facundiae principes, studiorum omnium cupidissimi perquirere, omnemque conatum, abditissima quaeque peruestigantes, ad eam penitus inueniendam adhibuerunt, ut id quod industria sua et labore comperissent, posteritati scriptum relinquerent. Quod sane inter plurimos potissimum efficit M. Cicero, eloquentiae parens disertissimus et eloquentissimae philosophiae studiosissimus. Qui philosophiam, a Graecis inuentam, latinis litteris excolere atque illustrare conatus est. Nec usque adeo sibi suisque indulsit, ut non Graecis aliquando referret acceptum.

Quandoquidem philosophia omnis, id est, omnes liberales disciplinae diu a solis Graecis tractatae, excultae, ac illustratae fuere, cum Romani latinique arma magis quam studia litterarum exercerent et, dominandi libidine, imperium magis quam disciplinas obtinere meditarentur.

Illam autem purioris sapientiae disciplinam, qua Graeci ceteris longe praecelluerunt, sophiam, quae nunc philosophia muncupatur, appellitarunt, et qui hanc modestissime profitebantur, sophi, id est, sapientes appellati sunt.

Pythagoras primus philosophiae nomen indidit, seque philosophum, id est, sapientiae studiosum nominauit; a quo italicum philosophiae genus emanauit, quod philosophiae domicilium in Italia diutissime excoluerit, cum philosophia Ionica ab Anaximandro, Thaletis Jonici discipulo⁹, ut testatur Diogenes Laertius, antea effluerit.

Caeterum, cum in dies Graecorum ingenia magis efflorescerent et litterarum studia audius excolerentur, apud Athenienses illos catos atque legiferos¹⁰ emporium philosophorum constitutum est. Illic Academia Platonis, Lyceum Aristotelis, et Porticus Zenonis floruerunt. Ex ea illustrissima ciuitate complures philosophorum sectae, tanquam ex equo Troiano innumeri principes, prodierunt. Illinc Academici, illinc Stoici, illinc Peripatetici nomen sortiti exilierunt.

ditas. Realçam a prosperidade, fornecem um refúgio e consolo na adversidade, deleitam em casa, não estorvam fora, pernoitam e viajam conosco e acompanham-nos no ócio ameníssimo do campo.

Finalmente, na velhice, exortam o espírito a que, como recompensa merecida, se veja livre da ambição, da luta pela vida, da paixão, dos prazeres, e forcem-no a viver consigo, livre de todas as coisas.

Nada há pois, cultíssimos ouvintes, mais brilhante que o esplendor das artes liberais, o qual, se não for ofuscado pela minha oratória, irá conciliar-me a vossa melhor atenção.

Sobre a antiqüíssima origem da filosofia, para começarmos por aqui, disputaram os príncipes da eloquência romana, ansiosos por tudo investigar e empregaram todo o esforço por descobri-la totalmente, explorando até as coisas mais recônditas, para deixarem por escrito à posteridade o fruto do seu trabalho.

Neste aspecto destaca-se particularmente, entre muitos, M. Cícero, o muito facundo pai da eloquência e em extremo devotado à grandiloquente filosofia, esforçando-se por cultivar e abrilhantar, nas letras latinas, esta descoberta dos gregos. E não levou a condescendência consigo mesmo ou com o seu povo até ao ponto de não deixar transparecer, algumas vezes, a sua gratidão àqueles. Na verdade, durante muito tempo, só os gregos é que estudaram, aperfeiçoaram e abrilhantaram a totalidade da filosofia, ou seja, todas as artes liberais, enquanto que os romanos e latinos se exercitavam mais nas armas do que no estudo das letras e, levados pela ambição do domínio, preocupavam-se mais com a aquisição do império, do que com a instrução.

E àquela disciplina, constituída por uma mais pura sabedoria, — no que os gregos ultrapassariam em muito os restantes — que hoje dá pelo nome de Filosofia, começaram a chamar-lhe *sophia*; àqueles que, com tanta modéstia, a ela se aplicavam, deram-lhes o nome de *sophi*, isto é, sabios,

Pitágoras foi o primeiro a pôr-lhe o nome de filosofia e a si mesmo se chamou filósofo, ou seja, o que tem interesse pela sabedoria. Dele proveio a filosofia itálica, por ter sido na Itália onde, por longo tempo, assentou arraiais o seu ensino da filosofia, embora a filosofia jónica tenha provindo anteriormente de Anaximandro, discípulo de Tales de Mileto, como atesta Diógenes Laércio.

De resto, como o génio grego ia desabrochando de dia para dia e o estudo das letras se intensificava mais, é entre aqueles atenienses perspicazes e legisladores que vem a fixar-se o monopólio da filosofia. Ali floresceram

5 Sed quid tot philosophos, optimi genii dexteritate bene natos,
ad quamlibet disciplinam degustandam propensiores ad discendumque
promptissimos et inexplebiter inhiantes ad capessendas philosophiae
disciplinas, impulit, concitavit, et acrius extimulavit! Sane diuinum
quoddam numen quo, diuinitus afflati ¹¹, amorem ueritatis inspiciendae
10 omnium maximum, perquirerent et, quam dulcis sit et beata philoso-
phiae possessio, aliquando intelligerent.

Cuius excellentiam, dignitatem, ac perfectionem, qua ceteris prae-
artibus, nemo diuina non adiutus inspiratione, putet se aliquando
assecurum. Quod diuinus ille Plato, ueritatis amicissimus, in Timaeo
15 perpulchre commonefacit; philosophia, inquit, unicum deorum est
munus ¹². Omnesque ibidem philosophos diuinos appellat. Nec
abs re, apud Platonem, id sensit Socrates.

Nam philosophorum genus haud multo facilius quam deorum
discernitur. Omnes enim quicumque non fecte, sed vere philosophantur,
propter aliorum inscitiam, omniformes apparent dum ciuitates cir-
20 cumeunt et, quasi ab excelso quodam speculo, inferiorum vitam pros-
pectant. Quorum officium est diuina nosse, gubernare humana. In
illo contemplatiua philosophia, in hoc actiua deprehenditur ¹³.
Philosophus itaque primo diuinam, id est, absolutam ipsius boni natu-
ram per sapientiam contemplatur, deinde ad id bonum, uelut ad finem,
25 humanas operationes dirigens, humana gubernat ... ¹⁴

Quod, nisi philosophi dominantur, aut qui gubernant Remp.,
diuina sorte philosophentur ¹⁵, protinus genus humanum periclitabitur.

Quapropter, cum philosophia non sit angustis finibus circum-
scripta, sed latissime pateat et, pedissequis suis comitata, orbem illum
30 doctrinarum complectatur qui encyclopaedia dicitur, primum sibi
locum ad disserendum uindicet obtineatque oportet.

Quam nihil peraeque extollit facitque admiratione dignam, quam
eius praecipuum munus, indagatio scilicet, atque inuentio ueritatis ¹⁶.

Cuius ubique Plato studiosus atque audius indagator, limites seruauit
35 ut debuit; cum de rebus diuinis humanisque dissereret, negauit eas
artes sapientis esse, quae plerumque uitae inseruiunt, siue illae neces-
sariae, siue utiles, siue elegantes, siue ludicrae, siue auxiliares sint.

6 addiscendumque *E L*

8 stimulauit *E L*

a Academia de Platão, o Liceu de Aristóteles e o Pórtico de Zenão. Desta celeberrima cidade saíram muitas escolas de filósofos, como do cavalo de Tróia os inumeráveis chefes. Dali saíram os que deram pelo nome de Acadêmicos, Estoicos, Peripatéticos.

Mas o que foi que impeliu, excitou e estimulou, com tal ardor, tantos filósofos, afortunadamente nascidos sob a protecção do melhor génio, tão propensos a saborear qualquer disciplina, mais que prontos a aprender e insaciavelmente ansiosos por abarcar as disciplinas da filosofia? Certamente algum poder divino, sob cuja inspiração aprofundassem o interesse pela investigação da Verdade, o maior de todos, e viessem a compreender a doçura e felicidade de possuírem a filosofia.

E que ninguém julgue vir a alcançar alguma vez a excelência, dignidade e perfeição desta — no que excede as restantes artes — sem a ajuda duma inspiração divina. Do que, com grande beleza, nos adverte, no Timeu, o divino Platão que tão afeiçoado foi à verdade. A filosofia, diz, é a única dádiva dos deuses. Por isso chama divinos a todos os filósofos. Nem é irreflectidamente que Platão, nos seus escritos, põe tal pensamento na boca de Sócrates.

Com efeito a linhagem dos filósofos não é muito mais fácil de discernir do que a dos deuses. A todos os filósofos que o são de verdade e não de aparência, a incapacidade destes destaca neles todas as formas de competência e saber, quando passam pelas cidades e contemplam a vida do vulgo como dum alto espelho. O seu múnus é conhecer as coisas divinas, dirigir as humanas. Num caso temos a filosofia contemplativa, noutra, a activa.

Portanto o filósofo contempla primeiro, pela sabedoria, a natureza divina, ou seja, a natureza absoluta do próprio bem; depois, orientando as operações humanas para esse bem, como para o fim, dirige as coisas humanas.

E, se o poder não estiver na mão dos filósofos, ou os que governam o estado, por determinação divina não procederem como filósofos, depressa o género humano correrá perigo.

Por conseguinte, visto que a filosofia, não se circunscreve em horizontes estreitos, mas se expande por um terreno muito vasto e, na companhia das suas aias, abarca todo esse anel de matérias que se chama enciclopédia, é preciso que para si reclame e consiga um lugar primacial na dissertação. E nada há igualmente que tanto a eleve e torne digna de admiração como o seu principal múnus, a saber, a procura e a descoberta da verdade.

Platão, que sempre a isto se dedicou e de que foi um investigador ávido, respeitou-lhe os limites, como era seu dever. Ao dissertar sobre as coisas divinas e humanas, afirmou que não eram próprias do sábio aquelas artes que, na maior parte dos casos, estão subordinados à vida, quer sejam neces-

Propriam uero artem esse philosophi, non cathedrarii, sed ueri et antiqui¹⁷, qui, discendi cupidus, dum peregrinas peragrat regiones, minime de pastu corporis anxius et molestus, ab unoquoque tam excellentis nominis admiratore, non minus quam amici certatim excipitur.

5 Haec est uirtus ea quae, ut Theophrastus inquit, nos in alienis locis prohibet uideri peregrinos uel, necessariis amissis, amicorum inopes, sed quamcumque adierimus ciuitatem, ea nos amplissime donat.¹⁸

10 Haec uitae dux est, uirtutis indagatrix ac uitiorum expultrix, sicut a M. Tullio proditum nouimus; estque inuentrix legum, magistra morum et disciplinae, quam, si ex conuiuuis exigendam censeas, amplius longe peccaris quam si lucernam restinxiseris.

15 Praeclaro philosophiae nomine, praesignes multi, in una hac, quasi tabernaculum uitae suae collocarunt, uelut plane sit benefactorum omnium mater, et suauissima hominum uita, sine qua nihil existit, ad quam confugiendum est tanquam ad sacram anchoram, a qua petendum subsidium, cui iugiter inuigilandum, in qua magnum ponendum animi studium et a qua efflagitandum senectutis uaticum¹⁹.

20 Quare philosophiam semper uocemus, non tumidam, non contentionibus altercatoriis elatam, sed sapientiae illum amorem, quem graeci *οὐρανόσκοπος*²⁰ dicunt, quasi in caelum semper arrectum. Haec denique philosophia sublimipeta, quam ob id docti et pii uiri *οὐρανόφρονα*²¹ uocauerunt, non modo *ξαναγωγός*²², sed etiam *ψυχαγωγός*²³ christianis esse solet. Cuius studium, animas, a cogitatione
25 rerum sensibilibium abductas, ad sublimium speculationem subuehit et, mirificis diuini studii illectamentis, eo tandem perducit quo animae suapte natura et condicione uergunt.

Hanc philosophiae excellentiam, eius partium singularis commendatio planius ostendit.

Gram(matica)

30 Nam et linguam componit uoces formare, formatas denique congrue eloqui instruit, ita ut certam sententiam dilucide repraesentent.

In tenui, ut ait Maro, labor est²⁴, at tenuis non gloria, nec mediocre pretium operae, posse animi sensa citra ambiguitatem efferre.

30 eloquio L

32 afferre C L

sárias, úteis, elegantes, recreativas ou auxiliares, mas que sua arte própria era a do filósofo, não do que ensina de cátedra, mas do verdadeiro e antigo que, na ânsia de aprender, enquanto percorre terras estranhas, sem se preocupar nem incomodar de forma alguma com os cuidados do corpo, é recebido, à porfia, por todos os admiradores de tão excelente nome, tão bem como os amigos.

É esta aquela virtude que, como diz Teofrasto, nos coibe de parecer peregrinos em terras alheias ou privados de amigos, depois de perdidos os mais íntimos, mas nos abre de par em par qualquer cidade em que entremos.

É ela que dá orientação à vida, busca a virtude e expulsa os vícios tal como ensinou M. Túlio; é a inventora das leis, a mestra dos costumes e da disciplina, e procederia muito pior do que se apagasse uma lanterna, quem pensasse dever expulsá-la do convívio social.

Sob o prestígio do nome da filosofia, muitos e notáveis homens colocaram nela como que o tabernáculo da sua vida, como mãe que é de todo o bem e vida suavíssima dos homens, sem a qual nada existe, para quem se deve fugir como para uma âncora sagrada, a quem se há-de pedir auxílio, a quem há que estar continuamente atento, em quem se deve pôr um grande interesse e a quem há que solicitar o viático da velhice.

Por isso chamemos sempre filosofia não à enfatuada, não à que se perde em disputas altercatórias, mas àquele amor da sabedoria que os gregos chamaram *οὐρανόςκοπος*, isto é, voltado sempre para o céu. Sim, esta filosofia que busca o sublime e que, por causa disso, foi pelos doutos e pios varões chamada *οὐρανόφρονα*, para os cristãos costuma ser não só *ξαναγωγός*, mas ainda *ψυγαγωγός*.

Às almas que retirou do pensamento das coisas sensíveis, o seu estudo leva-as à especulação do sublime e, por meio dos maravilhosos atractivos dum tão alto estudo, conduz, por fim, a um ponto tal em que as almas, por sua natureza e condição, se rendem.

Esta excelência da filosofia mostra-la-á mais claramente a apreciação de cada uma das suas partes:

Gramática

É ela, com efeito, que prepara a língua para articular palavras; proferidas estas, dispõe-nas numa conveniente elocução, de modo que representem uma preposição clara.

As coisas pequeninas, como diz Marão, exigem trabalho, mas não é pequena a glória nem mediocre o valor de poder apresentar-se, sem ambiguidade, o sentido do que se pensa.

Nam quibus haec philosophiae pars, cuius obseruationem grammaticam vocamus, non satis familiariter nota est, ii, quia temere congerunt uoces, quod sentiunt non possunt explicare, sed dant sine mente sonum et, inani quodam strepitu, aures obtundunt perinde ac fluctus littora
5 ferit²⁵.

Legitur de Cadmo, ab Agenore patre misso ad quaerendam Europam a Ioue raptam, cum iuxta Hippocrenem fontem sub tristis, ac meditabundus recumberet, sedecim litterarum characteres²⁶ ibidem adinuenisse, quibus Graecia primo, deinde omnis posteritas usa est.

10 Quae litterae in syllabas coactae, a uocalibus animatae, dictiones constituunt, ex quibus integerrima conflatur oratio.

Quam sunt autem explodendi stolidi isti qui grammaticae negotium facessunt²⁷! Deus bone, perinde ac si non sit grammaticus qui litteratus. Quasi Hippocratis libros nobiles, olim grammatici, quos enumerat
15 Erotianus, non diligenter sint interpretati!

Miror profecto viles quosdam homunculos sese istius partis peritia censere, qui ne a limine, quod aiunt, litteras unquam salutarunt²⁸, tantum abest, ut abditissima quaeque auctorum loca possint dilucide explicare.

Est ergo in puerilibus studiis inprimis opera danda, ut sermonem
20 sibi quisque perspicuum et planum paret, quo expromere animi cogitata sine ambiguitate possit. Indigni mihi hominis uocabulo uidentur qui, quoties res seriae orationem flagitant, tanquam *κῶφα πρόσωπα*²⁹ in comediis, nullam uocem edere possunt. Saepe etiam comperi pueros, cum selectorum uerborum magnam haberent copiam, tamen, quia
25 certe contexendae orationis³⁰ rationem non norant, non esse ausos loqui, quibus opera omnis collata in litteras unam hanc ob causam perierat, quod grammaticam pedetentim non didicerant.

Quare diu mihi in hac philosophiae parte puer detinendus uidetur, dum omnes formulas coagmentandarum uocum cognouerit, et tanquam
30 architectum orationis³¹ profiteri se auserit. Nam haec ars et orationis cohaerentiam inquirat, et indebitae pronuntiationis luxuries quasi falce coercescit.

Et quae uel sola, omni studiorum genere, plus habet operis quam ostentationis³².

9 ad inuenisse *L*

11 constatur *C L*

22 serie *E C L*

30 se ausit profiteri *L*

Ora aqueles a quem não é suficientemente familiar o conhecimento desta parte da filosofia a que chamamos, *gramática*, esses, porque amontoam palavras ao acaso, não podem explicar o que sentem, mas proferem sons sem sentido e, com um ruído oco, aturdem os ouvidos, tal como a onda bate na praia.

Lê-se a respeito de Cadmo que, tendo sido enviado pelo pai Agenor à busca de Europa, raptada por Júpiter, tendo-se sentado triste e meditando junto da fonte de Hipocrene, ali encontrara os dezasseis caracteres das letras, de que usou primeiro a Grécia e depois toda a posteridade.

Estas letras, reunidas em sílabas, vivificadas pelas vogais, formam os vocábulos, com que se compõe a oração mais completa.

Como devem censurar-se esses insensatos que desprezam a gramática! Bom Deus, como se gramático não seja o mesmo que literato! Como se não fossem os gramáticos que Erociano enumera, quem outrora, com toda a diligência, interpretou os afamados livros de Hipócrates!

Admiro-me, na verdade, que se tenham por peitos em tais assuntos certos homenzinhos vulgares que, como costuma dizer-se, nunca saudaram as letras, nem sequer do limiar; tão longe estão de poderem explanar, com clareza, quaisquer passagens mais intrincadas dos autores.

No estudo a proporcionar às crianças deve, por conseguinte, prestar-se atenção sobretudo a que cada uma adquira uma linguagem clara e chã, com que possa, sem ambiguidade, manifestar o pensamento.

Parecem-me indignos do nome de homens aqueles que, sempre que graves circunstâncias lhes exigem o uso da palavra, tal como as *κῶφα πρόσωπα* nas comédias, não são capazes de abrir a boca. Muitas vezes mesmo encontrei rapazes com grande abundância de termos seleccionados, mas, porque não conheciam o processo acertado de elaborar uma oração, não ousavam falar. Para estes todo o esforço despendido com as letras se perdera, devido a esta única causa — o facto de não terem aprendido paulatinamente a gramática.

Eis por que me parece que a criança se deve deter demoradamente neste parte da filosofia, até conhecer todos os processos de reunir as palavras, e ousar apresentar-se como um arquitecto da oração.

É que esta arte não só busca a coerência da oração, mas também corta, à maneira duma foice, os exageros duma locução defeituosa por exuberante. E em toda a espécie de matérias, é ela a única que tem mais obra do que aparato.

Dialéctica

Dialectice uero aptissimum sane ueri inueniendi organum, cuius sumus homines amantissimi, quam nonnulli disputatricem dixerunt, alii logicen³³, et senio attingendam dixit Plato³⁴. Promptam et expeditam disserendi rationem de unoquoque probabili themate sibi uindicat, quae in uniuersum de rebus omnibus agit, sua aliis disciplinis instrumenta accommodans, qua instructi, ad pertingendas altiores disciplinas, facilem habent aditum.

Quod collaudans Cicero, sub persona Crassi primo *de Oratore* cecinens, inquit: adhibita est ars quaedam ex alio genere quodam, quod sibi totum philosophi assumunt, quae rem dissolutam, diuulsamque conglutinaret et ratione quadam constringeret³⁵.

Et profecto nulla disciplina, citra dialecticam, perfecte acquiri potest, cuius ministerio primi homines perfectius sibi proposita expedirent, et expeditius quid ueri aut falsi, boni aut mali in eis contineretur, explorarent.

Sic August., 8, *De Ciuitate Dei*, quemadmodum, inquit, in rerum causis aut uitae moribus ueritas ipse quaeratur, logica disputat³⁶.

Quae figuratim est ille fluuius Phison, de quo Geneseos, 2; ipse est qui circumit omnem terram Heuilah, ubi nascitur aurum sapientiae³⁷. Instar gyri uel circuli, qui apud geographos figura capacissima est, omnia ambit.

Ergo uide arcum et benedic qui fecit illum; speciosus est in splendore suo³⁸. Est enim quasi arcus refulgens inter nebulas sapientiae³⁹, iaciens sagittas ueritatis contra hostes falsitatis. Quod, de se ipsa, his uerbis palam profitetur: frustra doctores, sine me, coluere sorores.

Quem illius usum breuiter subicit August., in libro *De doctrina Christiana*⁴⁰: Dialectica clauis est argentea auri thesaurum reserans, sine qua nullae, et cum qua omnes scientiae acquiruntur.

Quam proinde Crassus necessariam esse putat formandis artibus, quamque cupit esse in iurisconsultis⁴¹.

Sed de sapidissimo huius omnium ministrae fructo gustandum est, non tamen ingurgitandum; in cuius, ut scribit Plato in *Gorgiam*, non est consenesendum gyris atque maeandris tanquam apud Syrenneos scopulos⁴².

Dialectica

Agora a *dialéctica* que é o mais apto instrumento para encontrar a verdade, coisa de que nós os homens, gostamos muito. Uns chamam-lhe disputadora, outros lógica, e Platão disse que vinha a ser alcançada na velhice.

Revindica um rápido e expedito sistema de dissertação sobre qualquer tema oportuno; debruça-se, em geral, sobre todos os assuntos, acomodando o seu processo às outras disciplinas, e os que com ela se preparam, têm acesso fácil às mais árduas matérias.

Cícero refere-se-lhe, elogiosamente, no livro 1.º do *De Oratore*, ao dizer com felicidade pela boca de Crasso: Usou-se uma arte dum outro género, cuja invenção os filósofos totalmente revindicam, destinada a aglutinar as coisas desunidas e fraccionadas e a encadeá-las numa determinada ordem.

E realmente nenhuma disciplina se pode adquirir com perfeição sem a dialéctica; por seu intermédio os antigos, que a usaram, desenvolviam melhor os assuntos que lhes eram propostos e examinavam mais desembaraçadamente o que de verdadeiro ou falso, de bom ou de mau neles se continha.

Por isso Santo Agostinho, no livro 8.º da *Cidade de Deus*, diz: «A lógica discute como se procura a verdade nas causas das coisas ou nos usos da vida».

Dum modo figurado é aquele rio Fison de que fala o *Génese*, 2: É ele que cerca toda a terra de Hevilah, onde nasce o ouro da sabedoria. À semelhança da circunferência ou do círculo, que para os geógrafos é a figura mais rica, tudo cerca.

Vê pois o arco e bendiz a quem o fez; é belo no seu esplendor. É como um arco que brilha entre as nuvens da sabedoria, lançando as setas da verdade contra a falsidade dos inimigos. O que ela, de si mesma, publicamente proclama com estas palavras: em vão, sem mim, os mestres honraram as minhas irmãs. Deste seu uso fala Santo Agostinho, em breves palavras, no livro *Da Doutrina Cristã*: «A dialéctica é uma chave de prata que abre um tesouro de ouro; sem ela, nenhuma; com ela, todas as ciências se adquirem».

Por isso Crasso a julga necessária para informar as artes e deseja-a nos juriconsultos.

Mas o fruto delicioso desta pública escrava de todos deve saborear-se, não porém até à saciedade. Como escreve Platão no *Górgias*, não se há-de envelhecer nos seus rodeios e meandros, como junto dos rochedos das sereias.

Eloquentia

Quam quia neruos omnes et totius orationis robur ipsa suggerit primasque ducit lineas, rethoricae uero uiuos addit colores, propterea eloquentiae finitimam esse asseruit Cicero⁴³; et Zeno ille, a quo disciplina stoicorum est, manu demonstrare solebat hoc inter eas artes
5 interesse, quod in manu hominis, pugnus astrictus a palma distenta differt.

Hac breui oratione argumenta concludit: illa facundiae campos copioso sermone discurrit; dialectice, ad inueniendum promptior et acutior, raros et studiosos requirit; rethorice ad inuenta dicendum
10 facundior frequenterque procedit in turbas.

Sicque concludit Cicero in Paradoxis: nihil est tam incredibile quod non dicendo fiat probabile; nihil tam horridum, nil tam incultum quod non splendescat oratione⁴⁴.

Haec facultas, suis cumulata dotibus, non nisi in bonis uiris esse
15 potest. Ea est quae gloriosos extollat, effrenatis moderetur, innocentes absoluat, segnes ac timidos erigat, et ad omnia ardua cuiusuis animum promptissimum conuertat.

Quae res Demosthenis exemplo facilis est confirmatu; quippe solus ipse Athenienses in Philippum Macedonum Regem, quamuis in
20 se concitos, irritauit. Deinde Byzantiis, et Perintiis a Macedonibus lacessitis, praesidia ferenda ab eisdem, illis persuasit, oblitterata memoria eorum quae bello sociali utraque ciuitas gesserat. Post haec, per omnem Graeciam delatus, cunctas fere Graecas ciuitates in Philippum dicendo commouit.

25 Quid pro Lucio Flacco? Quid pro Murena? Nonne eos, uario crimine accusatos et multorum testimoniis conuictos ac propterea iamiam mulctandos, ipse Cicero dicendo liberauit?

In causa Ligarii, quae apud Caesarem dictatorem agebatur, fertur Caesar eo animo fuisse, ut omnino Ligarium esset condemnaturus.
30 At, cum defensurus Cicero aduentasset, dixit Caesar amicis: reum quidem damnari certissimum est, audire tamen Ciceronem ni hil prohibet. Sed pulchrum est nunc referre quid deinde acciderit. Incipit iam Cicero; audiebat Ciceronem Caesar, sed nihil adhuc exordio illo

31 damnare: (iam in Cataldo reperitur) emendai

Eloquência

E, visto que esta sugere toda a *nervura* e a solidez que deve possuir qualquer oração e orienta o esquema geral, dando ainda vivacidade de colorido à retórica, por isso Cícero afirmou que era vizinha da *eloquência* e o célebre Zenão, de quem vem a doutrina dos estoicos, costumava demonstrar, com a mão, que a diferença entre estas artes era a que há, na mão do homem, entre o punho fechado e a mão aberta.

Termina as suas considerações com esta curta frase: aquela percorre, com estilo copioso, os campos da *facúndia*; mais rápida e mais subtil na invenção, a dialéctica exige raridades e homens de aplicação; a retórica é mais redundante na expressão do pensamento e com assiduidade avança até às *multidões*.

E desta forma conclui Cícero nos *Paradoxos*: nada há tão incrível que a oratória não faça aceitável; nada tão desordenado e inculto que não adquira brilho mediante a oração.

Este poder, completado pelos seus dotes próprios, não pode existir senão nos homens de bem. É ele que põe em destaque os homens gloriosos, modera os violentos, absolve os inocentes, anima os pusilânicos e tímidos e, com a maior rapidez, faz voltar o espírito de quem quer que seja para tudo o que exija esforço.

Do que nos dá uma fácil confirmação o exemplo de Demóstenes; foi ele só, com efeito, que excitou os atenienses, apesar de irritados consigo próprio, contra Filipe, rei da Macedónia. Em seguida persuadiu os povos de Bizâncio e Perinto, a quem os macedónios tinham procurado atrair, de que deviam tirar-lhes os presídios, depois de lhes ter apagado da memória os feitos belicosos de ambas as cidades. Depois disto, percorrendo a grécia, inteira, com a sua *eloquência*, pôs em movimento, contra Filipe, quase todas as cidades gregas.

E o que fez ela a favor de L. Flaco? E a favor de Murena? Porventura não os libertou o próprio Cícero com a sua *eloquência*, a eles acusados de vários crimes e convencidos por tantos testemunhos e, por isso, já prestes a serem castigados?

No processo de Ligário que decorria sob as vistas de César então ditador, diz-se que a disposição de César era condenar Ligário inexoravelmente. Como, porém, Cícero tivesse aparecido para o defender, César disse aos amigos que não havia dúvidas de que o réu seria condenado, mas todavia nada o estorvava de ouvir Cícero. É belo porém relatar agora o que depois aconteceu: Cícero começa; César escuta Cícero, mas nada o impressiona

mouebatur; at ubi Cicero aliquanto uehementius in dicendo incaluit, adeo Caesar ui illa dicendi commotus est, ut statim condemnandi propositum mutaret, totoque excusso corpore, libellos quos manu tenebat, prae indignatione eiiceret et reum, Ciceronis oratione persuasus, liberarit ⁴⁵.

Iam orator quas non egit causas, florente Roma, in imperii fastigio?

Si Ciceroni credimus, M. Crassus in causa M. Curii, tam multa contra scriptum pro aequo et bono dixit, ut Q. Scaeuolam in iure peritissimum, obrueret exemplorum et argumentorum copia ⁴⁶.

10 Haec itaque praestat oratoria facultas, quae et in philosophiae partibus enumeranda est. Maximis enim auctoribus credendum est philosophum ab oratore non seiungi, nam vetus quidem doctrina, ut Cicero docet *De Oratore*, eadem uidetur et recte faciendi et bene dicendique magistra.

15 Neque disiuncti doctores, sed iidem erant uiuendi praeceptores atque dicendi, ut ille apud Homerum Phoenix ⁴⁷.

Matheseum quadriuium

Egressis iam rhetorum officina, contemplatiua philosophiae pars, hoc est, matheseos quadriuium, forsitan adlubescet, in quo, quasi quibusdam gradibus, ueritatis speculatio ad summum conscendere deprehenditur ⁴⁸.

Sine quo nemo se putet recte philosophari, quoniam mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa quibus altiora conscenduntur, et quaedam praeludia ad diuinorum perpensionem.

25 Quarum speculatio a Platone suscepta est ad cogitationis acumen, quod erigat animum, et ad rerum diuinarum intuitum, aciem mentis exacuat. Qui prohibuisse fertur ne Matheseos ignari suam palestram ingrederentur.

30 Quam ob rem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia mathesin expetere perrexerimus, omnis nostra indagatio recasura in nihilum est, nudior leberide ac cinclo pauperior

Ceterum initio geometria, ceterarum metropolis, et arithmetica, in mathematicarum album a Pythagora sunt aduocatae, quod ad omnem

ainda aquele exórdio. Mas, quando a oratória de Cícero se tornou um pouco mais quente, de tal maneira César se comoveu com aquele vigor oratório, que imediatamente mudou o propósito de o condenar e, com todo o corpo em agitação, deitou fora indignado os libelos que tinha na mão e, convencido pelo discurso de Cícero, absolveu o réu.

Além disso, que causas a oratória não advogou no apogeu do império, quando Roma estava em pleno florescimento?

Se dermos fé a Cícero, M. Crasso, no processo de M. Cúrio, tais coisas disse, guiado pelo equilíbrio do bom senso, contra um texto escrito, que, pela quantidade de exemplos e provas, esmagou Q. Cévola, homem muito versado em direito.

Tal é o poder da oratória, que há que a juntar às outras partes da filosofia. Efectivamente é preciso acreditar em autores do maior peso, para quem o filósofo não se separa do orador, já que a doutrina dos antigos, como informa Cícero no *De Oratore*, parece fundir numa só as duas artes, a saber: bem agir e exprimir-se bem.

Nem havia mestres diferentes, mas eram os mesmos os que ensinavam a bem viver e a bem falar, como o célebre Fénix que aparece em Homero.

Quadrivio da matemática

Deixando agora a oficina da retórica, talvez venha a propósito falar duma parte da filosofia contemplativa, ou seja, do quadrívio da *matemática*, onde se verifica que a especulação da verdade sobe ao máximo, mas como que por degraus.

E ninguém pense que será bom filósofo sem ele, porque as disciplinas matemáticas são como degraus e elementos, por meio dos quais se sobe para mais alto, e ensaios para o exame atento das coisas divinas.

Platão aproveitou-as como espevitadoras da inteligência, visto que o seu estudo excita o ânimo e estimula a penetração do espírito para a intuição das coisas divinas. Diz-se que proibiu de entrarem na sua academia as pessoas ignorantes da matemática.

Por isso Alcínoo diz que, se não continuarmos a servir-nos da matemática com este fim, toda a nossa investigação há-de voltar ao nada, mais nua que a pele da serpente e mais pobre que o fundujo.

De resto a geometria, de que as outras tiram a origem, e a aritmética colocou-as Pitágoras, a princípio, no catálogo das matemáticas, porque

scientiam omnemque disciplinam capessendam has cum primis accom-
modas perspexisset ⁴⁹.

Denique tanta certe est in his artibus utilitas ut, sine his ducibus
et magistris, nihil humanum siue diuinum, nihil inferius siue superius,
5 nihil suaue siue absonum percipi cognosciue queat.

At non placet quadragonis trigonos inscribere, caelum palmo
metiri, sydera, cum sis humi, enumerare, fata hominum diuinare, syme-
triis demum quibusdam tres hominum aetates consumere. Sunt tamen
plurima quibus te delectare potes.

10 Nam et modus ipse plurimum affert delectationis, cum uerae
sint et iustae scientiae, uitaeque hominum plurimum attulerint emolu-
menti.

Quo fit ut, optimo sane iure, liberales a maioribus nostris uocitatae
sint, siue quod ab omni ignorantiae nubilo studiosorum mentes libe-
15 rarent, siue quod eas, utpote dignissimas ac nihil seruile in se habentes,
nulli licebat ediscere, nisi libero liberaliterque educato homini

Naturalis philosophia

Reliquum contemplatiuae philosophiae membrum, physice, inquam
ut paucis dicam, naturae arcana et inuisibiles rerum uisibilium causas
20 scrutatur ⁵⁰, cuius cognitio, ut ostendi Themistius primo *Auscultationis
Physicae*, non solum perficit partem illam animae nobis associatam
atque complicitam, sed etiam reliquis uiribus plurimum affert utilitatis
et ornamenti ⁵¹.

Haec, cuiuscumque entis a natura creati, modo a nobis possibile
25 percipi, ueritatem apprehendere docet, nam caeli et terrae, aquae et
ignis causas atque uiuacia semina rerum naturalium plana ratione
perstringit; quis sit terrae situs, quae forma, quae circumscriptio, quae
maris, universas terras ambientis, species et magnitudo, quae fontium
atque fluminum natura, quam disparia atque dissimilia genera planta-
30 rum et animantium, quae sit origo uentorum, quae vis fulgurum et
fluminum investigat; unde nocturnae faces flammis coruscantibus et
cometae quos uulgus esse putat malorum praenuntios, atque eventus,
quos hinc aut sperare solent aut timere mortales, existant; orbium
35 aspectus, inquirat, corpusque mobile et caducum speculatur.

34 luminae: emendauit

se tinha apercebido de que eram sobremodo acomodadas à aquisição de toda a ciência e de toda a educação.

Numa palavra: há tanta utilidade nestas ciências que nada nem humano ou divino, nem inferior ou superior, nem suave ou dissonante pode compreender-se ou conhecer-se, se as não tomarmos como guias e mestras.

Embora não seja agradável traçar triângulos dentro de quadrágonos, medir o céu a palmos, contar os astros estando na terra, adivinhar o destino dos homens e por fim gastar três gerações a estabelecer determinadas simetrias, há todavia muitas coisas que podem deleitar-nos. Até o próprio aspecto prático produz grande prazer, visto tratar-se de ciências verdadeiras e exactas e trazerem muita vantagem à vida do homem.

Donde resulta que, de pleno direito, fossem pelos nossos antepassados chamadas liberais, quer porque libertavam a inteligência de toda a névem de ignorância, quer porque, como disciplinas digníssimas e que em si nada de servil continham, a ninguém era permitido aprendê-las, a não ser ao homem livre e livremente educado.

Filosofia Natural

A outra parte da filosofia contemplativa prescruta fisicamente, para me exprimir em poucas palavras, os segredos da natureza e as causas invisíveis das coisas visíveis. O seu conhecimento, como demonstra Temístio, no primeiro livro da *Auscultação Física*, não só não aperfeiçoa aquela parte da alma a nós associada e unida, mas também traz muita utilidade às outras forças a que serve de adorno.

Ensina-nos a apreender o que há de verdade em qualquer ente criado pela natureza, desde que nos seja possível captá-la, enquanto abarca com um raciocínio claro as causas do céu e da terra, da água e do fogo e os germens vivificantes das ciências naturais. Investiga a posição, a forma, o contorno da terra, o aspecto e a grandeza do mar que cerca toda a terra, a natureza das fontes e dos rios, a disparidade e dissemelhança dos géneros de plantas e animais, a origem dos ventos, a potência dos raios e coriscos, a origem dos meteoros e dos cometas que o vulgo julga precursores de desgraças, e a dos acontecimentos que os mortais costumam esperar ou temer deles. Indaga o movimento da esfera, as posições fixas das estrelas, as mudanças da lua, a que chamam fases, e presta atenção cuidadosa ao corpo móvel e caduco.

Medicina

E a este, porque só a saúde ou a doença lhe podem sobrevir, daí que, do meio das suas entranhas, tenha dimanado a *medicina* que, no testemunho de Galeno, livro 4.º, é a ciência da saúde, que tem por objecto as diferenças de pulsações, o estudo do que é são, do que é doentio, do que é indiferente para a conservação da saúde e para a sua recuperação depois de perdida.

A nossa vida está, sem dúvida alguma, numa espécie de ajustamento, concórdia e amizade dos humores, o que só a medicina realiza, na qualidade de defensora do corpo humano. Eis porque restitui a saúde completa a corpos alquebrados e sem forças.

Que outra coisa, senão morte, poderia chamar-se a esta nossa vida se, por seu intermédio, não fôssemos libertados das opressoras doenças?

Por isso é que Deus todo poderoso, que proviu o médico de quase tudo o que é útil à saúde dos homens, sabiamente determinou que, na cura dos corpos doentes, aquele obtivesse resultados mais divinos que humanos.

E os antigos tinham em tanto apreço a sua utilidade que, segundo Cícero, a medicina foi uma célebre descoberta dos deuses imortais. E, na verdade, se Deus, criador de tudo, quer conservar as suas criaturas, ninguém duvida de que o próprio médico seja ministro de Deus, a fim de que, por arte divina e divinamente exercida, as conserve incólumes, cure os que caíram e reconduza tantas vezes à vida os que estão quase às portas da morte. Por este título é que aqueles médicos antigos, devido aos seus extraordinários serviços, foram colocados no número dos deuses.

E se dermos fé a Hipócrates, o médico é uma espécie de Deus mortal, sempre do lado dos segredos da natureza.

Mas digamos já adeus aos médicos.

Filosofia Moral

Resta a filosofia activa, que deu origem, em primeiro lugar, à ética e que Cícero parece ter sido o primeiro a chamar moral, visto que modela os costumes e fornece uma norma de vida honesta.

Esta não foge da luz, não é inerte, nem goza do torpor do ócio, nem é preguiçosamente sedentária, como muitos a acusam, ela que incorre no ódio de tantos, por não lhe ser possível conviver com os vícios humanos. É-lhe odiosa a dissimulação, a feia adulação, as amizades movediças, isto é, as que não são verdadeiras nem constantes, mas se adaptam às circunstâncias e às habituais mudanças de humor.

Hanc (cum ad hominem spectet, et nostri cognitio — quod testatur graecorum illud *γνώθι σεαυτόν* ⁵⁶ — certissimam ad felicitatem uiam sternat, omnes summe reuereri debent.

5 Quae suffugium est tutissimum inter optimam conscientiam destitutis et iniquissimam fortunam ⁵⁷. Habet enim tolerantiam aequanimitate conditam pro anodyno calamitatum.

Ius ciuile

Huius simul et oeconomice soror politica, sive ciuilis scientia est, ex qua tanquam ex fonte uiuo, leges ac caesarea iura oriuntur, ad furentes
10 animi impetus compescendos, turbulentis cupiditatibus obsistendum, motus ratione uacuos, effrenatos comprimendos, ad vulgares animi insolentias, et effrenem denique audaciam moderandam.

Pertinere autem leges ad philosophiam tam sibi persuadere docti homines, ut iam axiomatis loco habeatur.

15 Et quid aliud nos docet philosophia, quam domitas habere animi libidines, coercere cupiditates, nostra tueri, ab alienis oculos, mentes manusque continere? Haec ubi expressius, quam in legibus?

Fremant omnes, inquit Cicero, dicam quod sentio: bibliothecas mehercle omnium philosophorum unus mihi uidetur duodecim tabularum libellus, siquis legum fontes, et capita uiderit, et auctoritatis
20 pondere et utilitatis ubertate superare ⁵⁸. Hactenus Cicero.

Iurisprudentia, etsi e mediis philosophiae uisceribus fluxerit, ita tamen ad generis humani commodum exulta et ordinata est, ut non aliter quam secundum eius praecepta esse nobis uiuendum censeamus ⁵⁹.

25 Nam quis status, quae hominum condicio tuta in terris existeret, si leges non regnarent, fueritque humana cupiditas seueritate legum et metu iudiciorum illigata?

Arat propterea apud nos securus arator, uiuentibus legibus, agricola agriculturam exercet, transuehit mercator merces suas, diuersa
30 percurrens maria, quos nemo turbat, nemo uexat.

Quod, si quis *ὑπὲρ νόμον* ⁶⁰ repagula iuris effringit ⁶¹, taetra et immania facinora molitur, aut patibulum aut strictum ferrum neci paratum, aut quoduis aliud supplicium statim praesto est: *ἀθρόα πάντ'*
35 *ἀπέτισε* ⁶².

E porque tem em vista o homem e o conhecimento de nós mesmos, como atesta o *γνώθι σεαυτόν* dos gregos, — abrindo assim um caminho infalível à felicidade —, todos devem ter-lhe o máximo de veneração.

Nela está um abrigo inviolável para os que têm de optar entre uma consciência ilibada e a sorte mais iniqua. No torpor das calamidades, sabe usar da tolerância temperada de benevolência.

Direito Civil

Ao lado desta, temos a sua irmã, a economia política ou ciência do *direito civil*, donde provêm, como de fonte viva, as leis e o direito régio, para reprimir os ímpetus desvairados do espírito, oferecer resistência às paixões violentas, refrear os impulsos cegos e à solta, dominar as habituais faltas de moderação do espírito e a audácia sem peias.

De que as leis entravam no âmbito da filosofia, tanto disso estavam persuadidos os homens cultos, que o facto passou a ter o lugar de axioma.

E que nos ensina a filosofia mais que dominar os apetites, reprimir as paixões, defender o que é nosso, retirar os olhos, o pensamento, as mãos das coisas alheias?

Onde virá isto mais claro do que nas leis?

Barafustem todos, afirma Cícero, eu direi o que sinto: sim, para mim, o pequeno livro das Doze Tábuas, origem e fundamento das nossas leis, supera, no peso da autoridade e na sua grande utilidade, as bibliotecas de todos os filósofos. Até aqui Cícero.

A jurisprudência, posto que tenha dimanado das entranhas da filosofia, de tal modo foi desenvolvida para vantagem do género humano, que criamos a convicção de que não devemos viver de outro modo, que não seja de harmonia com as suas prescrições.

Efectivamente que estado, que situação haveria na terra que se dissesse segura, se não reinassem as leis e se a cobiça humana não fosse coarctada pelo rigor das mesmas e pelo medo dos tribunais?

Porque as leis estão em vigor, por isso é que o lavrador, entre nós, lava com segurança, o agricultor pratica a cultura dos campos, o mercador transporta a sua fazenda, sulcando diversos mares, sem haver quem os perturbe ou maltrate.

E se alguém, *ὅπερ μόρον*, quebra as barreiras do direito e maquina crimes hediondos e cruéis, imediatamente estão à mão ou o patíbulo ou a espada desembainhada a postos para matar, ou outro qualquer suplício: *ἀπρόα πάντ' ἀπέτισε*.

Fitque ut, dum singuli supplicia metuunt, sese facilius uniuersi contineant, nec ulla ratione possunt, nisi metu legum septi sint, uitae officia tueri.

Denique tanta sunt seueritate ipsae leges, ut nec iis quidem qui
5 eas condiderunt, si flagitiose uixissent, ullo unquam pacto pepercissent.

Selleucus Locrensis, ut suis pareret legibus, ciuium precibus aliqua ex parte uolens satisfacere petentium ut filio suo, pro commisso adulterio condemnando, parceret, uoluit prius suum, deinde filii oculum tollere; talis enim erat legis poena, ut utrumque oculum adulter perderet.

10 Adde et L. Bruti memorabile facinus, qui, cum in consulatu, de reuocandis in urbem regibus, liberos suos etiam in culpa comperisset, eos in forum adduxit et, media concione caesos, securi percuti iussit. Huc etiam illud M. Torquati in Decii Silani filii iudicio, adduci potest, de quo, cum apud illum Macedones prouinciales, quod eis contra ius
15 pecunias extorserat, quererentur, cognita prius causa, et domo sua, et patria protinus eum priuauit. Inde filius ob tam grauem patris sententiam, laqueo se suspendit⁶³. Unde carmina:

*Καὶ λήν κείνος γε εἰκότι κείται δλέθρω
ὄς ἀπόλοιτο καὶ ἄλλος ὅς τις τοιαῦτά γε ῥέξοι*⁶⁴

20 Itaque magistratus ipsi, in imperio iurisdictioneque aliqua constituti, si in reddendo iure male se gesserint, nulla saepe habita differentia, non leuiter puniuntur, ut inde ceteri omnes, qui futuri sunt magistratus, recta facie, quid aequum quidue bonum sit, administrent⁶³.

Unde et Demosthenes orator legem sic definit: lex est cui omnes
25 homines decet obedire, cum propter multa et varia, tum maxime quia omnis lex est inuentio et donum Dei, decretum hominum sapientum, delictorum omnium quae sponte uel ignorantia contrahuntur, coertio, ciuitatis autem compositio communis, secundum quam omnes decet uiuere qui in ciuitate sunt⁶⁵.

30 Equidem humanarum diuinarumque rerum cognitio leges sunt, quod humana sine diuinitatis cognitione tractari nequeant. Hinc factum est ut et gentium legislatores leges suas ad deos retulerint.

E assim acontece que, temendo cada um isoladamente o suplicio, é mais fácil para todos conterem-se. Nem, de modo algum podem garantir as suas obrigações diárias, a não ser couraçados pelo medo das leis.

Em suma, são de tal severidade as mesmas leis, que nem sequer aos que as criaram, de qualquer forma poupariam, se levassem vida escandalosa.

Seleuco de Lócris, para obedecer às suas leis e pretendendo, por outro lado, atender às súplicas dos cidadãos que lhe pediam perdão para o seu filho que devia ser condenado por adultério, quis arrancar primeiro um olho seu, depois um do filho, pois que a pena da lei era que o adúltero perdesse os dois olhos.

Acrescente-se o memorável feito de L. Bruto: Durante o seu consulado, descobrindo que também os seus filhos estavam culpados no repatriamento dos reis, levou-os ao foro e, depois de os ter inculpado publicamente, mandou que os matassem à machadada.

Pode também aduzir-se aqui o que se passou com M. Torcato no julgamento do filho Décio Silano: Como os habitantes da província da Macedónia lhe fizessem queixa de que aquele, contra o direito, lhes extorquiria dinheiro, este, depois de ter tomado conhecimento do caso, privou-o, sem detença, da casa e da pátria. O filho depois, por causa da severidade da setença paterna, enforcou-se. Daí os versos:

*Καὶ λήν κείνός γε εἰκότι κείται ὀλέθρῳ
ὡς ἀπόλοιτο καὶ ἄλλος ὅς τις τοιαῦτά γε ὀέξοι*

Portanto os próprios magistrados investidos em qualquer cargo que implique poder e jurisdição, se na aplicação da justiça se conduzirem mal, não atendendo, por vezes, às circunstâncias, sofrerão não leve castigo, para que todos os outros, que venham a ser magistrados, sirvam depois com rectidão a equidade e o bem.

Daí que Demóstenes, o orador, apresente a seguinte definição de lei: Lei é aquilo a que é mister todos os homens obedecerem, não só por muitos e variados motivos, mas principalmente porque toda a lei é invenção e dom de Deus, decreto de homens sábios, repressão de todos os delitos cometidos espontaneamente ou por ignorância, ordenação geral da cidade, segundo a qual hão-de viver os que na cidade estão.

As leis são o conhecimento das coisas divinas e humanas, uma vez que os problemas humanos não são susceptíveis de serem tratados sem conhecimento da divindade. Daí a razão por que os legisladores gentios ligavam as suas leis aos deuses.

Legimus enim Zoroastrum, qui Bactrianis et Persis leges tradidit, in Horomasin retulisse. Trimegistus, qui Aegyptiis retulit, in Mercurium; Charondas Selleucus, qui Carthaginensibus, in Saturnum. Qui Atheniensibus, Draco et Solon, in Minervam; in Vestam Salmoxis, 5 quae tulit Scithis. Denique perfidus ille Mahumet Gabrielem agnoscit legum suarum archetypum ⁶⁶.

Haec omnia legum utilitatem, a diuina mente ad humanae vitae cultum defluxisse, comprobant. Cuius rei textus est apertissimus: C. de jure Enucleando, L. 1 § Sed neque ... Cuius ecce uerba: quod 10 Principi placuit legis habet uigorem ⁶⁷; tanquam si eorum studia, ex nostris principalis constitutionibus profecta, et a nostro fuerint diuino ore profusa ⁶⁸.

Est enim legislatoris intentio hominem ducere ad uirtutem, auctore Aristotele, *Ethicorum* 2 ⁶⁹.

15 Fuit itaque rebus humanis, hoc caelesti legum munere, diuinitus consultum. Quod quidem praestat ut aliquando metu comprimatur audacia et innocentia sine cura sit.

Quare legibus nihil sanctius, nil utilius, nil naturae hominum accommodatius.

20

Ius Pontificium

Adde et ius canonicum diuinisque illas sanctiones a summis Pontificibus latas, quae non modo publicam utilitatem, sed animae salutem, ante omnia, spectant ⁷⁰.

25 Nam iura pontificia petulantiam, auaritiam, ambitum compescunt, quibus Deo seruitur ornamentis ostendunt, sacro clero optimum uiuendi modum praebent ⁷¹, in Ecclesiae rebus impetrandis effrenatas cupiditates refrenant, indebita matrimonia prohibent, sanctaque conciliant et, quod omnium sanctissimum est, iniqua uetant cogitata. Ex quibus totius uitae ordo, qualis futurus sit, nascitur, et uitiorum benefactorumque omnium censura inter mortales constituitur. 30

Illud etiam optimum et praeclarum faciunt, quod infidelium errores hereticorum insaniam confutant, refellunt, et extinguunt; lapsis et ueniam petentibus quam mitissime poenas irrogent, sacratissimae censurae plane ostendunt ⁷².

Assim lemos que Zoroastro, que legislou para bactrianos e persas, o fez em nome de Horómase. Trimegisto, que legislou para os egípcios, fê-lo em nome de Mercúrio. Carondas Seleuco, que deu leis aos cartagineses, deu-as em nome de Saturno. Draco e Sólon, que legislaram para os atenienses, foi em nome de Minerva que o fizeram. E as leis que Salmóxis deu aos citas, deu-as em nome de Vesta. Finalmente o pérfido Maomé vê em Gabriel o arquétipo das suas leis.

Tudo isto prova a utilidade das leis provenientes da mente divina, para educação da vida humana. A este respeito há um texto muito claro, o *Código das dificuldades do direito*, L. 1, § *sed neque*.

Eis as suas palavras: o querer do príncipe tem vigor de lei, como se as suas vontades, tendo por base as nossas principais constituições, proviessem da nossa boca, como duma boca divina.

É portanto intenção do legislador conduzir o homem à virtude, segundo Aristóteles no livro 2.^o da *Ética*.

E assim, com esta celeste dádiva das leis, atendeu-se, por mercê divina, aos problemas humanos, o que faz com que, por vezes, o medo seja um freio para a audácia e viva despreocupada a inocência.

Por isso nada mais santo, nem mais útil, nem mais acomodado à natureza humana do que as leis.

Direito Pontifício

Acrescente-se ainda o *direito canónico* e aquelas divinas sanções dadas pelos Sumos Pontífices, que visam não só a utilidade pública, mas, antes de tudo, a salvação da alma.

O direito pontifício reprime a petulância, a avareza, a ambição, indica os ornamentos do culto divino, fornece ao clero sagrado um excelente modo de vida, modera o desejo desenfreado de obter vantagens eclesiásticas, proíbe os matrimónios ilegítimos, favorece os legítimos e — coisa mais santa de todas — proíbe os pensamentos iníquos. A partir dele nasce a ordem futura de toda a vida e estabelece-se entre os mortais a crítica de todas as acções, más e boas.

Excelente e muito notável é também o seu papel em refutar, desmentir e extinguir os erros dos infieis, o desvario dos herejes; aos lapsos e arrependidos aplica penas muito brandas, como bem o mostram as santíssimas censuras.

Summus Pontifex

Quae omnia, ad medendas animas in christiana libertate uiuentes, summus Ecclesiae Vicarius docet et custodienda praecipit. Nam constituit illum Deus Opt. Max. in terris uniuersorum dominum, sacri pontificii ac Summi Sacerdotii certissimum praesidem, pastorem ouium ac dominici gregis uigilantissimum praesulem, cuius in manu est potestas et imperium, cui traditae sunt clauēs regni Caelorum, cui data est facultas animos ligandi et soluendi, cui omnes homines et fideles Christi nationes parere debent. Qui Petri nauiculam, in hoc salo fluctuantis pelagi gubernaturus, hos sanctos canones salubres, omni iniquitate carentes, composuit, dicente Apostolo: lex Domini sancta et mandatum eius iustum, sanctum et bonum ⁷³. Et Propheta: lex domini immaculata, conuertens animas ⁷⁴. Et apud Job: non inuenietis in ore meo iniquitatem, nec in faucibus meis stultitia personabit ⁷⁵.

15

Sacrossanta Theologia

Accedit iam ultimo illa super creata omnia, super caelos, super uirtutes, super disciplinas, excelsa Dei, quantum fas est homini, reuelata cognitio ipsa, non humanis, sed angelicis praedicanda uocibus, quam nostri theologiam uocant, omnium scientiarum prima, diuinissima et diuinitus, teste Paulo, inspirata ⁷⁶, ad quam tersissima liberalium artium studia contendunt. De cuius mirificis laudibus, nunc silendum censuerim potius, ne, si rem adeo grandem et ultra uires attentare uelim, in ipso conatu succumbam. Grandes enim materias, teste Hieronymo, ingenia parua non sustinent.

25 Nam si uires eloquentissimorum hominum, cum humanam sapientiam laudibus exornare uolunt, rei magnitudine interdum obruuntur, quod orationis genus incredibile, atque diuinum erit, quo possit quisquam partem aliquam tantae dignitatis explicare ⁷⁷?

30 Ego uero, quamquam nec ingenio nec exercitatione ualeam, posteaquam semel res tanta a me suscepta est, ne sit maius desidiaē crimen, quam fuit audaciaē in suscipiendo, quantum in me situm erit, ne officio meo desim, conabor.

Audiamus iam eam, quae nos ab incunabulis fidei, usque ad perfectam ducit aetatem ⁷⁸, et per singulos gradus uiuendi praecepta constituens, in nobis christianis ceteros erudit. Quae ecclesiae Caelestisque

O Sumo Pontifice

E tudo isto o ensina e manda observar o supremo vigário da Igreja, para curar as almas que vivem na liberdade cristã. Deus Ótimo Máximo constituiu-o na terra senhor de tudo, chefe incontestável do poder pontifício e do Sumo sacerdócio, guarda vigilantíssimo das ovelhas e do rebanho do Senhor, em cujas mãos está o poder e o império, a quem foram confiadas as chaves do reino do céu, a quem foi dado o poder de ligar e desligar os espíritos e a quem todos os homens e nações fiéis a Cristo devem obedecer. Para governar a barca de Pedro nas ondas deste mar agitado, fez estes cânones santos, puros e salutareos, destituídos de toda a iniquidade. Como diz o Apóstolo, a lei do Senhor é santa e os seus preceitos justos, santos e bons. E o Profeta: a lei do Senhor, que converte as almas, é imaculada.

E Job: não encontrareis a iniquidade na minha boca, nem a loucura ressoará na minha garganta.

Sacrossanta Teologia

Vem agora, em último lugar, aquela que excede as coisas criadas, os céus, as virtudes, as disciplinas, — aquele mesmo sublime conhecimento de Deus revelado aos homens, quanto é possível, e que devia ser anunciada não com vozes humanas mas angélicas, aquela que os nossos chamam *teologia*, a primeira de todas as ciências, a mais divina e divinamente inspirada no testemunho de S. Paulo. Para ela se dirige o estudo aturado das artes liberais.

Sobre o seu admirável louvor eu preferiria agora calar-me, para não acontecer que, pretendendo pôr a mão em assunto tão elevado e para lá das minhas forças, sucumba no próprio esforço. Temas grandiosos, no dizer de S. Jerónimo, não são para inteligências tacanhas.

Se os dotes dos homens mais eloquentes, quando querem enfeitar com os seus louvores a sabedoria humana, ficam, por vezes, esmagados pela grandeza do empreendimento, que inconcebível e divino estilo oratório haverá, com que se possa expor algo sobre um assunto de tal sublimidade?

Eu, porém, ainda que não tenha valia nem pelo engenho, nem pelo exercício, uma vez que me abalancei a um trabalho de tal magnitude, para não ser maior a «censura» de cobardia do que foi a de audácia ao aceitá-lo, esforçar-me-ei, quanto de mim depende, para não faltar ao meu dever.

Ouçamos agora a que nos conduz do começo da fé à idade perfeita e, impondo preceitos a todas as fases da vida, instrui, por nós cristãos, os outros.

Hierusalem spiritualia regna describit ⁷⁹, ueram sapientiae disciplinam, resque longe ab humana scientia remotissimas ⁸⁰, mentibus nostris inspirat, quas diuinis motibus inflammat.

5 Illapsus enim quidam diuini numinis ardor adeo in intima praecordia descendit, ut caelum ac terras camposque liquentes, lucentemque globum lunae titaniaque astra spiritus intus alat, totamque infusa per artus mens agitet molem et magno se corpore fundat ⁸¹.

Quantam gratiam consequeretur, si Triadem illam diuinam graphice ponerem sub oculos.

10 Non enim licet iam scholasticis floribus ludere et sermone composito concionis aurem mulcere, et ad sensumque meum incongrua aptare testimonia.

Sic etiam Maronem sine Christo possimus dicere christianum quia scripserit:

15 *Iam redit et uirgo, redeunt Saturnia regna,
Iam nova progenies caelo demittitur alto.*

Et Patrem loquentem ad Filium:

Nate, meae uires, mea magna potentia solus,

Et post verba Salvatoris in cruce:

20 *Talia perstabat memorans fixusque manebat* ⁸².

Quasi grande sit, et non uitiosissimum docendi genus, deprauare sententias et ad uoluntatem nostram scripturam trahere repugnantem. Ut ait diuus Hieronymus, quid Apostoli, quid Prophetarum censerint, scire interest: Patrem Aeternum, qui sacerrimae huius disciplinae doctorem Filium indicauit: Hic est, inquit, Filius meus dilectus, ipsum audite! ⁸³ Spiritum illum diuinum qui tandem docuit omnia ⁸⁴, et Christum ipsum, huius sapientiae antistitem, quem, ad omnem errorem depellendum atque hominum genus e tenebris uindicandum, e caelis in terras missum, nostra haec sacrossanta theologia celebrat.

30 Videns enim caelestis ille doctor humanas mentes multis erroribus implicatas et infinitis sceleribus astrictas, diuina motus benignitate, humanam naturam inexplicabili ratione sibi assumpsit, ut, in humano habitu atque forma delitescens, nos a seruitute miserrima, qua oppressi tenebamur, eriperet, et in caelestem libertatem restitueret ⁸⁵.

11 mulgere: emendaui

21 deprauare: emendaui

É ela que descreve o reino espiritual da Igreja e da Jerusalém Celeste, inspira à nossa mente a verdadeira doutrina da sabedoria e assuntos os mais inacessíveis à ciência humana, tudo isto inflamado por impulsos divinos. Uma tal irrupção de fogo divino desce ao íntimo do peito, que um espírito íntimo passa a animar o céu, as terras, as superfícies líquidas, o disco luminoso da lua, os astros grandiosos e, difundindo-se por todos os pontos, esse espírito-pensamento, agita toda a massa, vindo a fundir-se num grande corpo.

Que grande graça eu conseguiria, se me fosse possível pôr-vos diante dos olhos um quadro perfeito daquela Trindade Divina!

Aqui já me não é lícito exercitar-me com flores de retórica e afagar os ouvidos com uma redundante linguagem oratória e adaptar ao meu pensamento textos que não condigam.

Poderíamos, por exemplo, chamar a Virgílio cristão sem Cristo por ter escrito:

*Já regressa a Virgem, volta o reino de Saturno,
Uma nova raça desce já do alto céu.*

E referir ao Pai Eterno em conversa com o Filho:

Filho, tu só és a minha força, o meu grande poder.

E como sendo do Salvador na cruz as palavras:

Continuava a recordar tais coisas e permanecia pregado.

Como se fosse sistema de ensino notável e não antes muito defeituoso, torcer os pensamentos e repuxar aos nossos desejos textos incompatíveis. Como diz S. Jerónimo, interessa conhecer o pensamento dos Apóstolos e dos Profetas, sobre o Pai Eterno que indicou o Filho como mestre desta sacratíssima disciplina dizendo: Este é o meu Filho muito amado, ouvi-o!, sobre aquele Divino Espírito que finalmente ensinou tudo, e sobre o próprio Cristo, antístite desta sabedoria, que a nossa sacrossanta teologia celebra, como descido do céu à terra, para repelir todo o erro e libertar das trevas o género humano.

Efectivamente vendo aquele mestre celestial a inteligência dos homens enredada em muitos erros e presa a pecados sem conta, movido por divina benignidade, assumiu inexplicavelmente a natureza humana, para que, escondendo-se sob o aspecto e forma humana, nos arrebatasse da misérrima escravidão que nos oprimia e nos restituisse à liberdade celeste.

Luit quidem ille suo sanguine nostra facinora, pestiferique hostis imperium exstinxit, ut tandem a nostris capitibus pestem propulsaret.

Sed non hac solum ratione insanabiles humani generis aegritudines curare uoluit, sed etiam hac disciplina caelesti, diuinaeque uirtutis
5 atque sanctitatis exemplo. Caliginem enim mentibus nostris offusam ipse excussit, atque docuit quae esset uera et constans uirtutis ratio; nempe quam solum illi possunt colere qui nulla cupiditate impediuntur, nullo motu iracundiae a mentis statu deducuntur, nullius odio aut
10 offensione commoentur, nec, iniuriis prouocati, ullam ultionem machinantur. Qui postremo non hominum rumori inseruiunt, sed ipsa recte factorum conscientia sustentantur.

Deinde quod esset illud summum et extremum in bonis demonstrat: excellens, scilicet, illud praestantissimae mentis numem, quem Deum universique conditorem, et opificem ueneramur. Ut enim
15 ignis et aquae reliquarumque rerum omnium, eum finem esse dicimus in quem res ipsae, si nihil obsistat, insita cupiditate feruntur, sic etiam hominis finis Deus est, quem, natura duce, prosequimur et cuius, qui fuerint participes, erunt in omni generi iucunditatis beatissimi.

Postremo docuit quibus ornamentis esset animus excolendus et
20 quibus gradibus in caelum ascenderemus, ubi lucem illam diuinam perpetuo contemplantes, uita beatissima florente atque felice, omni genere mali vacante et omnibus bonis affluente, perpetuo frueremur.

Ubi Deum in solio suae maiestatis sedentem contemplabimur; uidebimus et mira omnipotentis Dei quae, secundum Apostolum, non
25 licet homini loqui⁸⁶; uidebimus quae in caelo et quae sub caelo sunt, nam, ut ait August., quid est quod eius aspectus fugiat qui uidebit uidentem omnia?⁸⁷

Hoc doctus Plato nesciuit, hoc Demosthenes eloquens ignorauit⁸⁸; abscondit enim haec Deus arcana a sapientibus et prudentibus huius
30 saeculi, quae erat paruulis quandoque reuelaturus⁸⁹. Haec enim est sapientia quam loquitur Paulus inter perfectos, non saeculi huius quae destruitur, sed Dei in mysterio absconditam, quam praedestinauit ante saecula, quae Ecclesiam iungit et Christum sanctarumque nuptiarum dulce canit epithalamium⁹⁰.

35 Qui uero alienos quaerunt amores facessant hinc ocyus et aufugiant. Procul hinc, procul estote profani! Sacer est locus, extra me ite!

Foi ele que expiou, com o seu sangue, os nossos crimes e extinguiu o império do pestífero inimigo, para finalmente esconjurar a peste das nossas cabeças.

E foi não só por este meio que quis tratar as incuráveis doenças do género humano, mas também mediante esta celeste disciplina e pelo exemplo da sua virtude e santidade divinas. Ele mesmo, com a sua presença, dissipou a fuligem espalhada nas nossas inteligências e ensinou o verdadeiro e constante fundamento da virtude, que só pode ser cultivada por aqueles a quem nenhuma paixão estorva, nenhum acesso de ira perturba o raciocínio, que não se deixam agitar pelo ódio ou pelas ofensas de quem quer que seja, nem planeiam qualquer vingança quando os injuriam. Estes, em suma, não se preocupam com o ruído dos homens, mas sustentam-os a própria consciência do bem.

Ensinou depois qual era o sumo e último dos bens, a saber, aquele Nume superior, de altíssima inteligência a quem veneramos como Deus, criador e arquitecto do universo. Assim como dizemos que o fim do fogo, da água e de todas as outras coisas é aquele ao qual essas próprias coisas, se nada se opõe, são atraídas por uma tendência inata, assim também o fim do homem é Deus a quem buscamos guiados pela natureza, e do qual os que vierem a ser participantes, receberão a maior felicidade, mediante toda a espécie de venturas.

Por último ensinou com que adornos deve embelezar-se a alma e por que degraus subiríamos ao céu, onde, contemplando perpetuamente aquela luz divina, gozásemos duma vida felicíssima, bela e fecunda, livres de toda a espécie de males e repletos, para sempre, de todos os bens.

Lá contemplaremos Deus sentado no sólio da sua majestade; veremos também as maravilhas da sua onnipotência, maravilhas que, no dizer do Apóstolo, o homem não tem possibilidade de exprimir, veremos o que está no céu e debaixo do céu, pois, como diz Santo Agostinho, o que há que escape à vista daquele que vir o que vê tudo?

Isto desconheceu-o a ciência de Platão, isto ignorou-o a eloquência de Demóstenes. Deus escondeu dos sábios e prudentes deste mundo estes mistérios, que havia de revelar um dia aos seus pequeninos.

É desta sabedoria que fala S. Paulo aos cristãos, não da sabedoria deste mundo que desaparece, mas da que está escondida no mistério de Deus e que ele destinou antes dos séculos, a qual une a Igreja a Cristo e canta o suave epitalâmio dessas núpcias santas.

Afastem-se já daqui e fujam os que buscam outros amores. Longe daqui profanos, longe! Este lugar é sagrado, deixai-o. Aqui não se canta

Non hic uobis canitur, non Veneris ista sunt carmina, non sunt hic Adonidis horti ⁹¹, quos quaeritis. Vobis canat uestra Venus, ad uestras abite Syrennes, quae uos in Syrtim trahant atque Charybdim ⁹². Vos uestra circaea ebibite pocula, ⁹³ quibus in belluarum monstra transformemini. Vobis hic canitur solus Iesus Salvator, ideoque languentis animi medicina ⁹⁴ est, omnem animorum cupiditatem a rebus abstrahens humanis.

Ostendit enim nihil esse in terris summopere metuendum: non mortem, quae corpori tantum interitum affert, animum autem non attingit; non orbitatem, non reliqua huiusmodi mala, quae, si corpori officiant, opes tamen animi immortalis labefactare nequunt. Instruit etiam ad caritatem, beneficentiam ac animi moderationem.

Quae omnia, cum in intimis hominum sensibus adfigat, ad spem gloriae immortalis mortales auditores erigit, studioque diuinitatis ad religionem et honestatis officia erudit et inflammat ac ultra uires confirmat, quibus, ea quae docet, perfici constanter possint.

Et quamuis mortem carnis doceat, non id significat expetendam esse animae solutionem a corpore, antequam praestitutum a Deo tempus aduenerit, sed debere unumquemque animum ab hac mole corporea et uitii hinc inde scaturientibus surrigere et, quantum fieri potest, omni contagione carnis sequestrata, in sola profundissimarum rerum contemplatione uersari.

Huic subscribit sententiae Macrobius in *Scipionis somnium*, qui bipartitam hanc mortis diuisionem refert, ut altera natura accidat, altera ex uirtute proficiscatur ⁹⁵. Ad hoc et illud Pauli: cupio dissolui et esse cum Christo ⁹⁶. Ad haec etiam pertinent quae scribit Aurelius August in libro de *Vera Religione*: Platonem siquidem, refert, hortari solitum adolescentes suos, ut a uenereis uoluptatibus abstinerent persuasissimumque haberent ueritatem non corporeis oculis aut sensu aliquo, sed sola mentis puritate uideri. Ad quam percipiendam nihil magis impedimento esse, quam uitam libidini deditam, et falsas imagines rerum sensibilibium quae nobis per corpus imprimuntur ⁹⁷.

Cernitis me, auditores humanissimi, diuinae theologiae amore raptum, excessisse modum orationis, et tamen non implisse quod uolui ⁹⁸. Sed quoniam e scopulosis locis enauigauit oratio et, inter canas spumeis fluctibus cautes, fragilis in altum cymba processit, doctri-

36 cauteis: emendaui

para vós. Não são estes os hinos de Vénus, não são aqui os jardins de Adónis que procurais. Cante-vos a vossa Vénus, ide-vos para as vossas sereias que vos atraíam a Sirte e Caribdes. Esgotai vossas círcneas beberagens que vos transformem em monstros animais. Aqui ressoa apenas para nós a voz do Salvador Jesus, medicina da alma enferma, e que afasta das coisas humanas todo o impulso do espírito.

Efectivamente mostra que nada há na terra que se deva temer mais: nem a morte que só traz a destruição do corpo, mas não atinge a alma, nem a orfandade, nem outros males idênticos que, se prejudicam o corpo, não podem todavia abalar os recursos da alma imortal. Dispõe também para a caridade, beneficência e moderação de espírito.

E gravando tudo isto no íntimo do coração humano, levanta os ouvintes à esperança da glória imortal e dando-lhes a conhecer a divindade, instrui-os e inflama-os na religião e na virtude e, além, disso robustece-lhes as forças, de forma a poderem constantemente pôr em prática o que é ensinado. E embora fale da morte do corpo, isso não quer dizer que se deva desejar a sua separação da alma antes que chegue o tempo marcado por Deus, mas que cada um deve levantar o espírito acima desta massa corpórea e dos vícios que daqui dimanam e, afastado quanto pode ser todo o contágio carnal, ocupar-se só na contemplação das coisas mais altas.

A este pensamento adere Macróbio no *Sonho de Cipião*; fala da divisão bipartida da morte: uma que vem da natureza, outra que parte da virtude. A este propósito vem ainda aquela frase de S. Paulo: desejo ardentemente soltar-me do corpo e estar com Cristo. A isto se ligam também as palavras de Aurélio Agostinho no livro *Da Verdadeira Religião*: refere que Platão tinha por costume exortar os seus jovens a absterem-se dos prazeres venéreos e que estivessem plenamente persuadidos de que a verdade não é acessível aos olhos do corpo ou a outro sentido qualquer, mas só ao espírito puro. Para a apreender não havia maior impedimento do que uma vida dada à luxúria e as falsas imagens das coisas sensíveis que, mediante o corpo, se gravam em nós.

Vedes, cultíssimos ouvintes, que eu, arrebatado pelo amor da divina teologia, ultrapassei a medida oratória e que todavia não realizei o que pretendia. Mas já que a minha oração se escapou de lugares cheios de escolhos e, por entre rochas brancas da espuma das ondas, a frágil canoa avançou para o alto mar depois de ter deixado ao largo os escolhos doutrinários, volte-

narum scopulis transuadatis⁹⁹, alio iam uela torqueamus. Precor tamen ueritatis euangelicae amantissimos, ut eam sincera fide et honestis uirtutum officiis excolant.

Audiuimus, studiosi adolescentes, quid nosse, quid cupere debeamus¹⁰⁰. Id hactenus elaboraui ut philosophiae partes ederem, quarum disciplinis assuefacti homines et exculti, efficacissimo medicamento gaudent, quo et animorum morbos curant, et nomen, quod una cum corporibus delesset uetustas, immortalitati tradunt; quarum, qui se muneribus insinuat, statim faciunt Iouis filium felici sidere natum atque,
10 multiplici uirtute, aurea secula referentem. Quarum suauitate allekti, tandem sophi illi ueteres diminutas hominum aetates execrabantur.

Unde et Socrates, cuius morte in philosophiam peccarunt homines¹⁰¹, uicina morte id fatebatur: hoc tantum scio quod nescio¹⁰². Et sapiens ille Themistocles, cum expletis centum et septem annis,
15 se mori cerneret, dixisse fertur se dolere quod tunc egrederetur e uita quando sapere coepisset¹⁰³. Princeps ingenii et doctrinae Plato, octogesimo primo anno scribens mortuus est. Isocrates nonaginta et nouem annos indicendi scribendique labore compleuit¹⁰⁴. Et Cato ille Censorius, uir sapientissimus, iam senex, Graecas litteras
20 discere non erubuit¹⁰⁵.

Taceo multos philosophos, Pythagoram, Democritum, Xenocratem, Zenonem, qui, iam aetate longaeua, in philosophiae studiis floruerunt¹⁰⁶. Etiam plurimum laudatur Cleanthes qui, cum philosophiae siti arderet, nec sibi unde victus suppeditaretur esset, noctu
25 ad hauriendam aquam operam locabat suam¹⁰⁷, ut interdiu Chryssippi praeceptis uacare posset.

Proinde nec ignobilis auctor Vitruuius maximas parentibus gratias agit, qui illum ingenue educandum instituendumque censuissent¹⁰⁸. Alexander quoque magnus, uir discendi et legendi cupidus, Philippo
30 patri gratias agebat quod eum uoluerit Aristoteli tradere instituendum, a quo bene uiuendi rationem se assecutum gloriatur¹⁰⁹. Seneca porro, seuerissimus morum castigator, ad philosophiam confugiendum monet, quod eiusmodi litterae, non apud bonos modo, sed et apud mediocriter malos infularum loco sunt.

35 Scitum quoque Lusciiani illud, uelut ex oraculo euulgatum, philosophicis mysteriis non initiatos in tenebris saltare¹¹⁰.

mos já as velas noutras direcção. Suplico todavia aos que tanto amam a verdade evangélica, que a honrem com uma fé sincera e com as honestas homenagens da virtude.

Ouvimos, juventude estudiosa, o que devemos conhecer e desejar, trabalho que eu elaborei somente para apresentar as divisões da filosofia. Aqueles que a ela se habituam e a aprendem, gozam dum medicamento muito eficaz com que curam não só as doenças da alma, mas também transmitem à immortalidade um nome que a velhice teria destruído juntamente com o corpo. Quem se inicia nos seus dons, é constituído imediatamente filho de Zeus, nascido sob o signo duma estrela favorável e traz, de novo, pelo seu incalculável valor, a idade de ouro. Atraídos pela sua doçura é que aqueles antigos sabios dirigiam imprecações contra a brevidade da vida humana.

Eis porque Sócrates, com cuja morte os homens pecaram contra a filosofia, ao avizinhar-se aquela, confessava: uma coisa somente sei, é que não sei. E diz-se que o sábio Temístocles, ao pressentir que ia morrer, depois de ter completado cento e sete anos, afirmava que sentia pena de deixar a vida na ocasião em que começava a ter gosto de saber. Platão, príncipe do talento e do saber, morreu aos oitenta e um anos, a escrever. Isócrates completou noventa e nove anos no trabalho de ditar e escrever. E Catão o Censor, homem sapientíssimo, não sentiu desdouro de aprender, já velho, o grego.

Passo em silêncio muitos filósofos, como Pitágoras, Demócrito, Xenofonte, Zenão, que se notabilizaram no estudo da filosofia em idade já avançada. Iguamente é muito digno de louvor Cleantes que, ardendo no desejo de aprender filosofia e não tendo recursos com que se sustentar, se empregava a tirar água de noite, para, durante o dia, poder assistir às lições de Crisipo.

Também o conhecido autor Vitruvius agradecia muito aos pais, porque tinham pensado em educá-lo e instruí-lo nas artes liberais. E Alexandre Magno, homem apaixonado pela aprendizagem e pela leitura, agradecia a Filipe, seu pai, por ter querido confiá-lo, como aluno, a Aristóteles, de quem se gloriava ter recebido o modo de viver bem.

E ainda Séneca, moralista de grande austeridade, lembra que nos devemos refugiar na filosofia, pois que ela faz as vezes dum belo enfeite não só para os bons, mas também para aqueles em que há algo de mal.

Conhece-se também aquele pensamento de Lusciano, divulgado como se dum oráculo proviesse: — que os não iniciados nos mistérios filosóficos dançam nas trevas.

5 Quid praeter seria philosophiae studia, Aristotelem, summum
 peripateticorum principem, naturalium rerum consecratorem et soler-
 tissimum indagatorem adeo extulit, fecitque omnium in manibus haberi
 et mordicus teneri? Qui, ex nobili lectionis multiugae uariantisque cura,
 a Platone, ut refert Caelius in *Antiquis Lectionibus*, ἀναγώστης nun-
 10 cupatus fuit, tanquam lector foret infatigabilis et χαλκέντερος plane,
 ut etiam Graeci dicunt, ac sititor inexplebilis. Hic porro philoso-
 phiam tanto studio amplexabatur, ut dicere non dubitaret eos, qui
 artes reliquas consecrantur, hanc uero negligenter, esse Penelopes
 procis consimiles, qui, ut traditum ab Homero nouimus, cum domina
 15 potiri nequissent, ad ancillas diuertebant¹¹¹. Hos inuenisse, iuxta
 uestibulum atrii Ulysses, Minerua, his uersibus affirmat ipse Homerus:

*Εὔρε δ' ἄρα μνηστῆρας ἀγήνορας. οἱ μὲν ἔπειτα
 πεσσοῖσι προσάροιθε θυράων θυμὸν ἔτερπον
 ἤμενοι ἐν ῥινοῖσι Βοῶν, δὺς ἔκτανον αὐτοί.*¹¹²

20 Felix demum ille habendus est qui ingenio, non ad quaestum
 et libidinem abutitur, sed qui rerum potuit cognoscere causas et cuius
 mens, hoc diuino contemplationis pabulo, quasi quodam nectare et
 ambrosia, alitur¹¹³. Quid enim aliud est deorum interesse conuiuuiis,
 quam diuinis philosophiae opibus, quae epulae sunt mentis et cogi-
 25 tationis, abundare? Cui qui indulserit, elementorum compaginem,
 terrae stabilimentum, rationem et symmetriam illarum quae ex aeris
 meditullio securas hominum mentes irruptione sollicitant, consequetur.
 Animae uim et ingenium mundi artificem, caelestium mentium satel-
 litio constipatum, intuebitur. Iocunditatem denique illam sentiet
 30 quae percipitur ex ipsa caeli renidentis facie, admirabili specie, et pulchri-
 tudine siderum, immutabili constantia, in omni aetate, conseruantium.

Qua quidem notitia nihil utilius, an humanae naturae conue-
 nientius, inueniri potest. Nam si natura pulchritudinem amamus,
 nihil cernere possumus hac tam excellenti mundi specie pulchrius, si
 35 uoluptas omnes mortales allicit, nullae uoluptates sunt cum iis quae
 mente ex notitia rerum capiuntur, ulla ex parte, conferendae, si tran-
 quillus animi status est ardentem expetendus, nihil est quod maiorem
 uim habeat ad animi constantiam comparandam.

6 Καλσέντερός P S E L Καλκότορος?

E o que foi que, além dum profundo estudo da filosofia, elevou tanto Aristóteles, o grande príncipe dos peripatéticos, pesquisador dos fenómenos naturais e diligentíssimo investigador, e o fez andar de mão em mão, prendendo-se tenazmente a todas? Ele, que, devido à sua famosa preocupação de ministrar lições variadas e variáveis, recebeu de Platão, como refere Célio nas *Lições Antigas*, o nome de ἀναγνώστης, como se fosse um leitor infatigável e, com pleno acerto, χαλκεύτερος, como os gregos também dizem, além de dotado de um insaciável desejo de saber.

Efectivamente applicava-se à filosofia com tanto interesse, que não duvidava dizer que os que se dedicavam às outras artes e desprezavam esta, eram semelhantes aos pretendentes de Penélope que, como nos transmite Homero, não podendo apoderar-se da senhora, se voltavam para as escravas. Minerva encontrara-os junto do vestíbulo da casa de Ulisses, como afirma Homero nestes versos:

*Ἔδρε δ' ἄρα μνηστῆρας ἀγήγορας. οἱ μὲν ἔπειτα
πεσσοῖσι προπάροιθε θυράων θυμὸν ἔτερπον
ἦμενοι ἐν ῥινοῖσι Βοῶν, οὗς ἔκτανον αὐτοί.*

Em resumo: devemos considerar feliz, não aquele que usa a inteligência para enriquecer ou dar-se à devassidão, mas o que pode conhecer as causas das coisas e cujo espírito se sustenta com este divino alimento da contemplação, como se fosse néctar ou ambrosia. Pois que outra coisa é assistir aos convívios dos deuses do que ter em abundância os divinos recursos da filosofia, que são o alimento da alma e do pensamento? Quem a ela se aplicar, compreenderá a conexão dos elementos, a firmeza da terra, a razão e simetria daqueles fenómenos que, irrompendo do meio do espaço, chamam a atenção do tranquilo pensamento humano. Contemplará o poder do espírito e a inteligência criadora do mundo, rodeada duma escolta de espíritos celestes. Por fim sentirá aquele encanto que comunica o próprio aspecto do céu brilhante, com a sua apresentação admirável e com a beleza dos astros que, devido a uma constância imutável, conservam, em todo o tempo, movimentos certos e uniformes.

E nada de mais útil ou de mais conveniente à natureza humana pode encontrar-se, do que este conhecimento. Se amamos o belo por natureza, nada podemos ver mais belo do que este tão excelente aspecto do mundo; se o prazer atrai todos os mortais, nenhum prazer é comparável, sob qualquer aspecto, com aquele que o espírito recebe do conhecimento das coisas; se é muito de procurar um estado de alma tranquilo, nada há que maior poder tenha para adquirir essa calma de espírito.

Is enim qui diuinarum rerum pulchritudinem amare coeperit, nunquam, humanarum uoluptate captus, ullum scelus admittet, nec aliquid in uita suscipiet in quod humilitatis aut inconstantiae aut turpitudinis suspicio conuenire possit.

5 Siquidem humilitati repugnat naturae amplitudo, inconstantiae rati ac aequabiles siderum cursus, totiusque caelestis naturae firmitas, turpitudini uero tam magnifici operis decus et ornamentum.

Quare, ex iis studiis praeclarissimis, efflorescat tandem necesse est pietas atque iustitia et reliquae uirtutes quibus humani animi excoluntur et ad divinae mentis similitudinem accedunt.

10 Quo bono allectus Alexander ille Magnus momenti non minus ponebat in bonarum philosophiae artium cognitione, quam in tanto eius imperio, quo maximam orbis terrarum partem occupauerat¹¹⁴. Unde suarum expeditionum comites et commilitones semper habuit
15 tum praeclaros philosophos, tum praeclarissimorum auctorum codices, quibus omne ab armis otiosum tempus impenderet; quo certe sibi celebre ac sempiternum nomen peperit¹¹⁵.

Inuictissimus Rex nostr Ioannes tertius

Quantum igitur manet tropaeum inuictissimo Portugaliae regi
20 Ioanni tertio, quam iusta praeconia, quam uerae ac germanae laudes! Qui philosophiae iam paene sepultam cognitionem ab inferis quodammodo excitauit, barbariem expulit et profligauit omnemquem humanitatem, quasi e caelo petitam, in domos induxit¹¹⁶, quando Lusitaniam, bonarum artium rudem, omnibus disciplinis instruendam curauit.

25 O Lusitania felix, tanto principe digna, per quam domita est inimicorum Christi et persecutorum Ecclesiae temeritas et insania, aucta et amplificata orthodoxae fidei christianaeque religionis dignitas!

Quae omnia, non sine diuino Sanctissimae Triadis consilio, a piissimo rege sunt effecta, qui terras Ecclesiae ab infidelibus tyrannide
30 occupatas, in dies expugnat et Romano eas restituit Tribunali, quae illum iam suum Regem agnoscunt, et principem ad mortales iuuandos natum profitentur. Quae omnia non modo nobis nota sunt, sed et aliis quoque nationibus longinquis, quibus ille iuste atque legitime imperat.

35 Qui rursus, post tot deuictas gentes, reportatis inde non incruentis uictoriis, post christianae religionis longe lateque apud Indos propagatam persuasionem, post expugnata Mauritaniae littora, tam multis

Aquele que começou a amar a beleza das coisas divinas, nunca o prazer das humanas o seduzirá, levando-o a cometer qualquer ação má, nem a aceitar algo, na vida, em que possa convergir suspeita de pequenez, de inconstância ou de torpeza. É que à pequenez repugna a vastidão da natureza, à inconstância as calculadas e constantes órbitas siderais e a estabilidade de todo o mundo celeste, à torpeza o adorno e asseio de tão magnífica obra.

Eis porque é forçoso que, de tão notabilíssimas ocupações, saia, por fim, a flor da piedade, da justiça e das restantes virtudes que embelezam a alma humana e a aproximam da semelhança com a mente divina.

Atraído por este bem, o célebre Alexandre Magno não punha menos interesse no conhecimento das artes liberais da filosofia, do que no seu império tão grande, que ocupava a maior parte da terra. Eis porque teve sempre, como companheiros das suas expedições e camaradas de armas, não só ilustres filósofos, mas também os códices de autores de grande nome, com quem dispendia todo o tempo de lazer que as armas lhe deixavam. Assim grangeou incontestavelmente um nome célebre e imorredouro.

O nosso Invictissimo D. João III

Que grande troféu está então reservado a D. João III, invictíssimo rei de Portugal, quão justos panegíricos, quão verdadeiros e legítimos louvores! Foi ele que, de algum modo, fez sair das profundezas, onde estava quase sepultado, o estudo da filosofia, expulsou e destruiu a ignorância e abriu as portas a toda a cultura, pedida como que ao céu, quando cuidou de instruir a inculca Lusitânia em todas as disciplinas das artes liberais.

Ó Lusitânia feliz, digna de um tão grande Príncipe, por quem foi subjugada a audácia e a loucura dos inimigos de Cristo e dos perseguidores da Igreja, aumentada e amplificada a glória da fé ortodoxa e da religião cristã! E tudo isto levado a cabo pelo Rei Piedosíssimo, não sem um divino desígnio da Santíssima Trindade.

É ele quem subjuga, dia a dia, as terras da Igreja ocupadas pela tirania dos infiéis e restitui à cátedra de Roma aquelas que já o conhecem como seu rei, e vêem nele o Príncipe que nasceu para ajudar os mortais.

Tudo isto é, não só do nosso conhecimento, mas também do de outras terras longínquas, em que ele justa e legitimamente exerce o poder.

E agora, depois de vencidos tantos povos, não sem vitórias sangrentas, depois de propaganda, na Índia, ao longe e ao largo, a religião cristã, depois de subjogado o litoral da Mauritània. com tantos troféus erguidos a seus

erectis tropaeis iustis triumphis, nondum tamen ad felicitatis summam suam peruenisse Lusitaniam ratus, addit ultimam manum: inducit ad umbilicos opus, dum eam omnibus litterarum ornamentis ornat et illustrat. Qui pietatis et sapientiae studio flagrans, inclytum hoc
5 Conimbricense Lyceum, uniuersi terrarum orbis florentissimum, instituit, superbia et insignia collegia erexit, tum re ipsa honorifica, tum didactro et priuilegiis neuitquam paenitenda.

Vbi innumeris positis musarum sedibus, praeceptores doctissimos est magnis congiariis, amplissimisque muneribus prosecutus. Nec
10 contentus ista tam rara munificentia, magnificentissimus Rex addidit insuper opima beneficia aliaque emolumenta, quibus donati emeriti professores disciplinarum queant in posterum securam, et tranquillam agere uitam.

Quem pium Regis conatum et sanctam liberalitatem summis laudibus dignam iudicans et comprobans, Sanctissimus Papa Paulus tertius, e suo ipso sacro gazophilacio, ¹¹⁷ immensa spiritualia dona et praerogativas adiecit.

Quae omnia, ut in suo loco apte, conuenienter et condigne distribuerentur te, illustrissime Rector, oeconomon et dispensatorem
20 statuerunt nostri classici auctores, cuius nutu et consiliis tota litteraria Republica constitueretur.

D. Emmanuel a Menesio Rector

Nouerant siquidem te uiri omnigena eruditione instructissimi, optimum esse iuris pontificii specimen, nouerant admirandam tuarum
25 uirtutum amplitudinem, pulcherrimasque animi dotes, quibus nos sapienter instrues et moderaberis. Nam cum uirtutibus humanitatis, nobilitatis, liberalitatis, prudentiae, integritatis et constantiae mirabiliter ornatus sis, tum illud est in tuis moribus amplissimum, quod omnia uitae consilia pietate et religione christiana metiris.

30

Conimbrica

Optimo autem consilio, Rex Prudentissimus suam hic Academiam instituit, in urbe amoenissima et opulentissima. Par enim erat Conimbricam, cum primis in Lusitania urbem antiquam, antiquissimis etiam

justos triunfos, pensando que a sua Lusitânia não chegara todavia ao máximo da felicidade, acrescenta-lhe uma última demão: leva o trabalho ao fim, adornando-a e celebrizando-a com todos os enfeites das letras. Ardendo no amor da virtude e da sabedoria, fundou esta Universidade de Coimbra, a mais florescente de todo o mundo, levantou notáveis colégios que, quer pelas honrarias, quer pelos honorários e privilégios de que os dotou, jamais lhe serão motivo de pesar. Ali fez assentar arraiais às inumeráveis musas e cumulou os doutíssimos mestres de grandes remunerações e amplíssimas mercês. E não contente com uma tão rara liberalidade, o rei magnificen-tíssimo acrescentou-lhe pingues benefícios e outros emolumentos, que dão aos eméritos professores das várias disciplinas a possibilidade, de, no futuro, levarem uma vida calma e tranquila.

Julgando digno dos maiores louvores e aprovando este piedoso empenho e santa liberalidade do Rei, o Santíssimo Papa Paulo III somou-lhe, do seu tesouro sagrado, imensos dons espirituais e prerrogativas.

E para que tudo fosse distribuído apta, conveniente e condignamente, cada coisa no seu lugar, os nossos sábios mestres constituíram-vos, Ilustríssimo Reitor, ecónomo e superintendente, a cujo aceno e deliberações fosse organizada toda a república literária.

D. Manuel de Meneses, Reitor

Sabiam bem esses homens dotados duma enciclopédica erudição, que vós ereis um excelente modelo de direito pontíficio; conheciam a admirável extensão das vossas virtudes e os encantadores dotes do vosso espírito, com que sabiamente nos instruireis e governareis. Tendo como admirável adorno as virtudes da benevolência, nobreza, liberalidade, prudência, honestidade e constância, numa coisa todavia se agiganta sobremodo o vosso carácter: em pautar todos os projectos da vossa vida pela piedade e religião cristãs.

Coimbra

Muito bem avisado andou também o rei prudentíssimo em estabelecer a sua Academia aqui, numa cidade tão amena e opulenta.

Era justo na verdade que Coimbra, cidade antiga entre as primeiras de Portugal, fosse ataviada com os mais antigos adornos, como são as letras,

ornamentis, utpote litteris, exornari et cineres Alphonsi Regis fortunatissimi, cui optimam Portugaliae partem debemus, litterarum claritate nobilitari et splendescere.

5 Huic enim urbi, tanquam Pandore¹¹⁸, dii omnes, ut poetice loquar, singuli bona singula dono dederunt, cui nihil deest, quod ad humanam conferat felicitatem. Nam et rerum abundantia, fertilitate, aeris temperie, pulchritudine praestat; agris etiam et campis latissime patet, Munda, nobili fluuio¹¹⁹, alluitur, eminet saluberrimis collibus, uiget hortorum amoenitate, nec feruentiori aestu flagrat, nec pluuiis
10 exundat, nec gelu riget, sed medium quoddam est assecuta

Non desunt circum prata omni tempore uirentia, non siluae tot arboribus consitae, ubi apri, cerui, damae, lacus et fontes garritibus auium celebrati, uineta quoque cum oliuetis et amoenissima pomaria reperiuntur.

15 Quid aedificia magnifice structa et Deorum templa referam, quae cum ipsa uetustate non modo contendunt, sed eandem etiam superant?

At iam nos uocat operis choronis, iam in iocundissimam incidimus catastrophem!

20 Philosophia quidem nihil praeclarius, ad laudem nihil illustrius, ad uirtutem et gloriam consequendam nihil aptius, nihil denique, si opes petantur ad communis usus necessitatem, utilius; quae immortalitatis gloria suos cultores remuneratur.

Qui igitur laudem, qui dignitatem, qui gloriam quaerit in studium philosophiae ardentissime incumbat; ueram iustitiam, absolutam
25 liberalitatem et perfectam animi moderationem amplectatur eamque fortitudinem retineat cui adiunctum est sapientiae decus et amplitudo. Quid enim aliud est in uita constans, excelsum atque magnificum? quid non potius fluxum, dimissum et turpiter abiectum?

Siue enim diuitiarum inconstantiam respiciamus, siue honoris et
30 humanae gloriae leuitatem, siue quemdam fucatum generis et nobilitatis splendorem, siue postremo humanae uirtutis speciem simulatam atque fallacem, nihil reperiemus quod mentem ualeat explere, aut animum uoluptate diuturna possit allicere. Omnia namque sunt angusta, fluxa, mortalia, erroris atque inanitatis plenissima. Sola
35 litterarum ornamenta ampla sunt, angusta, diuina, immortalia, quae nulla unquam uis eripiet, nulla uetustas obliuione obruet, nulla calamitas extinguet.

DIXI.

e que as cinzas do venturosíssimo rei Afonso, a quem devemos a melhor parte de Portugal, recebessem, do brilho delas, glória e esplendor.

Para falar em linguagem poética, a esta cidade, qual Pandora, todos os deuses ofertaram de presente a sua dádiva, nada lhe faltando daquilo que contribui para a felicidade humana. Destaca-se pela abundância de gêneros, fertilidade, doçura de clima e beleza. Tem grande extensão de campos e planícies, é irrigada pela célebre Mondego; sobressai pela salubridade das suas colinas pelo viço e encanto dos jardins; não a queima o calor demasiado, não a inundam as chuvas, não a endurece o gelo, mas está num meio termo.

Não lhe minguem em redor prados verdejantes em todo o tempo, bosques com toda a espécie de árvores, onde há javalis, veados, corças. Tem lagos e fontes frequentadas pelo chilreio das aves, vinhas, oliveiras e pomares muito aprazíveis.

E po.que hei-de referir-me aos magníficos edificios e aos templos divinos, que não só não rivalizam com a antiguidade, mas ainda a excedem?

Mas já o sinal de acabar nos despertou; já chegamos ao tão almejado fim.

Na verdade, nada mais notável do que a filosofia, nada mais brilhante para alcançar celebridade, nada mais apto para adquirir a virtude e a glória e finalmente, se se exigem disponibilidades para as exigências do dia a dia, nada mais útil. Ela recompensa os que a cultivam com a glória da imortalidade.

Quem pois busque renome, consideração, glória, aplique-se com todo o afincio, ao estudo da filosofia, abraça a verdadeira justiça, a liberalidade sem peias e uma perfeita moderação de espírito, e conserve aquela firmeza a que anda ligado o decoro e a amplitude da sabedoria. Pois o que há na vida que seja constante, elevado e magnífico e não antes passageiro, baixo e vergonhosamente objecto?

Quer olhemos para a mobilidade da riqueza ou da honra e para a futilidade da glória humana, quer para essa espécie de brilho postiço da ascendência e da nobreza, quer, por fim, para a simulada e falaz aparência de valor humano, nada encontraremos que possa encher a alma, ou seduzi-la com um prazer duradouro. Todas as coisas, com efeito, são limitadas, passageiras, mortais, repletas de erro e de futilidade. Só a glória das letras é grande, augusta, divina, imortal; nenhuma violência a arrebatará, o tempo, por mais longo, não a lançará ao esquecimento, desgraça alguma a fará desaparecer.

DISSE

(Página deixada propositadamente em branco)

NOTAS E ALGUNS COMENTÁRIOS

¹ *Odisseia*, 1. 66 (1). Tradução:

«Aquele que entre os mortais é superior pelo espírito...».

² Construção usada por Cícero. Cfr. *Ad Att*, 11, 1,2:

«Ut possim salutem meam benevolentiae tuae acceptam referre»;

De nat. Deor., 3.36.86: «Virtutem nemo unquam acceptam Deo retulit».

³ Expressão familiar a Plauto e Cícero. Cfr. *Capt.* 2.2.44; *Cist.*, I, 1,87;

Tusc. 1,9,17: «Geram tibi morem et ea quae uis, ut potero, explicabo»:

Ad Att., 2, 16: «Ut utrique a me mos gestus esse uideatur»; *Nat. Deor.*, 2, 1.3, etc..

⁴ Expressão usada por Cícero nas obras de retórica. Cfr. *Part. Orat.* 6.21: «Suaue autem genus erit dicendi»...

Estas três notas confirmam afinal o que já dissemos sobre o uso, pelo nosso autor, do vocabulário e construções ciceronianas.

⁵ Séneca, *Ep.* 89.1: «(Philosophia) profecto omnes mortales in admirationem sui raperet, relictis his quae nunc magna magnorum ignorantia credimus».

⁶ Plutarco, *De liberis Educandis*, 10.

«Διὰ γὰρ ταύτην καὶ μετὰ ταύτης γινῶσαι, τί τὸ καλόν, τί τὸ αἰσχρόν, τί τὸ δίκαιον, τί τὸ ἄδικον, τί τὸ συλλήβδην αἰρητὸν, τί φευκτόν, πῶς Θεοῖς, πῶς γονεῦσι, πῶς πρεσβυτέροις, πῶς νόμοις, πῶς ἀλλοτρίοις, πῶς ἄρχουσι, πῶς φίλοις, πῶς γυναῖξι, πῶς τέκνοις, πῶς οἰκέταις χρηστέον ἐστὶ· ὅτι δεῖ Θεοὺς μὲν σέβεσθαι, γονέας δὲ τιμᾶν, πρεσβυτέρους αἰδεῖσθαι, νόμοις πειθαρχεῖν, ἄρχουσι δὲ υπεῖχειν'. Ὁ φιλοῦς δὲ ἀγαπᾶν πρὸς γυναῖκας σωφρονεῖν, τέκνων δὲ στεργτικῶς εἶναι, δούλους μὴ περιωβρίζειν, τὸ δὲ μέγιστον, μήτε ἐν ταῖς εὐπραγίαις περιχαρεῖς, μήτε ἐν ταῖς συμφοραῖς περιλύπῳς ὑπάρχειν, μήτε ἐν ταῖς ἡδοναῖς ἐκλύτῳς εἶναι, μήτε ἐν ταῖς ὀργαῖς ἐκπαθεῖς καὶ θηριώδεις.»

Hilário Moreira no entanto não traduziu o original, mas aproveitou a tradução da *Miscelania Velasci* de 1473, e que passamos a transcrever:

«Per hanc et cum hac (philosophia) scire licet quid honestum, quid turpe, quid iustum, quid iniustum et summatim quid eligendum, quid fugiendum, quomodo parentibus, quomodo natu grandioribus, quomodo peregrinis, magistratibus, amicis, uxoribus ac seruis utendum sit. Utque deos ueneremur, parentes honoremus, seniores uereamur, legibus obtemperemus, magistratibus cedendum sit. Amicos diligere oporteat, in mulieres

(1) Devemos a identificação deste passo à Senhora Doutora D. Maria Helena da Rocha Pereira.

seruare modestiam, caros habere liberos, minime seruire cum seruis et — quod maximum est — in prosperis fortunae successibus laetitia non effundi, nec in aduersis casibus tristitia deprimi, nec omnino uoluptatibus esse deditos, nec ita per iracundiam affici, ut beluarum animos induamus».

Como se vê, à parte umas ligeiras alterações, o latim é o mesmo. Mas há mais: quem fez esta tradução, omitiu três expressões do texto grego: *πῶς θεοῖς, πῶς νόμοις, πῶς τέκνοις*.

Ora a falta destas, em Hilário Moreira, é a prova mais evidente do que acabamos de afirmar.

⁷ Cícero, *Pro Archia*, 74:

«Haec studia secundas res ornant, aduersis perfrugium ac solacium praebent, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur».

No passo de Cícero, Hilário Moreira inseriu «otio amoenissimo».

⁸ Cfr. Cícero, *De Senect*, 14.49:

«At illa, quanti sunt, animum tanquam emeritis stipendiis libidinis, ambitionis, contentionis, inimicitiarum, cupiditatum omnium, secum esse secumque, ut dicitur, uiuere».

Hilário Moreira retirou «libidinis» e «uoluptatum» e acrescentou «inimicitiarum».

⁹ Diógenes Laércio, *De uitis et moribus Philosophorum*, Proémio, 35 e ss.:

«Φιλοσοφίαν δὲ πρῶτος ὠνόμαζε Πυθαγόρας καὶ ἑαυτὸν φιλόσοφον ... Θᾶττον δὲ ἐκαλεῖτο σοφία καὶ σόφος ὁ ταῖν ἐπαγγελομένων, ὃς εἶην ἂν ἀκρότητα πρυγὰς ἀπηκριβωμένων· φιλόσοφος δὲ ὁ σοφίαν ἀσπαζόμενος ... καὶ ἐκαλεῖτο ἢ μὲν Ἰωνικῆ, ὅτι θαλῆς Ἰων ὢν, Μιλήσιος γὰρ καθηγήσατο Ἀναξιμάνδρον ἢ δὲ Ἰταλικῆ ἀπὸ Πυθαγόρου, ὅτι τὰ πλεῖστα κατὰ τὴν Ἰταλίαν ἐφιλοσόφησεν.»

Também aqui Hilário Moreira se valeu duma tradução latina, decerto da de Valentim Curião, que é de 1524. Vejamos:

«Philosophiam uero Pythagoras primus appellauit seque philosophum ... Antea enim *σοφία*, hoc est, sapientia dicta, quae nunc philosophia dicitur. Et qui hanc profitebantur *σόφοι*, hoc est, sapientes appellati... Auctore Pytagora, philosophos, hoc est, sapientiae studiosos appellamus ... Appellatumque est id philosophiae genus Ionicum, quod Tales ex Ionia fuerit. Milesius enim cum esset, Anaximandrum instituit. Hoc autem Italicum, quod illius auctor, Pythagoras, in Italia ut plurimum philosophatus sit.»

Fala em seguida o tradutor das várias *sectae* entre as quais os *Academici*, *Peripatetici* et *stoici*, a que junta os nomes dos respectivos fundadores. O confronto destes dois textos mostra-nos que o tradutor omite uma frase na tradução e traduz a anterior de um modo bastante livre. Ora esta tradução foi também aproveitada por Hilário Moreira que, no entanto, lhe deu um ligeiro arranjo, como aliás acontece para todo o texto de Diógenes Laércio (1). Cícero também chama a filosofia *studium sapientiae*. Cfr., p. ex., *De Off.* 2: 2.5.

¹⁰ Reminiscência de Apuleio, *Met.* 10;

«Apud legiferos Athenienses catos illos et omnis scientiae magistros».

¹¹ Reminiscência de Cícero, *Pro Archia*, 8.18:

«Poetam ... diuino quodam spiritu afflari».

(1) Em virtude do que fica dito, para o futuro continuaremos a citar Diógenes Laércio na versão latina.

12 Não encontramos em Platão o passo que Hilário Moreira apresenta à maneira de citação, mas uma passagem idêntica, que deve ter sido a inspiradora desta.

Timeu, 47 b:

«Ἐξ ὧν ἐπορισάμεθα φιλοσοφίας γένος, οὐ μείζον ἀγαθὸν οὐτ' ἦλθεν, οὔτε ἦξει ποτε τῷ θνητῷ γένει δωρηθὲν ἐκ θεῶν.»

Além de ter feito a tradução deste passo no *Timeu*, 19, Cícero ainda se lhe refere nas *Tusculanas*, 1.26.64:

«Philosophia uero, omnium mater artium, quid est aliud nisi, ut Plato, donum, ut ego, inuentum Deorum?»

O mesmo pensamento aparece em *Simplicio, Commentarii in Enchirid.*, 22.34:

«Τὸ γὰρ μέγιστον τῶν ἐκ θεῶν δωρηθέντων ἀνθρώποις φιλοσοφία ἐστίν.»

13 Divisão apresentada por Sêneca, *Epistola* 95-10:

«Philosophia autem et contemplatiua est et actiua; spectat simul agitque».

14 Célio, *Antiquarum lectionum libri*, 42.9:

«Ego uero, qui ex Platone didicisse uideo, philosophi officium esse diuina tenere. humana gubernare; prius enim diuinam, it est, absolutam ipsius boni naturam per sapientiae claritatem contemplatur; deinde ad id bonum, uelut ad finem, humanas operationes dirigens, humana dispensat.»

15 Cfr. Platão, *De República*, 5.473, d:

«Ἐὰν μὴ, ἣν δ' ἐγὼ, ἣ οἱ φιλόσοφοι βασιλεύσωσι ἐν ταῖς πόλεσι, ἣ οἱ βασιλεῖς τε νῦν λεγόμενοι καὶ δυνάσται φιλοσοφήσωσι γνησίως τε καὶ ἱκανῶς, καὶ τοῦτο εἰς ταῦτόν ξυμπέσῃ, δυνάμεις τε πολιτικῆ καὶ φιλοσοφία, τῶν δὲ νῦν πορευομένων χωρὶς ἐφ' ἐκότερον αἱ πολλαὶ φύσεις ἐξ ἀναγκῆς ἀποκλεσθῶσιν, οὐκ ἔστι κακῶν παῦλα, ὃ φίλε Γλαύκων, ταῖς πόλεσι, δοκῶ δ' οὐδὲ τῷ ἀνθρωπίνῳ γένει, οὐδὲ αὐτῇ ἡ πολιτεία μὴ ποτε πρότερον φῆναι τε εἰς τὸ δυνατὸν καὶ φῶς ἡλίου ἴδῃ, ἣν νῦν λόγῳ διεληλύθαμεν.»

16 Cícero, *De Off.* 1.4.12-:

«Homini est propria ueri inquisitio atque inuestigatio». Idem, *De Off.* 1.5.15: ...«ex singulis certa officiorum genera nascuntur, uelut ex ea parte quae prima descripta est, in qua sapientiam et prudentiam ponimus, id est, indagatio atque inuentio ueri».

17 Reminiscência de Sêneca, *De Breuit. uitae*, 10-1:

(«Fabianus) solebat dicere non ex his cathedrae philosophis, sed ex ueris et antiquis...

Porém a fonte de Hilário Moreira, para este passo e para o anterior, foi a obra já citada de Célio, 16, 8:

«Sed redeo ad philosophiam, cuius praecipuum munus est indagatio atque inuentio ueritatis. Huius rei amore ac studio, philosophi nomen inuentum est. Cuius ubique Plato studiosus atque audis indagator fuit. Huius limites seruauit, ut debuit, cum de rebus diuinis humanisque disserteret...

Idem Plato sapientis esse negauit eas artes quae plerumque uitae inseruiunt. Siue illae necessariae, siue utiles, siue elegantes, siue ludicrae, siue auxiliares sint. Propriam uero philosophi, non cathedrae, sed ueri et antiqui».

Cfr. *República*, 591 c.

18 Alusão ao cosmopolitismo propugnado pelos estóicos e de que há amostras em Cícero, *De legibus* 1.22,58, Sêneca, *De tranquillitate Animi*, 3.9 e *Vitrúvio, De Architectura*.

Todavia este pensamento e os que se lhe seguem são tirados de Célio, que também já bebeu em Cícero, *op. cit.*; 4-3:

«Haec est uirtus ea quae, ut Theophrastus inquit, nos in alienis locis prohibet uideri peregrinos uel necessariis amissis, amicorum inopes. Sed quamcumque adierimus ciuitatem, ea nos amplissime donat. Haec adeo uitae dux est, ac uitiorum expultrix, sicut a M. Tulio proditum nouimus. Ut si hanc, uel ex conuiuuiis exigendam censeas, amplius longe peccaris, quam si lucernam restinxeris ... Suo nomine praesignes multi in una hac, quasi tabernaculum, uitae suae collocarunt, ueluti plane sit benefactorum omnium mater ac benedictorum».

O passo de Cícero que aqui se refere é das *Tusc. Disput.*, 5.2.5..

Mas há outro ainda: *De Orat.*, 3.20:

«Nec tamen istis, qui in una philosophia, quasi tabernaculum uitae suae collocarunt, multum sane in disputatione concedimus».

Transcrevemos também o passo de Vitrúvio alusivo ao cosmopolitismo dos filósofos, por ter sido talvez a fonte de Célio:

«Theophrastus ita ponit: doctum et omnibus solum neque in alienis locis peregrinum neque, amissis familiaribus et necessariis, inopem amicorum, sed in omni ciuitate esse ciuem».

Em Teofrasto, porém, nada encontramos. Deverá tratar-se de um passo de qualquer obra perdida.

¹⁹ Reminiscência de Diógenes Laércio, in *op. cit.*, 5.1.11:

«Aristoteles ... eruditionem optimum esse dicebat uaticum senectutis».

²⁰ de olhar voltado para o céu.

²¹ que tem discernimento das coisas celestes.

²² guia de estrangeiros.

²³ guia das almas.

²⁴ Reminiscência de Virgílio, *Geórgicas*, 4.6:

«In tenui labor; at tenuis non gloria, si quem numina laeua sinunt auditque uocatus Appollo».

²⁵ Cfr. Virgílio, *Ecloga*, 9.43:

«Huc ades, insani feriant, sine, littora fluctus».

²⁶ Sobre a origem das letras, uns dizem que Cadmo as trouxe da Fenícia para Tebas: Plínio, *História Nat.* 7, 56-57, Tácito, *Annales*, 11.14, *Clemente de Alex.*, *Stromata*, 1.16, Aristóteles, *De inuentis*, frag. 256, *Dion Milesius*, frag. 1. Há quem afirme que foram trazidas do Egipto por Cécrops:

Hygin. Fab., 277.

Outros ainda dizem que, antes das letras cadmeias, havia já as letras pelasgas.

Em lado algum porém vimos que Cadmo as encontrasse na Grécia, como afirma o nosso autor.

²⁷ Expressão ciceroniana. Cfr. *Fam.* 3.10 (Ad Ap. Claudium, 146):

«Cum esset ad nos adlatum de temeritate eorum qui tibi negotium facessero...».

²⁸ Cfr. Séneca, *Epist.* 49.5:

«Nec ego nego prospicienda ista, sed prospicienda tantum et a limine salutanda». Este pensamento devia ter-se vulgarizado, pois encontramos-lo também no prefácio de João de Montolónio ao seu *Promptuarium*: «Etenim neque ipsas diuini reconditorii sententias a solo limine seu frontispício salutauí.»

²⁹ *Momos*. Cícero usa esta expressão na carta 13.19.3 a *Ático*, ao falar dos interlocutores dos *Academicis*.

³⁰ Reminiscência de Quintiliano, de *Instit. Orat.*; 10.6.2:

«Cogitatio. — uerba copulat totamque ita contextit orationem...»

³¹ Reminiscência de Cícero, *Brutus*, 31.118.

«Stoici architecti paene uerborum».

³² Quintiliano; *De Instit. Orat.*, 1.4.5:

«(Grammatica) necessaria pueris, iocunda senibus, dulcis secretorum comes, et quae uel sola, omni genere studiorum, plus habeat operis quam ostentationis».

Cataldo, na sua oração de sapiência, apresenta também este mesmo pensamento, ao falar precisamente da Gramática.

³³ Célio — *op. cit.*, 13,42:

«Philosophiam tres continere partes non fere est qui nesciat: Dialecticem, quam disputatricem nonnulli, latino interpretamento, dixerunt, Logicem alii».

³⁴ Segundo Platão, a Dialéctica exige o conhecimento das ciências, razão por que só tarde se pode adquirir plenamente.

Ver *República*, 7.539 d e 540 a.

³⁵ Cícero, *De Orat.*, 1.42.188:

«Adhibita est igitur ars quadam extrinsecus ex alio genere quodam, quod sibi totum philosophi assumunt, quae rem dissolutam, diuulsamque conglutinaret et ratione quadam constringeret».

³⁶ Santo Agostinho, *De civit Dei*, 8.10.2:

«Nec si litteras eorum (paganorum) christianus ignorans, uerbis quae non didicit in disputatione non utitur, ut uel naturalem latine uel physicam graece appellet eam partem in qua de inquisitione naturae tractatur, et rationalem siue logicam in qua quaeritur quonam modo ueritas percipi possit...»

³⁷ Cfr. *Gênesis*, 2.11.:

«Nomen uni Phison. Hoc est quod circuit totam terram Heuilah, ubi est aurum».

³⁸ *Eccli.*, 43.12:

«Vide arcum et benedic eum qui fecit illum; ualde speciosus est in splendore suo».

³⁹ Cfr. *Eccli.*, 50.6:

«Quasi arcus refulgens inter nebulas gloriae».

⁴⁰ Santo Agostinho, no *De Doctr. Christ.*, 3.30, ao falar das teorias de Ticónio, diz:

...«quasdam septem regulas exsecutus est, quibus quasi clauibus diuinarum Scripturarum aperientur occulta». E mais adiante; 4.11:

«Quid enim potest claus aurea, si aperire quod uolumus non potest? an quid obest lignea, si hoc potest? quando nihil quaerimus nisi patere quod clausum est.»

O pensamento, tal e qual o nosso autor o apresenta, não o encontramos.

⁴¹ Cf. Cícero, *De Orat.*, 1.42. 188 e ss, 12.54 e ss, 3.15.57 e ss, 21.72 e ss.

⁴² Aulo Gêlio in *Noctes Atticae*, 16,9, falando do gosto sempre crescente que a dialéctica dá aos que a estudam, diz:

«Sequitur quaedam dicendi uoluptas insaciabilis, cui sane, si modum non feceris, periculum non mediocre erit ne, ut plerique alii, tu quoque in illis dialecticae gyris atque maeandris, tanquam apud sirenios scopulos consenescas».

Este mesmo pensamento foi aproveitado por Célio, de quem Hilário Moreira o tirou. Diz assim Célio:

«In cuius (logicae) non est consenesendum gyris atque maeandris tanquam apud sirenios scopulos».

⁴³ Cícero, *Orator*, 32.113:

«Esse igitur perfecte eloquentis puto non eam solum facultatem habere quae sit eius propria, fuse, lateque dicendi, sed etiam uicinarum eius atque finitimarum dialecticorum scientiam assumere».

Hilário Moreira, no entanto, tirou de Cataldo este pensamento e os que se lhe seguem: «Eamque (dialecticam) dixit Cicero uicinam esse ac finitimam eloquentiae scientiam. Unde Zeno ille, a quo disciplina stoicorum est, manu demonstrare solebat quid inter has artes interesset. Nam cum compresserat digitos pugnumque fecerat eiusmodi dialecticam esse aiebat. Cum autem pugnum diduxerat et manum dilatauerat palmae illius, similem eloquentiam esse dicebat».

Cataldo transcreve Cícero, sem a mais pequena alteração, ao contrário do nosso autor que simplificou muito a última frase.

Cícero refere-se ainda à imagem apresentada por Zenão no *De Finibus*, 2.6.15: «Rhetoricam palmae, dialecticam pugno similem esse dicebat Zeno».

Também Sexto Empírico in *Aduersus Mathem*; 2.7., diz:

«Ζήνων ὁ Κιτιεὺς ἐρωτῶν εἶς ὄτω διαφέρει διαλεκτικὴ ἡρητορικῆς, συστρέφας τὴν χεῖρα καὶ πάλιν ἐξαπλώσας, ἔφη· Τοῦτω· κατὰ μὲν τὴν συστρωφὴν τὸ στρόγγυλον καὶ βραχὺ τῆς διαλεκτικῆς, τάτων ἰδίωμα, διὰ δὲ τῆς ἐξαπλώσεως καὶ ἐκτάσεως τῶν δακτύλων τὸ πλατὺ τῆς ἡρητορικῆς δυνάμειος αἰνιττόμενος.»

⁴⁴ Cícero, *Paradoxos*, 1.16:

«Nihil est tam incredibile quod non dicendo fiat probabile; nihil tam horridum, tam incultum, quod non splendescat oratione et tanquam excolatur».

⁴⁵ Cataldo, *oração de sapiência*:

«Oratoria uero facultas, suis cumulata dotibus, non nisi in bonis uiris esse potest; ea est quae gloriosos homines extollat, effrenatis moderetur, innocentes absoluat, segnes ac timidos erigat et ad omnia ardua cuiusuis animum promptissimum conuertat. Quae res Demosthenis exemplo facilis est confirmatu; quippe solus ipse Athenienses in Philipum, Macedonum regem, quamuis in se concitos, irritauit. Hic, per omnem Graeciam legatus, cunctas fere Graecas ciuitates in Philipum dicendo commouit. Et, ne plura de Graecis loquar: quantam in Cicerone dicendi uis emicuit? In causa enim Ligarii, quae apud Caesarem dictatorem agebatur, fertur Caesar eo animo fuisse, ut omnino Ligarius esset condemnandus et cum uenisset defensurus Cicero, dixit Caesar amicis reum quidem damnare certissimum est, audire tamen Ciceronem nihil prohibet.

Sed pulchrum est nunc referre quid, illo deinde agente, contigerit.

Incipit iam Cicero tunc dicere: audiebat Ciceronem Caesar, sed nihil adhuc exordio illo mouebatur; at, ubi Cicero aliquanto uehementius in dicendo incaluit, adeo Caesar ui illa dicendi commotus est, ut statim condemnandi propositum mutaret, totoque excusso corpore, libellos quos manu tenebat, prae indignatione eieceret et reum, Ciceronis oratione coactus, eo momento liberaret. Quid pro Lucio Flaco? quid pro Murena? nonne eos, uario crimine accusatos atque multorum testimoniis conuictos ac propterea iamiam mulctandos, ipse Cicero dicendo liberauit?»

Como já fica dito, Hilário Moreira altera, por vezes, a linguagem dos autores de que se serve. Atente-se neste texto e no do nosso autor e veja-se como foi feliz a substituição de *contigerit* por *acciderit*, de *coactus* por *persuasus* e a supressão de *illo agente* e *tunc dicere*, sem que com isso o sentido da frase ficasse menos claro.

Quanto às outras alterações, remetemos o leitor para a pág. 60-61.

Repáre-se também na nova ordem por que dispõe as três causas em que Cícero interveio, deixando para o fim aquela a que dá mais realce.

Sobre a acção de Demóstenes, aqui descrita, poderão ver-se: *Diodoro Sículo*, 16.74.ss; Plutarco, *Phoc.*, 14 ss; *Justino*, 9.

Quanto a Cícero, ver: *Pro Ligario*, *Pro L. Flacco*, *Pro Murena*.

⁴⁶ Cfr. *Brutus*, 390, 144-146:

«In explicanda aequitate nihil erat Crasso copiosius, idque cum saepe alias, tum apud centumuiros in M. Curii causa cognitum est. Ita enim multa contra scriptum pro aequo et bono dixit, ut hominem acutissimum, Q. Scaeuolam, et in iure, in quo illa causa uertebatur, paratissimum, obueret argumentorum exemplorumque copia».

Talvez não seja descabido, para melhor compreensão do texto, recordar aqui resumidamente a história deste processo.

M. Cúrio tinha sido nomeado segundo herdeiro de M. Copónio, se o filho que este esperava vir a ter, morresse antes de atingir a maioridade. O filho porém não chegou a nascer. E como este caso não foi previsto pelo testador, surgiu daí uma questão entre Cúrio e a família de Copónio, questão esta que foi levada ao tribunal. Cévola defende a interpretação literal (pro scripto), advogando a entrega da herança à família do testador, visto que Cúrio devia herdar não do pai, mas do filho. Licínio Crasso, por seu lado, afirma ser clara a intenção do testador de que as suas riquezas fossem possuídas por um filho ou, na falta deste, por Cúrio.

Era a justiça natural em jogo (pro aequo et bono). A sentença foi favorável a Crasso.

Outras alusões a este processo: *Brutus*, 50.194-199, *De Orat.*, 2.6.24; 2.32.40 e 41, 1.39.180.

⁴⁷ Célio, *op. cit.* 16.8:

«Credamus igitur maximis oratoribus philosophum ab oratore non seiungi. Nam uetus quidem doctrina, ut Cicero docuit De Oratore tertio, eadem uidetur et recte faciendi et bene dicendi magistra; neque disiuncti doctores, sed iidem erant uiuendi praecipitores atque dicendi, ut ille apud Homerum Phoenix».

Todo este passo foi tirado de *De Oratore*, 3.15.57.

⁴⁸ Célio, *op. cit.*, 13.42:

«(Philosophia), distribuitur in mathematicam, physicam, theologiam, in quibus ueritatis speculatio, quasi quibusdam gradibus, ad summum conscendereprehenditur.»

Hilário Moreira transfere esta ideia só para as matemáticas.

⁴⁹ Célio, *op. cit.* 4.30:

...«Mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa uel gradus quibus conscendantur altiora, ...Ceterum initio geometria praecipue et arithmetica in mathematicarum album a Pythagora sunt aduocatae, quod, ad omnem scientiam omnemque disciplinam, has cum primis accomodas perspexisset ... Sed etiam mathematica speculatio ad cogitationis acumen a Platone suscepta est, quia surrigat animum et ad rerum diuinorum intuitum aciem mentis exacuat. Quamobrem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia, mathematicum expetere perrexerimus, omnis nostra indagatio recasura in nihilum est nudior leberide et cinclo pauperior...»

Nam mathematicas speculationes uelut praeludium quoddam ad diuinorum pensionem statuere conuenit. Verum geometriae adest hoc imprimis ... quae initium est et tanquam ceterarum metropolis».

Depois de ter feito uma arrumação diferente dos pensamentos que transcreve, substitui ainda *surrigat* por *erigat* e, aproveitando apenas da última frase a expressão *ceterarum metropolis*, Hilário Moreira insere, ao meio desta transcrição, uma referência a Platão e ao valor que este dava às matemáticas, como base da filosofia.

Esta doutrina é exposta na *República* 521.c. a 532. Dentro do mesmo pensamento, há também uma referência à célebre inscrição que, segundo Filóponos in *Comment. in Aristot.*, 117.26 e Elian., in *Cat.* 1.18.18, se encontrava à entrada da Academia de Platão:

Ἀγεωμέτρητος μηδεις εισίτω.

Quanto à citação atribuída a Alcínoo, somos levados a pensar que nem Hilário Moreira nem Célio a teriam interpretado convenientemente, atendendo a que usam de maiúsculas o 1º para *cinclus* e o 2º para *cinclus* e *leberis*. Ora, se não estamos perante gralhas tipográficas, aqui não há lugar algum para maiúsculas.

Trata-se dum provérbio grego citado por Menandro frag. 191:

...καὶ ἡ πτωχότερος κίγκλου παροιμία, ἣ κέχρηται Μένανδρος Θαΐδι Zenob. Ath 1.54: πτωχότερος λεβήριδος ἢ κινθάλον κινγάλου.

O pensamento de Menandro é apresentado por *Fócio* e *Suidas* que acrescentam: *κίγκλος ὄρνειον τὴν ὄσφιν πολὰ κινθοῦν, ὅτινες σεισοπνίδα καλοῦσιν. ἔστι δὲ σφόδρα λεπτόν.*

Também se lhe refere *Eliano*, 12.9:

Ἄ οὐδὲ κίγκλος ζῶον ἔστι πτηνὸν ἀσθενὲς τὰ κατόπιν καὶ διὰ τοῦτο φασι μὴ ἰδία μηδὲ καθ' ἑαυτὸν δυνάμενον αὐτὸν νεοττιὰν συμπλέξαι, ἐν ταῖς ἄλλων δὲ τίκτει ἔνθεν — τοι — καὶ τοὺς πτωχοὺς κίγκλους ἐκάλουν αἱ τῶν ἀγροίκων καροιμίαι· κινεῖ δὲ τὰ ὄσραῖα πτερά, ὥσπερ ὄν ὁ παρὰ τῷ Ἀρχιλόκῳ κηρύλος.

Este autor apresenta ainda mais dois pensamentos, um de Aristófanes, outro de Autócrates, alusivos à grande mobilidade da cauda do fundujo, o 2º dos quais é realmente belo.

⁵⁰ Célio, *op. cit.*, 13.42:

«Physice uero scrutatur inuisibiles rerum uisibilium causas».

⁵¹ Cfr. Temístio *Auscultatio Physica*, 1:

«Ceterum naturalium rerum scientia ... non solum perficit illam partem animae nobis associatam atque complicitam ... sed etiam reliquis uiribus et potestatibus animae plurimum affert et utilitatis et et ornamenti».

⁵² Estamos certo de que a citação de Galeno foi tirada do *De sanitate tuenda*, 4.15-30, onde se lê:

«Statim enim de morborum symptomatis (sic), de quibus hoc libro disserere statui, non leuis quaestio oritur ea ne ad uoletudinis tuendae artem spectent, an ad eam quae medendi rationem praescribat, an harum neutrarum, sed tertiam quamdam, quam nonnulli mediam statuunt neutramque appellant... de neutris»...

É este o pensamento que Hilário Moreira desenvolve, embora de outra forma, claro.

Estamos mesmo em dizer que Galeno não daria uma definição de medicina, como a que apresenta o nosso autor. Para ele, se bem compreendemos o seu pensamento, tal definição apenas abrangia o que hoje chamaríamos o aspecto profilático e não os outros.

A edição que consultámos é de 1551 e pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz.

⁵³ Cfr. Cícero, *Ad Fam.*, 14.7:

... «Statim ita sum leuatus ut deus mihi aliquis medicinam fecisse uideatur».

Terá sido aqui que Hilário Moreira se inspirou?

⁵⁴ Hipocrates, *Liber de decenti habitu*, 3:

«Medicus enim philosophus est deo similis... Etenim scientia de diis uel maxime animo ipsius implexa est».

⁵⁵ Célio, *op. cit.*, 13-42:

...«Ethicen, quam Cicero primus moralem uidetur dixisse; ea uiuendi modum praescribat».

Cfr. Cícero, *De Fato* 1:

«Quia pertinent ad mores quos ἠθική graeci uocant, nos eam partem philosophiae de moribus appellare solemus. Sed decet, augentem linguam latinam, nominare moralem».

⁵⁶ Conhece-te a ti mesmo. Célebre máxima encontrada no templo de Delfos e de que Sócrates fez um dos eixos da sua filosofia.

Platão — *Cármides* 164 d-165 a — interpreta-a como uma saudação de Apolo aos visitantes. Estaria em vez de χαίρε, que seria menos digna na boca do Deus (1).

⁵⁷ Cfr. *Q. Curtius*, 6.10.2:

«Inter optimam conscientiam et iniquissimam fortunam destitutus, ignoro quomodo et animo meo et tempori paream».

⁵⁸ Cícero, *De Orat.*, 1.43.14:

«Docemur... domitas habere libidines, coercere omnes cupiditates, nostra tueri, ab alienis mentes, oculos, manus abstinere.

Fremant omnes, licet, dicam quod sentio: Bibliothecas mehercule, omnium philosophorum unus mihi uidetur XII tabularum libellus, si quis legum fontes et capita uiderit, et auctoritatis pondere et utilitatis ubertate superare».

⁵⁹ Cataldo, *Oração de sapiência*:

«Quis enim tanta esset seueritate quod non miris laudibus leges ipsas extolleret? quae, etsi e mediis philosophiae uisceribus effluerint, ita tamen ad commoditatem generis humani excultae atque ordinatae sunt, ut non aliter quam secundum earum praecepta esse nobis uiuendum censeamus.

⁶⁰ para lá do que lhe cabe.

⁶¹ Reminiscência de Cícero, *Verr.*, 7.15.29:

«Repagula iuris, pudoris et officii perfringere.

⁶² Pagou tudo junto. *Odys.* 1.42 e 43.

«Assim falou Hermes. Mas nada pôde dobrar os sentimentos de Egisto. Agora pagou tudo de um só golpe».

⁶³ Cataldo, *Oração de sapiência*:

«Denique tanta sunt seueritate ipsae leges, ut ne iis quidem qui eas condiderunt, si flagitiose uixissent, ullo unquam pacto pepercissent.

Magistratus quoque, in imperio iurisdictioneque aliqua constituti, si in reddendo iure male se gesserint, nulla saepe habita differentia, non leuiter puniuntur. Ut inde ceteri omnes, qui futuri sunt magistratus, recta lance, quid aequum, quidue bonum sit administrent. Unde ad hoc illud L. Manlii Torquati in Decii Sylani iudicium adduci potest, nam,

(1) Cfr. Hélade — D. Maria Helena da Rocha Pereira — Coimbra — 1954.

cum apud patrem, de Decio Sylano filio, Macedones prouinciales quererentur quod eis contra ius pecunias extorserat, cognita prius causa, et domo sua et patria protinus eum priuauit. Inde filium, ob tam grauem patris sententiam, laqueo se suspendit.

Adde etiam L. Bruti memorabile facinus, qui cum in consulatu curare de reuocandis in urbem regibus liberos suos etiam in culpa comperisset, eos in forum adduxit et media concione, uirgis caesos, securi percuti iussit... Illud uero memorandum magis est quod, nisi in ueteribus historiis esset traditum, nonnullis fortasse incredibile uideretur: Selleucus Locrensis, ut suis pareret legibus, ciuium precibus aliqua ex parte uolens satisfacere petentium ut filio suo, pro commisso adulterio condemnando, parceret, uoluit prius suum, deinde filii oculum tollere. Talis enim erat legis poena, ut utrumque oculum adulter perderet».

Termina com o pensamento de Cícero que citamos na nota 58.

Hilário Moreira altera a ordem destas frases e mete de permeio, procurando adaptá-lo à morte de Décio Silano, um pensamento da

⁶⁴ *Odisseia*, 1.46-47 (1): Tradução:

Aquele ei-lo jaz com morte semelhante:

Assim pereça também quem é capaz de fazer tal coisa!

⁶⁵ Demóstenes, *In Aristogitonem orat.*, 1.16:

... καὶ τοῦτ' ἔστι νόμος, ᾧ πάντας πείθεσσαι προσέκει δια πολλὰ, καὶ μάλιστα' ὅτι πᾶς ἐστὶ νόμος εὐρημα μὲν καὶ δῶρον θεῶν, δόγμα δ' ἀνθρώπων φρονίμων, ἐπανόρθωμα δὲ τῶν ἔκονσίων καὶ ἀκουσίων ἃ μαρθημάτων, πόλεως δὲ συνθήκη κοινῆ, κάθ' ἣν πᾶσι προσήκει ζῆν τοῖς ἐν τῇ πόλει.

Hilário Moreira não traduziu directamente do grego, mas aproveitou a tradução de qualquer texto jurídico do tempo. Não nos repugna que a fosse buscar ao *Liber Primus Institutionem* de Marciano, onde se lê:

«Nam et Demosthenes orator sic definit: Lex est cui omnes obtemperare conuenit, tum ob alia multa, tum maxime eo quod omnis lex inuentum ac munus dei est, decretum uero prudentum hominum, coercitio eorum quae sponte uel ignorantia delinquuntur, comunis sponso ciuitatis ad cuius praescriptum omnes, qui in ea republica sunt, uitam instituire debent».

O mesmo pensamento, embora mais resumido, se encontra no *Liber primus definitionum* de Papiniano.

Que o nosso autor não tenha visto o original grego, prova-o a substituição que fez de algumas palavras, o que não faria se tivesse o texto diante. Destacamos a substituição de *prudentum* por *sapientum* (sic) — tradução de *φρονίμων*.

Para nós, Hilário Moreira aproveitou-se do autor atrás citado e ainda de Célio, que também faz esta citação. Cfr. *op. cit.*, 10.19:

«At Demosthenes, lex, inquit, est cui omnes homines decet oboedire, praesertim quia lex omnis est inuentio quaedam et donum Dei ac sapientum dogma, ciuitatis compositio.»

⁶⁶ Cfr. Célio, *op. cit.*, 10.19:

«Hinc veteres legum latores eam (legem) inuentionem diuini numinis arbitrati, in diuersorum numinum uim referre adorti sunt, ueluti Zoroaster Bactrianis Persisque leges tradens in Oromasin, Trimegistus Aegyptiis in Mercurium, Charondas Carthaginensibus in Saturnum.

(1) Este passo foi identificado pelo Snr. Doutor Walter de Sousa Medeiros.

Draco et Solon Atheniensibus in Mineruam, Maumeth Arabibus in Gabrielem, Salmoxis Scytis in Vestam... Legem esse omnium diuinarum humanarumque rerum notitiam statuit Chrysippus».

⁶⁷ Ulpianus, *Iuris enucleati libri*, 1.3:

«Quod principi placuit legis habet vigorem».

Trata-se dum princípio jurídico, que aparece aliás em muitos autores.

⁶⁸ A tradução deste passo, talvez incompleto, foi-nos sugerida, quase toda, pelo Snr. Doutor Américo da Costa Ramalho, a quem devemos também a sugestão da consulta da oração de Cataldo.

⁶⁹ Aristóteles, *Aethica*, 2.1.5:

«Οἱ γὰρ νομοθετοῦσι τοὺς πολίτας ἐπιζῶντες ποιῶσι ἀγαθοῦς.»

⁷⁰ Reminiscência de Cataldo, *op. cit.*:

«Adde etiam ius Pontificium ex quo non facile dictu sit quantas humanum genus commoditates suscipiat; non modo utilitatem publicam, sed animae ipsius salutem ante omnia spectat.»

⁷¹ Cataldo fala das leis a favor do clero, dizendo que o direito pontifício «optimum uiuendi modum clericis ceterisque religiosis imposuerit.»

Fala depois das leis contra os herejes, das leis a favor do matrimónio e da brandura das penas eclesiásticas. Acerca destas diz:

⁷² Et quam mitissime disposuerit poenas, quibus mali prauisque afficiendi sunt, sacratissimae censurae id plane ostendunt».

⁷³ S. Paulo, *ad Rom*, 7.12:

«Itaque lex (mosaica) quidem sancta et mandatum sanctum et iustum et bonum.»

⁷⁴ *Salmo* 18.8:

«Lex Domini immaculata conuertens animas».

⁷⁵ *Job*, 6.30:

«Et non inuenietis in lingua mea iniquitatem, nec in faucibus meis stultitia personabit.»

⁷⁶ Esta expressão, tal e qual, não se encontra em S. Paulo, embora corresponda exactamente ao pensamento católico, de que ele foi o principal transmissor. Ler, por ex., a *epístola aos Hebreus*.

⁷⁷ S. Jerónimo, *Epístola* 60.1 (Ad Heliodorum);

«Grandes materias ingenia parua non sustinent et in ipso conatu ultra uires ausa, succumbunt; quantoque maius fuerit quod dicendum est, tanto magis obruitur qui magnitudinem rei uerbis non potest explicare.»

⁷⁸ Reminiscência de S. Paulo, *Ad Ephesios*, 4.11-15:

«Et ipse (Deus) dedit quosdam quidem Apostolos ... in aedificationem corporis Christi, donec occurramus omnes in unitatem fidei et agnitionis Filii Dei in uirum perfectum, in mensuram aetatis plenitudinis Christi.»

⁷⁹ S. Jerónimo, *Epístola* 53 (ad Paulinum), 8:

«Iesus Nave, tyrum Domini, ... confinia Ecclesiae, Caelestique Hierusalem spiritualia regna describit.»

⁸⁰ Pensamento paulino. Quem não foi hóspede em S. Paulo, sabe como o Apóstolo, nas suas epístolas, realça a sabedoria divina, contrapondo-a até à ciência humana.

⁸¹ Cfr. Vergílio, *Eneida*, 6.724-728:

«Principio caelum ac terras camposque liquentes lucentemque globum lunae, tita-

niaque astra Spiritus intus alit, totamque infusa per artus mens agit molem et magno se corpore miscet.»

⁸² S. Jerónimo *Epístola 53* (1) (Ad Paulinum), 7:

«Taceo de mei similibus qui, si forte ad Scripturas Sanctas, post saeculares litteras, uenerint et sermone composito aurem populi mulserint, quicquid dixerint, hoc legem Dei putant, nec scire dignantur quid Prophetarum, quid Apostolorum censerint, sed ad sensum suum incongrua aptant testimonia, quasi grande sit et non uitiosissimum dicendi genus deprauare sententias et ad uoluntatem suam Scripturam trahere repugnantem, quasi non legerimus Homero centonas et Vergilio centonas, ac non sic Maronem sine Christo possumus dicere christianum quia scripserit: Iam redit et uirgo redeunt saturnia regna, iam noua progenies caelo demittitur alto.

Et Patrem loquentem ad Filium:

Nate, meae uires, mea magna potentia solus.

Et post uerba Saluatoris in cruce:

Talia perstabat memorans fixusque manebat.

Puerilia sunt haec circulatorum ludo similia.»

Esta transcrição dá-nos um belo exemplo do que já para trás se disse sobre o aproveitamento de certas frases mais raras, enquadrando-as noutro contexto. Repare-se no lugar que passam a ter as frases:

«Sermone composito aurem populi mulserit e quid Prophetarum, quid Apostolorum censerint.»

As três citações aqui apresentadas são de Vergílio, respectivamente *Bucólica* 4.6 e 7; *Eneida*, 1.664 e 2.650.

Pelo que diz respeito à primeira, talvez não seja ocioso dizer que, por sugestão da Senhora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, visitámos a antiga Universidade de Évora (presentemente liceu nacional) e ali encontrámos, entre vários azulejos de meados do séc. XVIII alusivos à obra de Vergílio, um ligado directamente com a 4.^a bucólica. Lá aparece Vergílio coroado de louros, ao lado Polião e, entre os dois num berço, Salonino. Perto vêem-se duas galeras que regressam do mar e se afundam porque, na idade de ouro, «nec nautica pinus / mutabit merces».

E ficamos a saber que, já então, Salonino era o candidato da «noua progenies», em que muitos quiseram ver Cristo, filho da Virgem (2).

Quanto à segunda citação, transpõem-se as palavras de Vénus a seu filho, para a boca do Pai Eterno que, por sua vez, as dirigiria ao Verbo.

Da terceira, alusiva à atitude de Anquises que não queria deixar Tróia, far-se-ia uma transposição para Cristo pregado na cruz.

⁸³ *Luc.* 9.35:

«Hic est Filius meus dilectus ipsum audite.»

⁸⁴ Reminiscência de *S. João*, 14.26:

«Paraclitus autem Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille uos docebit omnia.»

(1) Para mais facilidade de consulta seguimos aqui a numeração que esta epístola tem na colecção «Les Belles Lettres».

(2) Poderá ver-se ainda O humanismo da Universidade de Évora, pelo Cônego José Filipe Mendeiros, in *A Cidade de Évora*, Janeiro-Dezembro, 1959.

⁸⁵ Reminiscência de S. Paulo. *Ad Colos.* 1.9-15.

«Ideo et nos ... non cessamus pro uobis orantes et postulantes ... gratias agentes Deo Patri ... qui eripuit nos de potestate tenebrarum et transtulit in regnum Filii dilectionis suae».

⁸⁶ S. Paulo, *Ad Cor.* 2.12.2-5:

«Scio hominem in Christo ante annos quattuordecim siue in corpore nescio, siue extra corpus nescio, Deus scit, raptum huiusmodi usque ad tertium caelum ... et audiuit arcana uerba quae non licet homini loqui.»

⁸⁷ Pensamos tratar-se duma reminiscência do seguinte passo de *Sermo* 69:

«Promittitur nobis conspectus Dei, ueri Dei, summi Dei. Hoc enim bonum est uidentem uidere. Nam qui colunt falsos deos, facile eos uident, sed eos uident qui oculos habent et non uident. Nobis autem promittitur uisio Dei uiuentis et uidentis.»

⁸⁸ S. Jerónimo, *op. cit.*, 4:

«Hoc doctus Plato nesciuit, hoc Demosthenes eloquens ignorauit.»

Hilário Moreira interrompe aqui o pensamento de S. Jerónimo, para fazer uma citação da Escritura.

⁸⁹ *Mat.* 10.28:

«Confiteor tibi, Pater, Domine caeli et terrae qui abscondisti haec a sapientibus et prudentibus et reuelasti ea paruulis.»

⁹⁰ S. Jerónimo, *op. cit.*, 4:

«Tamen, Paulus sapientiam loquitur inter perfectos. Sapientiam autem non saeculi huius, nec principum quae destruitur, sed loquitur Dei sapientiam in mysterio absconditam, quam praedestinauit ante saecula.»

E muito mais abaixo, 8:

«Salomon pacificus et amabilis, Domini mores corrigit, naturam docet, ecclesiam iungit et Christum sanctarumque nuptiarum dulce canit epithalamium.»

A citação de S. Paulo é da 1.^a *epístola aos Coríntios*, 2.6-8 onde se lê:

«Sapientiam autem loquimur inter perfectos, sapientiam uero non huius saeculi, neque principum huius saeculi qui destruntur, sed loquimur Dei sapientiam, in mysterio quae abscondita est, quam praedestinauit ante saecula.»

⁹¹ Para melhor compreensão deste passo, recordamos a lenda de Adónis.

Era filho de Ciniras, rei de Chipre, que o teve de sua filha Mirra. Foi amado por Afrodite e morto por um javali enquanto caçava, ou, segundo outra versão, por Ares disfarçado em javali e cioso de Afrodite. Esta encerrou-o numa caixa depois de morto, e entregou-o a Prosérfone, que se apaixonou também por ele. Por fim Zeus ressuscitou-o e autorizou-o a viver parte do ano, debaixo da terra com Prosérfone, e outra parte, à luz do dia, com Afrodite.

Outra lenda atribui a sua morte a Apolo, metamorfoseado em javali e desejoso de vingar seu filho Erimanto que Afrodite cegara, por tê-la surpreendido, quando saía do banho em companhia de Adónis.

Segundo Hesíodo, Adónis seria filho de Fenício e Alfesibeu e, segundo Antímaco, de Ajenor rei da Fenícia.

É o nume da vegetação. Mas tarde veio a confundir-se com o deus fenício Adón, pela semelhança dos festejos. Havia cortejos solenes em várias cidades gregas em honra de Afrodite e Adónis. Neles se incorporavam mulheres, levando vasos cheios de terra,

em que havia trigo a germinar. Eram os jardins de Adónis e simbolizavam a morte deste herói na flor da idade.

Fazem menção dos jardins de Adónis: Platão, *Phaedra*, 276 b:

Ἄ ὄνυν ἔχων γεωργός, ὃν σπερμάτων κήδοιτο καὶ ἔγκαρπα βούλοιτο γενέσθαι, πότερα σπουδῇ ἂν, θέρονς εἰς Ἀδώνιδος κήπους ἀρῶν, καίροι θεωρῶν καλοὺς ἐν ἡμέραισιν ὀκτῶ γιγνομένους;

Teócrito, *Idylli*, 15.112.

Πάντα, φησί, τὰ ἀκρόδρνα παρατίθενται τῷ Ἀδώνιδι, ἀπὸ παντοίας ἰδέας ὀπωρῶν εἰώθασι γὰρ ἐν τοῖς Ἀδωνίους πυροὺς καὶ κριθὰς σπειρεῖν ἐν τισι προαστείσις, καὶ τοὺς φρυτευθέντας κήπους Ἀδωνείους προσαγορεύειν.

Referem-se-lhes ainda Teofrasto, *Hist. Plant.* 6.7.3; Ovídio, *Met.* 725; *Amiano Marcelino*, 22.9; S. Jerónimo *Comentarii in Ezequielem prophetam*, 8.

⁹² A versão mais vulgar — Sila e Caríbdes —, Hilário Moreira preferiu esta, que todavía é usada por *Catulo*, 64.156, Ovídio, *Met.* 8.121, *Am.* 2.16.29 e *Pôntico*, 4.14.9.

⁹³ Alusão à transformação dos companheiros de Ulisses em porcos, mediante a magia de Circe.

Ver *Odisseia*, 10.136, ss. Referem-se ainda a este episódio Cícero, in *Q. Caecilium*, 17.57, — Vergílio, *Buc.* 4.8.70; *Tíbulo*, 2.4.55; *Juvenal*, 15.19 e ss.

⁹⁴ S. Jerónimo *op. cit.*, 9: «Animaduertemus pariter omnia uerba illius (Christi) animae languentis esse medicinam».

⁹⁵ Célio, *op. cit.*, 16.8:

«Neque enim ista significant expetendam esse animae dissolutionem e corpore, antequam praestitutum a Deo tempus aduenerit quod Plato nefas esse dicit (1), sed debere unumquemque animum ab hac mole corporea et uitis inde scaturientibus surrigere et quantum fieri potest, omni contagione carnis sequestrata, in sola profundissimarum rerum contemplatione uersari. Legat, qui uelit, Aurelii Macrobbii commentationes in Scipionis somnium et bipartitam hanc mortis diuisionem inueniet, ut altera natura accidat, altera ex uirtute proficiscatur.»

Diz assim Macróbio no *Comentário ao Sonho de Cipião*, 13:

Hominis (Plato) duas asserit mortes, quarum una natura, uirtute alteram praestat.

Homo enim moritur cum anima corpus relinquit solum lege naturae; mori etiam dicitur cum anima, adhuc in corpore constituta, corporeas illecebras, philosophia docente, contemnit et passiones.

⁹⁶ Cfr. S. Paulo, *Ep. ad Philip.* 1.23:

«Coarctor autem a duobus: desiderium habens dissolui et esse cum Christo.»

⁹⁷ Célio, *op. cit.*, 16.8:

«Ad haec pertinent quae scribit Aurelius Augustinus in libro de uera Religione: Platonem, siquidem refert, discipulos suos exortari solitum ut e ueneris uoluptatibus abstinere persuasissimumque haberent ueritatem non corporeis oculis, aut sensu aliquo, sed sola mentis puritate uideri, ad quam percipiendam nihil magis impedimento esse quam uitam libidinibus deditam, et falsas imagines rerum sensibilibum quae nobis per corpus imprimuntur.»

(1) Cfr. *Phaedon*, 62 c.

Vejam agora como diz isto Santo Agostinho: *De Vera Religione*, 1.3:

Si quis eius (Platonis) discipulus, eo ipso tempore quo uiuebat, eum interrogaret cum sibi ab aliquo persuaderetur non corporis oculis, sed pura mente ueritatem uideri, cur quaecumque anima inhaesisset, eam beatam fieri atque perfectam, ad quam percipiendam nihil magis impediti quam uitam libidinibus deditam et falsas imagines rerum sensibilibus, quae nobis ab hoc sensibili mundo per corpus impressae, varias opiniones erroneasque generarent..., responderet, credo, ille non posse hoc ab homine fieri...»

Cfr. Platão — *Phedon*, 59, *República*, 590-592.

⁹⁸ S. Jerónimo, *op. cit.*, 9:

«Cernis me, scripturaram amore raptum, excessisse modum epistulae et tamen non implese quod uolui.»

⁹⁹ Reminiscência de S. Jerónimo, *Epistola*, 14, 10:

«Expandenda uela sunt uentis et, quaestionum scopulis trasuadatis, epilogi celeuma cantandum est.»

O arranjo deste passo, em que não é difícil descobrir sugestões vergilianas e talvez catulianas, dá-nos a medida das possibilidades artísticas do autor, como pescador de imagens ou frases de efeito.

S. Jerónimo colheu este pensamento de Cícero — *Tusc.* 4.14.33 — de quem dizia na epístola 70 (ad Magnum), 2: «nunquam haec quaereres, si totum te Tullius consideret».

Diz assim o Arpinate: «Ex quibus (animorum perturbationibus), quoniam, tanquam e scopulosis cotibus, enauigauit oratio, reliquae disputationis cursum teneamus».

¹⁰⁰ S. Jerónimo, *Epistola*, 53 (ad Paulinum), 19:

«Audiuimus tantum quid nosse, quid cupere debeamus.»

¹⁰¹ Referência a uma afirmação de Aristóteles, citada por Amónio na *Vida de Aristóteles*, 35.

Fugindo a uma conspiração que os atenienses contra si tramavam, teria dito:

Ὅτι εἶσω ὑμᾶς δις εἰς φιλοσοφίαν ἀμαρτεῖν

¹⁰² Pensamento tirado de S. Jerónimo, *op. cit.*, 9:

«Ceterum socraticum illud impletur in nobis:

Hoe enim scio tantum quod nescio».

O mesmo pensamento é apresentado por Diógenes Laércio, *De Vitis...*, 2.5.15:

«Socrates asserebat scire se nihil praeter hoc ipsum quod nihil sciret.»

Em grego:

«Ἐλεγε... εἰδέναι μὲν μηδὲν πλὴν αὐτῶ τοῦτο εἰδέναι.»

¹⁰³ Não conseguimos localizar este passo. Verificamos mesmo que, sobre a morte de Temístocles, não são unânimes as opiniões dos historiadores. Uns dizem que morreu, depois de ter bebido sangue de boi — *Valério Máximo*, 5,6 e *Plutarco*, 152-24. Este acrescenta que tinha só 65 anos.

Outros afirmam que morreu em Magnésia, em idade avançada — *Cornélio Nepos*, *Themistocles*, 10 e *Tucidides*, 1.138. Diz assim este último:

Νοσήσας δὲ τελευτᾶ τὸν βίον· λέγουσι δὲ τινες καὶ ἐκούσιον φαρμάκῳ ἀποθανεῖν αὐτὸν, ἀδύνατον νομίσαντα εἶναι ἐπιτελέσαι βασιλεῖ ἢ ὑπέσχετο.

¹⁰⁴ Cfr. Cícero, *De Senect.* 5.13:

«Est etiam quiete et pure atque eleganter, actae aetatis placida ac lenis senectus, qualem accepimus Platonis qui, uno et octogesimo anno scribens est mortuus, qualem Isocratis, qui eum librum qui Panathenaeicus inscribitur, quarto et nonagesimo scripsisse se dicit, uixissetque quinqueniū postea.»

¹⁰⁵ Reminiscência de Cícero, *De Senect.*, 1.3;

«Qui (Cato), si eruditius uidebitur disputare quam consuevit ipse in suis libris, attribuito litteris Graecis, quarum constat eum perstudiosum fuisse in senectute.»

¹⁰⁶ Reminiscência de Cícero, *De Senectute*, 6.2:

«Num igitur... Pythagoram, Democritum, num Platonem, Xenocratem, num postea Zenonem ... Cleanthem ... coegit in suis studiis obmutescere senectus?»

¹⁰⁷ Cfr. Diógenes Laércio, *op. cit.*, 7.5.40:

«Memoriae proditum est ipsum laboriosissimum fuisse, adeo ut, inopia cogente, mercenariam faceret ac noctu quidem in hortis hauriret aquas, interdiu autem opera studiis liberalibus daret, unde et *φρεάντλης*, hoc est, exauriens puteos appellaretur.»

Diz assim o texto grego:

Διεβοήθη δ' ἐπὶ φιλοπονίᾳ, ὅς γε πένης ὢν ἄγαν ὤρμησε μισθοφορεῖν καὶ νύκτωρ μὲν ἐν τοῖς κήποις ἦντλει, μεθ' ἡμέραν δ' ἐν τοῖς λόγοις ἐγυμάζετο· ὄθεν καὶ φρεάντλης ἐκλήθη.

¹⁰⁸ Célio, *op. cit.*, 4.3:

«Proinde nec ignobilis autor Vitruvius maximas parentibus gratias se testari scribit, qui illum ingenue educandum instituendumque censuissent.»

Vitrúvio, *De Architectura*, 6, *praefatio*, exprime-se assim:

«Ego maximas infinitasque parentibus ago atque habeo gratias, quod, Atheniensium legem probantes, me arte erudiendum curauerunt, et ea quae non potest esse probata sine litteratura encycloque doctrinarum omnium disciplina.»

¹⁰⁹ Supomos tratar-se duma reminiscência de Plutarco, *De Alexandri Magni fortuna aut uirtute*, 4: 28-33 ss.:

Τίς γὰρ ἀπὸ μειζόνων ἢ καλλίωνων ἀφορμῶν ἀνήγετο; μεγαλοφυχίας, συνέσεως, σωφροσύνης, ἀνδραγαθίας, οἷς αὐτὸν ἐφοδιάζε φιλοσοφία πρὸς τὴν στρατείαν καὶ πλείονας παρὰ Ἀριστοτέλους τοῦ καθηγητοῦ, ἢ παρὰ Φίλιππον τοῦ πατρὸς, ἀφορμὰς ἔχων, διεβαίνεν ἐπὶ Πέρσας...

¹¹⁰ Célio, *op. cit.*, 9.42:

«Seneca porro ad philosophiam confugiendum monet, quod eiusmodi litterae non apud bonos modo, sed et apud mediocriter malos infularum loco sunt. Scitum quoque Lusciani illud, uelut ex oraculo euulgatum, philosophicis mysteriis non initiatos... in tenebris saltare.»

O pensamento de Séneca encontra-se na *Ep.* 2.14.11:

Ad philosophiam confugiendum est: hae litterae, non dico apud bonos, sed apud mediocriter malos, infularum loco sunt.

Pensamos que a referência a Luciano foi colhida no diálogo *ANABIOYNTES H AΛIEΥΣ*, 36 e 37, onde há uma crítica aos pseudo-filósofos, que se comparam com uns macacos, que um rei do Egipto ensinou a representar com vestes e máscaras humanas.

Quando porém um espectador se lembrou de lhes atirar nozes, deixaram a dança e revelaram-se tais quais eram. E conclui Luciano: *Τοιαῦτα καὶ οὗτοι (φιλόσοφοι) ποιῶσιν.*

¹¹¹ Célio, *op. cit.*, 16-8:

«Aristotelem summum Peripateticorum principem, adeo naturalium rerum consecratorem audium et sollertem fuisse indagatorem productum auctores celeberrimi ...

Hic porro philosophiam tanto studio amplexabatur, ut dicere non dubitaret eos qui artes reliquas consecrarentur, hanc uero negligenter, esse Penelopes procis consimiles qui, ut traditum ab Homero nouimus, cum domina potiri nequissent, ad ancillas diuertebant.»

Hilário Moreira inseriu, entre estes dois, um terceiro pensamento do mesmo autor, mas do livro 9.42:

«Scimus profecto cum ueteribus omnibus usitatissimi fuisse moris, ut omne scriptorum genus excuterent: nullas, quas possent, commentationes illectas intactasque praeterirent, tum Aristoteli vel imprimis qui, se ex nobili lectionis multiuigae uariantisque cura, a Platone anagnostes nuncupatus, tanquam lector foret infatigabilis et *χαλκευτέρους* (sic) plane, ut graeci dicunt, ac sititor inexplebilis.»

Célio, seguindo na pegada de Cícero, *Att.*, 1.12, e Cornélio Nepos, *Atticus*, 13, latiniza o termo *ἀναγνώστης* (leitor).

Encontrámos em *Amónio*, 25-29, um passo alusivo ao nome dado por Platão a Aristóteles. Diz assim:

«Τελευτήσαντος δὲ τοῦ Σωκράτους, φοιτᾷ Πλάτωνι καὶ τοῦτω σύνεστι ἔτη εἴκοσι, καὶ τοσαύτην ἥσκησεν ἐπιμέλειαν ὥστε τὸν Πλάτωνα τὸν οἶκον τοῦ Ἀριστοτέλους οἶκον ἀναγνώστου καλεῖν.»

A alusão aos pretendentes de Penélope pode ter sido tirada dos *Proleg in Porphyrii philos.*, onde se lê:

«Φηρὶν Ἀριστοτέλης ἐν ἀποφθέγματι ὅτι ὅσοι ταῖς ἄλλαις τέχναις καὶ ἐπιστήμαις σχολάζοντες τῆς φιλοσοφίας ἀμελοῦσιν, εἰκόσιν τοῖς μνηστῆρσι τῆς Πηνελόπης, οὔτινες αὐτῇ συγγενέσθαι μὴ δυνάμενοι ἠπάγων κἂν ταῖς θεραπεύναις αὐτῆς συγγενέσθαι.»

Estamos perante um texto considerado apócrifo e que alguns atribuem a Aristeu e outros a Aristipo.

¹¹² *Odisseia*, 1.106-108. Tradução:

«Encontrou lá os orgulhosos pretendentes. Jogavam os dardos em frente das portas, sentados em couros de touros que eles mesmos tinham abatido.»

¹¹³ Célio, *op. cit.*, 43:

Haec contemplatio (Dei) uera est, haec item uera felicitas, quae ambrosia et nectare animum alit.»

¹¹⁴ Cfr. Plutarco, *Alexander*, 7-15:

«Ἐγὼ δὲ βουλομένη ἂν ταῖς περὶ τὰ ἄριστα ἐμπειρίας ἢ ταῖς δυνάμεσι διαφέρειν.»

Ver ainda Aulo Gélio, *op. cit.*, 20.5

¹¹⁵ Plutarco, *Alexander*, 8.30-40:

«(Ἀλέξανδρος) ἦν δὲ καὶ φύσει φιλόλογος καὶ φιλαναγνώστης· καὶ τὴν μὲν Ἰλιάδα τῆς πολεμικῆς ἀρετῆς ἐφόδιον καὶ νομίζων καὶ ὀνομάζων, ἔλαβε μὲν Ἀριστοτέλους διορθωσάμενος, ἦν ἐκ τοῦ νάρθηκος καλοῦσι, εἶχε δὲ αἰετὰ μετὰ τοῦ ἐγχειρίδιον κειμένην ὑπὸ τὸ προσκεφάλαιον, ὡς Ὀνεισίκριτος ἰστόρηκε. Τῶν δὲ ἄλλων βιβλίων οὐκ εὐπορῶν ἐν τοῖς ἄνω τόποις Ἀρπαλον ἐκέλευσε πέμψαι· κἀκεῖνος ἐπεμψεν αὐτῷ τὰς τε Φιλίστου βίβλους

καὶ τῶν Ἐδριπίδου καὶ Σοφοκλέους καὶ Αἰσχύλου τραγωδίων συχρὰς καὶ Τελέστου καὶ Φιλοξένου διθυράμβους.»

¹¹⁶ Reminiscência de Cícero, *Tusc. Disput.*, 5.4.10:

«Socrates autem primus philosophiam deuocauit e caelo et in urbibus collocauit et in domus etiam introduxit.»

¹¹⁷ Refere-se ao tesouro das Indulgências, ponto de partida da heresia luterana. A palavra começou por designar o tesouro do rei da Pérsia, «gaza». Aparece com frequência na Sagrada Escritura — *Jer.* 35.4 e 36.10; *Mach.*, 1.14.49; *Mach.*, 2.3.6; *Marcos.*, 12.41; *Luc.*, 21.1; *Ioan.*, 8.10 — e em S. Jerónimo, *Epist.* 14.8.

¹¹⁸ Belo confronto de Coimbra com a famosa estátua de Efesto, a que Zeus deu vida e os deuses adornaram cada um com sua mercê.

Preferimos conservar a desinência iónica desta palavra, o que, na nossa opinião, poderá indicar até que ponto Hilário Moreira estava influenciado pelo dialecto homérico.

¹¹⁹ Inácio de Moraes, na *Oração Panegírica a D. João III* fala também na *caeli temperies* e diz que Coimbra *uicino flumine alluitur*.

APÊNDICE

Actos e graus de Hilário Moreira (Traslado)

Provarã Jacome p.^{ra} e ant.^o medeiros e fr.^{co} Manuel e illario moreira diãte do S.^{or} frei di.^o de murça o tẽpo que (1) se requiere depois de bachares p.^a o examẽ da L.^{ra} na faculdade das artes e que ouberã a filosofia e forão t.^{as} que asi o jurarõ hũs dos outros / e eu di.^o daz.^{do} scrivão do Conselho o screbi a x de maio de 1549 anos

hillario Ant.^o medr.^{os} fr.^{co} manoell
Moreira

Precedências dos L.^{dos} por sortes

Ano do nascim^{to} de Nosso S.^{or} Jhẽu X^{to} de 1549 aos XXIII dias de maio na cidade de Coimbra scolas gerais no geral dellas dõde se examinnõ e fazẽ os autos da faculdade das artes sendo o S.^{or} frei di.^o de murça doctor na santa theologia e Reitor dos estudos e Universidade por especial mãdado dellrei nosso S.^{or} p.^{te} o doctor a.^o de prado Catedratico de prima de theologia e vice Cancelario p.^{ra} os autos e L.^{ras} de que abaixo fara menção e sendo outrosi presentes o m.^{te} di.^o de Goubea e o m.^{tre} ant.^o do Souto e o m.^{te} di.^o Lopez e o m.^{tre} aires nunez que este año presente forão pela faculdade das artes ellectos p.^a examinarẽ os bacharẽs do Curso de Di.^o de Cõtreiras e outros que se ajuntarã de outros sc. do doutor ant.^o Vaz que regẽtou no colégio de Nossa S.^a da graça e do mestre ant.^o do Souto que regẽtou no colegio de Sã Jheronimo e todos regẽtarã o mesmo tempo — p.^a as licenças na dita faculdade dartes e logo entre eles d.^{res} se praticou que por não aver lugares pola nova provisãõ que sua alteza pasara ficava hum ecõveniẽte p.^a os liçeciãdos que era não saber quẽ em maneira precederiam p.^a depois terẽ seus asẽtos e tomarẽ seus graos de magisterio e entre outros pareceres acharãõ que seria mais ao proposito e sã escandalo chamar todos os examinan(dos) e saber delles se queriãõ p.^a se determinarẽ as tais duvidas de como abia de preceder p.^a ao diãtes ficar determinado e se duvida as ditas precedencias que se lançarẽ sortes e que asi como saisẽ asi precederãõ e se asẽtariã e tomariã seus graos de mestres e sendo chamados e todos presentes o nome dos quaes asi como pellas sortes sairẽ se escreverãõ e sendo-lhe pello S.^{or} Reitor e cãcelario e examinadores praticado foi por elles aprobado e disserãõ que queriãõ que se fizese e faza asi e dado o dito cõsẽtim.^{to} se lãçarãõ os nomes dos ditos examinados ã hũa baceta sairãõ por esta ordẽ:

fr.^{co} lourẽço de farãõ

Rui Vaz carnache do porto

ant.^o vaz de tomar

di.^o de Paiva da Corte

fr.^{co} manuel de chaves

ilário moreira de coimbra

* Por falta do sinal correspondente, não foi possível escrever esta palavra como vem nos manuscritos: com a letra inicial e um pequeno traço sobreposto.

Jacome p.^{ra} de pöte de lima
alvaro nunez de evora
Roche simões dabrantes
nicolau lopez de torres nobas
p.^o leitão de beja
ant.^o de medeiros do alvorge

fr.^{co} gomez de evora
duarte lião de guimarães

e por elles sobreditos forão as ditas sortes aprobadas. e quiserão estar por ellas e ficarão de ã ninhũ tēpo irẽ contra ellas e de se asētarẽ pella dita ordẽ e tomarẽ os graos como he asētado e por quãto na ordẽ forão algũs nomeados primeiro que di.^o de paiva e não estavão aparelhados p.^a tomar o grao de m.^{tre} por todos os que pollas ditas sortes o precedião diserão que elles arrenunciavão seu direito e querião que elle se graduase e tomase o dito grao de magisterio e de o asi quererẽ e outorgarẽ mãdarão que se fizesse este asento no qual asinarão e ficarão por si nẽ por outrẽ nunca irẽ contra estas sortes nẽ cõtra a dita arrenunciação que fizerão no dito di.^o de paiva e por quãto abia algũs que ainda não erão de idade segundo diserão e pollo estatuto não podião tomar o grao de magistério e nas sortes precedião como era Rui vaz carnache e alvaro nunez os quaes diserão que ainda que o seu direito lhe ficava resguardado p.^a se asentarem cõforme a suas precedências que elles o cedião ao dito di.^o de paiva de bom^{te} e queriam que se pudese asētar acimã delles e asi mais Roche Simoes e nicolau lopez que ainda não erão de idade cederão o dito lugar e cõsentirão que elle di.^o de paiva se asētase acima delle som^{te} e que cõtudo e os demais querião usar das ditas sortes. eu di.^o daz.^{do} o screvi.

fran.^{co} L.^{co}

nicolao lopes

Ant. med.^{os}

Rui vaz mach^{do}

pero leytão

Roque Simoes

Jacome p.^{ra}

ant.^o vaz

alv.^o Nunez

Aos XXIII dias de maio de 1549 na cidade de Coimbra na casa onde se fazem os exames das artes e os mais autos logo hi forõ juntos o S.^{or} frei di.^o de murça Reitor e o doctor a.^o do prado vice Cãcelario e o m.^{tre} aires nunez. Juntos na dita Casa das escolas p.^a aprovação e reprovação dos bachares do Curso de Di.^o de Contreiras e de o doctor ant.^o vaz e do m.^{tre} ant.^o do Souto que se examinarão por elles p.^a as L.^{ras} ã a dita faculdade das artes e começãdo de votar por aa a R.R.saio logo na primeira ordẽ votado sobre fr.^{co} lourço.

Seguem-se os vários nomes, Hilário Moreira vem em 13.^o lugar.

ilario moreira da cidade de Coimbra foi aprobado nemine discrepãte lâçãdo todos AA e nenhum R.

e sendo todos asi por elles s.^{res} Reitor Cãcelario e examinadores aprobados nemine discrepãte mãdarão que se fizesse este asēto arriba em que todos vão nomeados e asinarão este asēto o S.^{or} Reitor frei di.^o de murça Reitor e o doctor a.^o do prado vice Cãcelario.

frei diogo
de murça

doctor
p.^{do}

L.^{dos} em artes

Aos XXVI dias do mes de maio de 1949 na cidade de Coimbra na sala grande dos paços dellrei nosso S.^{or} onde ora estam as escolhas geraes em presēça do S. frei di.^o de murça Reitor sendo presente toda a faculdade das artes e o m.^{tre} diogo de goubesa e o m.^{tre} ant.^o

do souto e o m.^{tre} aires nunez e o m.^{tre} di.^o lopez que forão examinadores o doctor a do prado vice Cãcelario deu o grao de licenciam^{to} na dita faculdade as oito oras e mea aos seguintes. depois de lhe ser dado juram^{to} cõforme ao estatuto: — os ques licêciados são do curso de di.^o de Cõtreyras e algũs do Curso do doctor ant.^o vaz e do m.^{tre} ant.^o do souto.

Seguem-se os nomes já conhecidos.

Illario moreira de Coimbra ficou em 11.^o lugar. E forão presentes aos ditos graos o doctor ant.^o vaz e o m.^{tre} fabricio e o m.^{tre} manuel Sardinha e o m.^{tre} p.^o de figueiredo e outros muy^{tos} e eu di.^o dazevedo que o screvi.

Magisterio de illario moreira

Aos dezenove dias de Junho de 1550 años na cidade de Coimbra na Capela de San miguel dos paços delRei nosso S.^{or} sendo presentes os S.^{res} frei di.^o de murça rector e o doctor a.^o do prado vice cancelario por sua comissão o m.^{tre} di.^o de Cõtreyras deu o grao de m.^{tre} na faculdade dartes e pos lhe as enseinas a illario moreira natural desta cidade e foi as oito oras de pella minhaa e forão t.^{as} o doctor ant.^o vaz e o m.^{tre} di.^o de Siqu. e o m.^{tre} di.^o lopez di.^o daz.^{do} o screvi.

Illario m.^a de Coimbra provou tres cursos em theologia e quatro meses de hũ año -sc- o año de 49 e 50 e out.^{ro} nov.^{ro} dez.^{ro} do dito año de 50 e Jan.^{ro} de 51 e o curso p(ro)ximo p.^{do} se acabou por Julho de 52 asy que são tres años e quatro meses t.^{as} fr.^{co} martins e a.^o dariaga não lhe p(ro)vão pr.^{ro} año dara outra t.^a para elle deu o S.^{or} R.^{tor} 1.^{ca} para lha eu scrivão tomar ou escrito do m.^{tre} de theologia e seu juram.^{to}

Hyllarius

moreira

Provou Hillario mor.^{ra} de Coimbra perante mĩ escrivão por ter para este caso som.^{te} comisão e poder do S.^{or} Reitor que ouviu theologia nesta universidade tres meses p.^{dos}—sc.— do principio doutubro deste año t.^{as} o l.^{do} ant.^o correa e o padre Jorge lopez simão de fig.^{do} o screvi e são as t.^{as} da mesma faculdade oje XXIII de Dez.^{ro} de 1552 anos.

ho l.^{do} Ant.^o correa

Jorge lopez

Illario m.^{ra}

Aos XXIII dias do mes de Dez.^{ro} do ano de 1552 años em Coimbra e pousadas de mĩ escrivão veyo Yllario m.^{ra} desta cidade e me deu hũ asinado do S.^{or} R.^{tor} Dom m.^{el} de meneses per que dizia que ho doutor prado lhe testificara que elle ouviu theologia delle no año do seu licenciam.^{to} que he o quarto año das artes e que jurando elle o mesmo como ficou asêtado atras quando provou seus cursos lhe seja admitido o dito año por hũ curso e por que elle Yllario m.^{ra} asi operou e asinou asi lhe fica provado o dito año que lhe faltava provar per hũa t.^a ou Rui do prado e seu juram.^{to} como no termo atrás fez mēçã simã de fig.^{do} ho sprvvi

hillarius

moreira

Ilario mor.^{ra}

Provou Ylario mo.^{ra} de Coimbra perante o S.^{or} Dom m.^{nuel} de meneses Reitor este curso em theologia que se acabou agora t.^{as} ant.^o correa e di.^o do costa simã de fig.^o o escrevi a III de Junho de 1553 años.

Di.^o

da costa ho l.^{do} ant.^o correa

Ylario moreira

Provou Ylario moreira que oubira theologia as fereas deste presente año e asi este mes doutubro e forão ts.^{as} que asi o jurarõn o m.^{tre} ant.^o da cruz e fr.^{co} madeira di.^o daz.^{do} o screvi a vinte e sete doutubro de 1553 años.

fr.^{co} madeira

Antonyo da Cruz

Ylario Moreira brêl cõrête

No derradeiro dia doutubro de 1553 años na cidade de coimbra e guardaroupa dos paços delRei nosso S.^{nor} onde se fazem os autos de theologia sendo presidente o doutor m.^{tre} martinho de ledesma sustentou as cõcrusões p.^a a primeira tentativa em theologia Ylario Moreira natural desta cidade e argumêtarão-lhe segundo costume e os doutores brês corêtes na dita faculdade votarão por AA e RR p.^a saber se o amitiriãm aos mais autos que se requerem p.^a se fazer brêl formado na dita faculdade e foi aprobado memine discrepante lançãdo todos AA e ninhum RR e forão por todos quatro AA e de tudo me deu sua fee g.^{ar} de sampaio bedel da dita faculdade por eu di.^o daz.^{do} não ser presente ao notar que estava em cõselho pus corentes e risquei formados, di.^o daz.^{do} o screvi.

Ilario Moreira 2.^a tentativa

Aos dezenove dias de Julho de 1554 años na cidade de Coimbra e guarda-roupa dos Paços delRei Nosso Sõr onde se fazem os autos de theologia, sendo presidente o doutor marcos romeiro, Ilario moreira desta cidade teve o auto que se chama segunda tentativa e argumêtarão-lhe os brês da faculdade segundo costume e ordenança dos estatutos di.^o daz.^{do} o screvi.

hilario moreira, 1º precipio

Aos vinte e dois dias do mês de Nov.^{ro} de 1554 años no guarda-roupa dos Paços delRei nosso Sõr onde se fazem os autos de theologia o brêl hilario moreira, desta cidade de Coimbra teve o auto que se diz o 1º precipio do m.^{tre} das sentenças e foi presidente o doutor frei martinho de ledesma di.^o daz.^{do} o screvi.

2.^o precipio de hilario moreira

Aos vinte e nove dias de Jan.^{ro} de 1555 o brêl Ilario moreira sustentou as conclusões do 2º precipio sendo presidente o doutor frei martinho de ledesma di.^o daz.^{do} o screvi

3º precipio p.^a brêl formado de Ilario Moreira:

Aos dezassete dias do mês de Maio de 1555 años na cidade de Coimbra e guarda roupa dos Paços delRei nosso Sõr às 10 horas de pella minhãa o doutor marcos romeiro padrinho

deu o grau de brêl formado em theologia a hilario moreira natural desta cidade depois de sustentar as côclusões do terceiro prencipio do mestrê das sentenças e depois de lhe argumentarẽ todos os brês da faculdade e forão test.^{as} o doutor frei martinho de ledesma e o doutor mestre Avr.^o e o mestre p.^o leitão e o mestre p.^o de souza e eu di.^o daz.^{do} lhe dei juram.^{to} que esto escrevi.

4º prencipio de Ilario Moreira:

Aos vinte de Julho de 1555 años na cidade de Coimbra guarda roupa dos paços delRei nosso Sør onde se fazem os exames de theologia, em presença do doutor frei martinho de ledesma presidente Illario moreira desta cidade teve o 4º prencipio do mestre das sentenças e argumẽtarão-lhe os brês da faculdade e eu di.^o de daz.^{do} o escrevi.

Magna ordinaria de Ilario mor.^a:

Aos dez dias do mes doutubro de 1555 na cidade de Coimbra e guarda-roupa dos paços delRei nosso Sør sendo padrinho o doutor frei martinho de ledesma Illario mor.^a natural desta cidade sustentou as côclusões que se requerẽ para o auto que se diz manha ordinaria e argumentarão-lhe os brês e examinou o doutor marcos romeiro e eu di.^o daz.^{do} o escrevi.

Parva ordinaria de Ilario Mor.^a:

Aos treze dias do mes de fev.^o de 1556 años Ilario mor.^{ra} desta cidade sustentou as côcrosões p.^a a parva ordinaria e foi em presença do Sør doutor a. do prado reitor e foi padrinho o d. frei martinho e argumẽtarão-lhe os outros brês e eu di.^o daz.^{oo} o escrevi.

Augustiniana de Ilario Moreira

Aos nove de Julho de 1557 años no geral de santa caterina dos collegios do mosteiro de santa cruz hilario moreira desta cidade fez o auto da Agustiniãna e foi prior o brêl p.^o de souza di.^o daz.^{do} o escrevi.

Exame privado de Illario moreira

Aos XXVIII dias do mes de Julho de mil e quinhentos e cincoenta e oito años na cidade de Coimbra e paços delRei nosso Sør na casa honde costuma fazerem-se os exames privados sendo hy presentes os Snrs. D. jorge de almeida Reytor e o R.^{do} padre frei martinho vice-cancellario por comissão de D. joão vigário do mosteiro de santa cruz e cancellario da universidade e o padre m.^{tre} frei joão pinhr.^o padrinho e o doutor marcos Romer.^o e o doutor alv.^o da fonsca e o doutor dy.^o de gouvea todos theologos em sua presença o brêl Illario Moriera natural desta cidade de Coimbra leu no mestre das sentenças pr. 3º dist. 31ª § *advertentum et est* e in 4º distincão 1º § *iam videre restat* que aos vinte seis dias deste dito mes lhe assinou o dito padrinho em presença do dito vice-cancellario às quatro horas da tarde p.^a ler oje das oito horas em diante e depois de ler duas horas lhe argumẽtarão examinarão no os quatro doutores p.^a ello eleitos e acabado o dito exame se saiu p.^a fora o dito Illario Moreira e logo elles sôs comunicarão p.^a saber se o peneteciarião e non foi peneteciado e logo votarão por aa e RR para saber se o aprovarião p.^a se fazer doutor em theo-

logia e foi por todos aprovado, lancando seis aa por ho sor R.^{tor} votar em dous papeis e o cancellario não votou por ser juiz paulo de barros o escrevi porque antes deste auto ficou fazer certa deligência a que ainda não tem satisfeito determinou o Sôr-Reitor e faculdade não lhe darem os graos de l.^{do} e doutor a não ter satisfeito paulo de barros o escrevi.

frei martinho de ledesma
fr. Joannes pinarius

dom jorge dalmeida.

grao de L.^{do} do brêl Ilario Mor.^a

Aos dous dias dos mes de outubro de 1558 años na cidade de Coimbra e mostr.^o de santa cruz na casa do capitulo, sendo hi presentes ho padre dõ joão cancellario desta universidade e o padre mestre j.^o pinhr.^o acabada a missa do spirito santo o dito cancellario as 9 horas pela manhã deu ho grao de L.^{do} em theologia ao brêl Illario Moreira natural desta cidade e forã tes.^{as} o dito doutor mestre j.^o pinhr.^o e o padre dõ Theotonio e o padre dõ P.^o e outros muitos que foram presentes e eu escrivão lhe dei juramento cõforme aos estatutos paulo de barros era escrivão do concelho na dita universidade em ausência do di.^o daz.^{do} coutinho esto escrevi.

Grão de d^{tor} do Ilario Mor.^a

Aos XVI dias do mes de Outubro de 1558 años na cidade de Coimbra e mosteiro de santa cruz sendo hi presente o sôr Dom jorge dalmeida, R.^{tor} e o R.^{do} padre dom J.^o vigario do dito mosteiro e cancellario da universidade e junta toda a universidade e outra muyta gente da cidade ho dito cancellario deu o grao de doutor em theologia ao L.^{do} Illario Mor.^a e o padre frei J.^o pinhr.^o padrinho lhe pos as insignias doutoraes por comissã do dito cancellario e foram ts.^{as} o doutor marcos romeiro e o doutor morgovejo e o doutor heitor roiz ho que foi feito as 10 horas de pella manhã e eu escrivão lhe dei juram.^{to} cõforme aos estatutos paulo de barros escrevi em ausencia de di.^o daz.^{do}.

BIBLIOGRAFIA

A) OBRAS MANUSCRITAS

- Actos e graus da Universidade de Coimbra*, desde 1549 a 1558. Arquivo da Universidade
Carta a Baltazar de Faria sobre os 'entes da Universidade, N.º 4, Maço 5 do Índice
das Gavetas — Torre do Tombo.
- Cartas, Provisões e Alvarás pertencentes à Universidade de Coimbra*. N.º 81 dos livros da
Mesa de Consciência e Ordens — Torre do Tombo.
- Cartório do Conselho da Fazenda da Universidade de Coimbra*. N.º 306 — Torre do Tombo.
- Chancelaria Régia de D. João III, D. Sebastião e Filipe I* — Torre do Tombo.
- Códice C XII/4-25 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora*.
- Colégio de Nossa Senhora da Graça de Coimbra*. N.º 266 (Conventos) — Torre do Tombo.
- Confirmação del Rei D. João III dos privilégios ... dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de
Coimbra*. Livro N.º 10 de Santa Cruz — Torre do Tombo.
- Constituições dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra* — Torre do Tombo.
- Desembargo do Paço* (D. Manuel, D. João III, D. Sebastião e Filipe I) — Torre do Tombo.
- Documentos diversos* n.ºs 236 a 244 dos Maços — Torre do Tombo.
- Documentos do século XVI*; n.ºs 15 a 22 das Pastas — Torre do Tombo.
- Inquirição de genere vita et moribus*, desde 1561 a 1598. Livro 72 de Santa Cruz — Torre
do Tombo.
- Livro de memórias dos Irmãos falecidos*, séc. XVI e XVII. Maço 3, 8 de Santa Cruz — Torre
do Tombo.
- Livro de privilégios de D. Manuel* — N.º 210 dos Livros da Mesa de Consciência e Ordens
— Torre do Tombo.
- Livro do recebimento de Noviços* desde 1552 a 1609 — Livro de Santa Cruz — Torre do
Tombo.
- Livros de registos de Cartas e Alvarás*. N.ºs 84 a 87 dos Livros da Mesa de Consciência e
Ordens — Torre do Tombo.
- Memórias Várias de Santa Cruz de Coimbra* — Biblioteca Municipal do Porto.
- Manuscrito 527 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*.
- Manuscrito 3174 da Biblioteca Nacional* — Lisboa.
- Necrológio dos Frades de Santa Cruz de Coimbra*. Maço 71 de Santa Cruz — Torre do
Tombo.
- Pergaminhos avulsos*. — N.ºs 1 a 10 e 36 a 44 das Pastas. Torre do Tombo.
- Privilégio de D. João III*. Maço 7.1 — Torre do Tombo.

Theatrum Lusitaniae Litterarium, siue Bibliotheca schriptorum omnium lusitanorum, auctore
Joanne Soares de Brito, Lusitano, Mathosiniensi, Soc. Theologiae Conimbric.
atque Ebor. Doctore, — Coimbra 1655.
Treslados — N.º 11 a 24 das *Pastas*.

B) OBRAS IMPRESSAS

I — ESCRITORES CITADOS POR HILÁRIO MOREIRA:

AGOSTINHO, Santo:

De Civitate Dei — Col. Migne.
De Doctrina Christiana — Col. Migne.
De Vera Religione — Col. Migne.
Sermo 69 — Col. Migne.

AMÓNIO — *Vida de Aristóteles* — Ed. Didot, Paris.
ANTÓNIO, Nicolau — *Biblioteca Hispânica* — Madrid, 1788.
APULEIO — *Metamorfoses*, Ed., M. Nisard — Paris.
ARISTÓTELES — *Ética* — Ed. Les Belles Lettres — Paris.
Arquivo Coimbrão, vol. VIII — Coimbra, 1945.

CÍCERO, Marco Túlio:

Ad Familiares — Les Belles Lettres, Paris.
Ad Atticum — 2, 11, 13 — Col. Lemaire, Paris.
Brutus — Les Belles Lettres, Paris.
De Finibus — Loescher, Turim.
De Legibus — Col. Lemaire, Paris.
De Natura Deorum — Col. Lemaire, Paris.
De Fato — Col. Lemaire, Paris.
De Oratore — Les Belles Lettres, Paris.
De Senectute — Teubner, Leipsig.
In Verrem — Loescher, Turim.
Partitiones Oratoriae — Les Belles Lettres, Paris.
Pro Archia — Les Belles Lettres, Paris.
Pro Archia — Loescher — Turim.
Pro L. Flacco — Les Belles Lettres, Paris.
Pro Ligario — Les Belles Lettres, Paris.
Pro Murena — Les Belles Lettres, Paris.
Tusculanae Disputationes — Loescher, Turim.

CURIÃO, Valentim — Tradução latina de Diógenes Laércio.

CÚRCIO, Quinto — Edic. Pezzang, Veneza.

DEMÓSTENES, *In Aristogitonem oratio*. Ed. Didot, Paris.

ELIANO, *De Natura Animalium* — Ed. Didot, Paris.

EMPÍRICO, Sexto. *Aduersus Mathem.* Teubner — Leipzig.

FILÓPONOS — *Comentários a Aristóteles* — Hachette — Paris.

GALENO — *De Sanitate tuenda*, 1551. De Santa Cruz de Coimbra.

GÉLIO, Aulo — *Noctes Atticae*, Ed. Nisard, Paris.

JERÓNIMO, S. — *Epistola* 83 in *Inuentarium Secundae partis epistolarum* — 1512.
— — *Epistola* 14 — Les Belles Lettres.
Commentarii in Ezequielem Prophetam (Migne).
JUSTINO, *Historiarum liber* — Col. Lemaire, Paris.
LAÉRCIO, Diógenes — *De vitis et moribus philosophorum* — Ed. Didot, Paris.
LOMBARDO, Pedro — *Epítome in quattuor libros sententiarum*, Paris, 1551.
MARCIANO — *Liber Primus Institutionum* — (*In codice Justiniani*), Antuérpia, 1919.
MARIZ, Pedro de — *Diálogo de vária história*, Lisboa, 1758.
MÁXIMO, Valério — Col. Lemaire, Paris.
MENANDRO, *frag.* 191 — Teubner, Leipzig.
NEPOS, Cornélio — *Temistocles* — Col. Lemaire, Paris.
ODISSEIA — Les Belles Lettres, Paris.
PAPINIANO — *Liber primus definitionum (in codice Justiniani)*.

PLATÃO:

Cármides — Les Belles Lettres.
Fedra — Les Belles Lettres.
República — Les Belles Lettres.
Timeu — Les Belles Lettres.

PLAUTO:

Captivi — Ed Les Belles Lettres.
Cistellaria — Ed. M. Nisard.

PLÍNIO — *Historia Naturalis* — Col. Lemaire, Paris.
PLUTARCO — *De liberis educandis*, Ed. Didot, Paris. Alexandre, Ed. Didot, Paris.
OVIDIO — *Metamorfoses* — Les Belles Lettres.
QUINTILIANO — *De Institutione Oratoria* — Col. Lemaire — Paris.

Sagrada Escritura:

Génesis. 2
Eclesiástico
Job
Salmo 18
Ev. de S. Mateus
Ev. de S. Lucas
Ev. de S. João

S. Paulo:

Ep. aos Romanos
Ep. aos Coríntios
Ep. aos Efésios
Ep. aos Filipenses

SÉNECA:

Epistolae 2,49,89 — Col. Lemaire, Paris.
De Breuitate uitae — Col. Lemaire, Paris.
De tranquillitate animi — Col. Lemaire, Paris.

- SÍCULO, Cataldo Parisio — *Oração de Sapiência* proferida em Bolonha — In *Poemata et Epistolae* — Lisboa, 1500.
- SÍCULO, Diod . Ed. Didot., Paris.
- SIMPLÍCIO — *Comentarii in enchiridion* — Ed. Didot, Paris.
- TEMÍSTIO — *Auscultatio Physica*, Paris, 1528.
- TEÓCRITO. *Idílio XVI* — Hachette, Paris.
- TEOFRASTO — *História das plantas*, Ed. Didot, Paris.
- ULPIANO — *Iuris enucleati in omni uetere iure collecti Digestorum seu Pandectarum libri quinquaginta*, — livro 1.º Génova (*In codice Justiniani*) — 1580.
- VERGÍLIO — *Écloga IX* — Les Belles Lettres.
Eneida — Les Belles Lettres.
Geórgicas, 4 — Les Belles Lettres.
- VITRÚVIO, Marcos Polião — *De Architectura libri decem* — Leipsig, 1836.

II — OUTRA BIBLIOGRAFIA

- ALVELOS, Maria Manuela Pereira Pinto, *Oração de Pedro Fernandes em louvor de todas as artes e ciências*, Coimbra, 1965. Dissertação de licenciatura dactilografada.
- ANDRÉ, Carlos Ascenso, *Antologia Poética* de Diogo Pires. Coimbra, INIC, 1983.
- BATAILLON, Marcel, *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*. Coimbra, 1952.
- BELAVOINE, Claudie, *Les Éclogues d'Henrique Caiado ou l'Humanisme portugais à la conquête de la poésie neo-latine*, Paris, Gulbenkian, 1983.
- BERNARD-MAITRE, Henri, «Un grand serviteur du Portugal en France, Diogo de Gouveia l'ancien et le Collège Sainte-Barbe de Paris (1520-1548)», *Bulletin des Études Portugaises et l'Institut Français au Portugal*, Lisboa, 15 (1951) 3-75.
- BRANCO, José Gomes, «Os discursos do humanista Aquiles Estaço», *Euphrosyne*, Lisboa, 1 (1957) 3-23.
- BRANCO, Manuel Bernardes, «Obras de Cataldo Áquila Sículo», *O Panorama*, Lisboa, 17 (1867) 35-54, 68.
- BUCHANAN, George, «Georgii Buchanani vita ab ipso scripta biennio ante mortem», *Georgii Buchanani ... opera omnia*, Leide, 1725.
- BRANDÃO, Mário, *Uma oração académica do Renascimento*, Coimbra, 1925.
- , «Os professores dos cursos de Artes nas escolas do Convento de Santa Cruz, na Universidade e no Colégio das Artes de 1535 a 1555», *Biblos*, Coimbra, 5 (1929) 84-109.
- , «Relação dos lentes de Artes e Gramática nos Colégios de Santa Cruz», *Alguns documentos respeitantes à Universidade de Coimbra na época de D. João III*, Coimbra, 1937.
- , Inácio de Moraes — *Conimbricæ encomium*, revisão e prefácio, 1938.
- CANGUEIRO, Luis António, *O poema de Cataldo Sículo 'De divina censura et Verbo humanato'* — livro segundo, Coimbra, 1962 (dis. lic. dat.).
- CARVALHO, Joaquim, *António de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença. António de Gouveia e Pedro Ramo*, Coimbra, 1916.
- CARVALHO, Joaquim de, «Catálogo dos professores de filosofia do Colégio das Artes de Coimbra e da Universidade de Évora desde 1555 a 1667», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 7-8 (1925-1927) 439-448.
- , «António Luís — Correspondência latina de António Luís com Jerónimo Cardoso», F. Leitão Ferreira, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, 2.ª parte, Coimbra, 3 (1944), 746-749.

- , «António Luis — *Panegyrica oratio elegantissima*», F. Leitão Ferreira — *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, 2.ª parte, Coimbra, 3 (1944) 749-801.
- , «Sobre o humanismo português na época da Renascença», *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, Coimbra, 2 (1948) 1-72.
- CASTRO, Aníbal Pinto de, «Aquiles Estaço, o primeiro comentador peninsular da *Arte Poética* de Horácio», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Gulbenkian, 10 (1976) 83-102.
- CASTRO, António de, «Omnia Cataldi Aquilae Siculi quae extant opera», *Provas da história genealógica da Casa Real Portuguesa* de D. António Caetano de Sousa, Coimbra, Atlântida, 6 (1954) 55-276.
- CEREJEIRA, Manuel Gonçalves, *O Renascimento em Portugal. I Clenardo e a sociedade portuguesa; II Clenardo, o Humanismo e a Reforma*, Coimbra, 1974-1975.
- CORNIL, Suzanne, «Humanistes Belges au Portugal: Clénard et Vasaeus», *L'Humanisme portugais et l'Europe — Actes du XXI Colloque International d'études humanistes, Tours, 3-13 Juillet 1978*, Paris, Gulbenkian, 1984, 335-344.
- COSTA, António Domingos de Sousa, *Estudos sobre Álvaro Pais*, Lisboa, 1966.
- CRUZ, António, «Belchior Beleago, humanista portuense», *Bibliotheca portucalensis*, Porto, 1 (1957) 7-29.
- , *Santa Cruz de Coimbra na cultura portuguesa*, Porto, 1965.
- DIAS, Amélia da Encarnação S. P. Simões, *Visões de Cataldo Sículo*, Coimbra, 1969, (dis. lic. dact.).
- DIAS, José Sebastião da Silva, «Portugal e a cultura europeia (séculos XVI a XVIII)», *Biblos*, Coimbra, 28 (1952) 20-248.
- DIAS, José Sebastião da Silva, *Regimento escolar de Santa Cruz de Coimbra (1537)*, Coimbra, 1974.
- DOMINGUES, Gabriel de Paiva, *Oração de André de Resende pronunciada no Colégio das Artes em 1551*, Coimbra, 1982.
- FREIRE, José Geraldes, *Obra poética de Diogo Mendes de Vasconcelos*, Coimbra, 1962.
- LEITE, António P. de Sousa, «Novos elementos para o estudo da grande família dos Gouveias humanistas», *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, Lisboa, 31 (1965) 31-45; 32 (1965) 114-133; 33 (1965) 189-195; 34 (1965) 263-271.
- LIPÉNIO, Martinho, *Biblioteca Real de Filosofia*, Lisboa, 1785.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Biblioteca Lusitana*, tomo II, Lisboa, 1947.
- MARGARIDA, Eduardina I. Cardoso de Amaral, *De gloria, liber quartus de Jerónimo Osório*, Coimbra, 1974 (dis. lic. dact.).
- MARIZ, Pedro de, *Diálogo de vária história*, Lisboa, 1758.
- MARTINS, Isaltina das Dores Figueiredo, *O Poema 'De Patientia Christiana' de Jorge Coelho*, Coimbra, 1974 (dis. lic. dact.).
- MARTINS, J. V. de Pina, *Humanismo e Erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Paris, Gulbenkian, 1973.
- , *André de Resende — Vincentius Levita et Martyr*, Paris, Gulbenkian, 1981.
- MATOS, Luis de, *Quatro Orações latinas proferidas na Universidade e Colégio das Artes*, Coimbra, 1937.
- , *Les portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, 1950.
- , «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parisio Sículo», *A Cidade de Évora*, Évora, 35-36 (1954) 2-13.

- , «Sobre António de Gouveia e a sua Obra», *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Lisboa, 7 (1966) 559-583.
- MENDES, João Pedro, *O poema de Cataldo Sículo 'De divina censura et Verbo Humanato' — Livro I*, Coimbra, 1967 (dis. lic. dact.).
- MENDEIROS, José Filipe, O Humanismo na Universidade de Évora, in *A Cidade de Évora*, Janeiro, Dezembro, 1959.
- MENESES, Miguel Pinto de, *Oração de Sapiência* de André de Resende (Oratio pro rostris), introd. de A. Moreira de Sá, Lisboa, 1956.
- , *Oração proferida no Estudo Geral de Lisboa* por André de Resende, introd. de A. Moreira de Sá, Lisboa, 1964.
- , Jerónimo Cardoso, *Oração de Sapiência proferida em louvor de todas as disciplinas*, Lisboa, 1965. Introd. de Justino Mendes de Almeida.
- NOBRE, Francisco José Avelar, *A oração laudatória de todas as ciências e das Belas-Artes de António Pinto*, Coimbra, 1962, (dis. lic. dact.).
- OSÓRIO, Jorge Alves, *A oração sobre a fama da Universidade*, feita em 1548 por João Fernandes, Coimbra, 1967.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, introd. e notas à *Oração sobre o estudo de todas as disciplinas*, de Belchior Beleago, Porto, 1959.
- PINHARANDA, Gomes, introd. e notas à *Oração em louvor da Filosofia* do Infante D. Duarte, Guimarães, 1965.
- PINHO, Sebastião Tavares de, *Lopo Serrão e o seu poema da Velhice*, edição do INIC, Coimbra, 1987.
- RAMALHO, Américo da Costa, «Um epigrama em latim imitado por vários», *Humanitas*, Coimbra, 5 (1952) 60-65; 5-6 (1953-1954) 55-64.
- , *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969.
- , «O Humanismo português e a Itália», *Humanitas*, Coimbra, 33-34 (1981-1982) 240-244.
- , *Estudos sobre o século XVI*, Lisboa, 2.^a ed. aumentada, 1983.
- , «Quelques aspects de l'Introduction de l'humanisme au Portugal», *L'Humanisme portugais et l'Europe — Actes du XXI Colloque International d'Études Humanistes, Tours, 3-13 Juillet 1978*, Paris, 1984, 33-49.
- , *Para a História do Humanismo em Portugal*, I, Publicação do INIC, Coimbra, 1988.
- RODRIGUES, Manuel Augusto, «Os estudos teológicos e bíblicos no mosteiro de Santa Cruz no século XVI. A figura de D. Pedro de Figueiró», *Santa Cruz de Coimbra do século XI ao século XX — Estudos*, Coimbra, 1984, 119-138.
- SÁ, A. Moreira de, «Duas obras desconhecidas de Henrique Caiado», *Humanistas portugueses em Itália*, Lisboa, 1983, 137-202.
- , *Uma carta inédita de Luís Vives para D. João III*, Coimbra, 1957.
- SANTOS, Cândido Dias dos, «Estudantes e Constituições dos Colégios de Santa Cruz de Coimbra (1534-1540)», *Revista da Faculdade de Letras*, Porto 4-5 (1973-1974) 89-196.
- , «Humanismo e Teologia nos meados do século XVI», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Gulbenkian, 9 (1975) 507-553.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, «Jorge Buchanan e o ambiente coimbrão do século XVI», *Humanitas*, Coimbra 15-16 (1963-1964) 261-327.
- SEGURADO, Jorge, *De aetatibus mundi imagines* de Francisco de Holanda, Lisboa, 1983.

- SERRÃO, J. Veríssimo, »O humanista António de Gouveia em Tolosa», *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, 8 (1952) 144-177.
- , «António Gouveia e Miguel Montaigne: seu provável contacto», *Revista Filosófica*, Coimbra, 4 (1952) 84-88.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro, *Diogo de Teive. Tragédia do Príncipe João*, Coimbra, 1977
- TERRA, J. da Silva, «Seis poemas de André de Resende», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Gulbenkian, 7 (1973) 4431-469.
- , «O humanista português Jorge Coelho e sua correspondência com os cardeais Bembo e Sadoletto», *Mélanges à la mémoire d'André Joucla-Ruau*, Ed. da Univ. de Provence, 2 (1978) 1133-1160.
- TEYSSIER, Paul, «L'Humanisme portugais et l'Europe — Actes du XXI Colloque International d'Études Humanistes, Tours 3-13 Juillet 1978», Paris, 821-845.
- , «Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise», *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, Lisboa, 41 (1980) 7-32.
- TORRES, Amadeu Rodrigues, *Noese e crise na epistolografia latina goisiana. I As cartas latinas de Damião de Góis; II Damião de Góis na mundividência do Renascimento*. Paris, Gulbenkian, 1982.
- VAN VAASEN, «Dissertatio de vita et scriptis Antonni Goveani», *Antonni Goveani opera iuridica, philologica, philosophica*, Rotterdam, 1766.
- VIEIRA, Dulce e RAMALHO, A Costa, *Cataldo Parisio Sículo — Martinho, Verdadeiro Salomão*, Coimbra, 1974.
- WALL, John, «The latin elegiacs of George Buchanan (1506-1582)», *Bards and Makars*, Glasgow, 1977, 184-193.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE ONOMÁSTICO (1)

- Abaco, Pedro, 22
Adónis, 80, 81, 105 (6)
Afonso I, D., 90, 91
Afonso, Infante D., 31
Agostinho, S., 10, 12, 20 (2), 22 (3), 39,
58, 59, 78, 79, 80, 81, 97 (2), 106, 107
Agenor, 56, 57
Alcínoo, 19 (2), 62, 63, 99, 100
Alexandre Magno, 82, 83, 86, 87, 108,
109 (3)
Almain, Jacobus, 21, 22 (2)
Almeida, D. Jorge de, 11
Almeida, Manuel Lopes de, 16
Álvares, Frei João, 14, 31, 32 (2), 33 (4),
42, 43
Amónio, 107, 109
Anaximandro, 56, 51, 94
António, Nicolau, 9 (2)
Anquises, 104
Anzinas, 22
Ápio Cláudio, 96
Apuleio, 94
Aristeu, 109
Aristipo, 109
Aristófanis, 100
Aristogitão, 102
Aristóteles, 22, 52, 53, 73, 82, 83,
84 (2), 85 (2), 96, 100, 107 (2), 108,
109 (3)
Aristóteles, Pseudo », 21
Arquíloco, 100
Ático, 96, 102 (2)
Augusto, 44
Aulo Gélio, 97, 109
Ausónio, 23
Autócrates, 100
Azevedo, Diogo de, 11
Barreira, João, 14, 31, 32 (2), 33 (4), 42, 43
Barros, Paulo de, 11
Beleago, Melchior, 18, 33 (2), 34, 35, 36
Bernardo, S., 22
Bragança, D. Isabel, 32
Brandão, Mário, 16
Brito, Jerónimo de, 33
Bruto, L., 70, 71, 99, 102
Cáceres, Lourenço de, 32
Cadmo, 56, 57, 96
Calidónico, Cadaval Grave, 35 (2)
Calipino, 22
Cardoso, Jerónimo, 35 (2)
Catão, o Censor, 82, 83, 108
Catarina, Rainha D., 32
Catulo, 106
Cecílio, Quinto, 106
Cécrops, 96
Célio, Luis, 18, 20, 24, 84, 85, 95, 96 (2),
97 (3), 99 (3), 100 (2), 101, 102 (2),
106 (2).
Cerejeira, D. Manuel Gonçalves, 25
César, 60 (4), 61 (4), 62, 63, 98 (5)
Cévola, 37, 62, 63, 99
Chiliades, 22
Cícero, 21, 22, 23 (2), 24 (2), 27, 50, 51,
54, 55, 58 (2), 59, 60 (7), 61 (7),

(1) Não se inclui aqui a onomática do Apêndice, nem a que aparece só na Bibliografia.

- 62 (4), 63 (4), 66 (2), 67 (2), 68 (2),
69 (2), 93 (2), 94 (3), 96 (4), 97 (2),
98 (13), 99 (2), 101 (5), 102, 107 (3),
108 (3), 110
- Cipião, 106
- Cipriano, S., 23
- Clemente VIII, 34 (2)
- Clenardo, Nicolau, 31
- Coelho, Jorge, 31 (3), 32 (4)
- Columella, 22
- Constantino, Manuel, 34 (2)
- Contreiras, Diogo de, 10 (2)
- Copónio, Marco, 99 (2)
- Costa, Manuel da, 32
- Crasso, 58 (2), 59 (2), 62, 63, 99 (2)
- Crisipo, 103
- Cúrio, Marco, 62, 63, 99 (5)
- Cúrcio, Quinto, 102
- Demócrito, 82, 83, 108
- Demóstenes, 60, 61, 98, 99
- Donato, 23
- Draco, 72, 73, 103
- Duarte, Infante D., 32, 35
- Duarte, Príncipe, 35
- Durando, 22
- Efesto, 110
- Egisto, 101
- Eliano, 100 (2)
- Empírico, Sexto, 98
- Erociano, 56, 57
- Esíquio, 11
- Esopo, 22
- Ésquilo, 110
- Eurípides, 110
- Fabiano, 95
- Fabício, Arnaldo, 32, 34, 35, 36
- Fabício, Vicente, 25
- Farnésio, Alexandre, 35
- Fénix, 62, 63, 99
- Fernandes, Pedro, 18, 21 (3), 33
- Fernandes, Dr. Manuel, 34
- Fernando, Jorge, 35
- Filipe da Macedónia, 60 (2), 61 (2), 82,
83, 98 (2), 108
- Filipe II, 34
- Filipe III, 34
- Filisto, 109
- Filóponos, 100
- Filoxeno, 110
- Flaco, Lúcio, 60, 61, 98, 99
- Fócio, 100
- Galeno, 21, 66, 67, 100 (2)
- Gonçales António, 35 (2)
- Gregório XIII, 34 (2)
- Hangest, 22
- Henrique, Infante D., 32
- Hermes, 101
- Hilarião, D., 14
- Hilário, 13
- Hilário, D., 12, 13, 14 (2)
- Hipócrates, 21, 56, 57, 66, 67, 101
- Homero, 20, 21, 24, 62, 63, 84, 85, 99, 109
- Horómase, 24, 72, 73, 102
- Isócrates, 82, 83
- Jeremias, 110
- Jerónimo, S., 18, 20, 74, 75, 76, 77, 103,
104, 106, 107 (5), 109, 110
- João, D., 10, 11
- João, Infante D., 32, 33
- João, D. 13 (3), 15, 16, 17, 32, 33 (3),
38, 42, 43, 44, 45, 86, 87, 110
- João, S, 22, 110
- Job, 74, 75, 103
- Justino, 22
- Juvenal, 23, 106
- Lactância, 22
- Laércio, Diógenes, 20, 21, 50, 51, 54, 94
(3), 96, 107
- Laurand, 30
- Ledesma, Martinho de, 12
- Ligário, 60, 61, 98, 99
- Lipénio, Martinho, 9
- Lira, Manuel de, 34
- Lucas, S., 110
- Luciano, 32 (2)
- Lusciano, 39, 82, 83, 108
- Luís, António, 33
- Luis, Infante D., 31
- Lutero (anteluterus), 22
- Machado, Diogo Barbosa, 9 (4)
- Macróleio, Aurélio, 80, 81, 106 (2)
- Manuel, Rei D., 31, 35

Maomé, 72, 73, 103
 Marcelino, Amiano, 106
 Marciano, 102
 Marcos, 110
 Maria, Infanta D., 32
 Maria, Princesa D., 35
 Mariz, Pedro, 9
 Martins, Isaltina das Dores F., 7
 Matos, Luis de, 33
 Máseimo, Valério, 22, 107
 Medeiros, Walter de Sousa, 102
 Menandro, 100 (2)
 Mendeiros, José Filipe, 104
 Meneses, D. Manuel de, 16 (2), 88, 89
 Montolónio, João de, 96
 Moraes, Inácio de, 32, 33, 110
 Moreira, Hilário, 9, 10 (2), 11 (2), 12 (2),
 13, 14 (2), 15 (3), 17 (4), 18 (2), 19 (2),
 20 (4), 21 (3) 23, 24 (2), 25, 27 (2),
 31, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 44, 45,
 46, 47, 93, 94 (4), 95, 97, 98 (2),
 100 (3), 101, 102 (3), 109, 110.
 Morgovejo, Dr., 11
 Múcio, Nicolau, 34
 Murça, Diogo de, 10
 Murena, 60, 61, 98, 99
 Nebricense, 23
 Nepos, Cornélio, 107, 109
 Orósio, 22 (2)
 Ovídio, 106
 Papiniano, 102
 Paulino, 103, 104
 Paulo, S., 17, 21 (2), 22, 74, 75, 78 (2),
 79 (2), 103 (4)
 Paulo III, 88, 89
 Pedro, D., 10
 Pedro, S., 74, 75
 Pelayo, Menendez y, 31
 Penélope, 21, 109 (2)
 Pereira, Maria Helena Rocha, 93, 101,
 104
 Perihermias, 22
 Pérsio, 23
 Pimpão, Álvaro Júlio da Costa, 33
 Pinheiro, João, 10, 11
 Pinheiro, Rodrigo, 34
 Pinto, António, 18
 Pitágoras, 19 (2), 24, 50, 51, 62, 63, 82,
 83, 84 (3), 99, 108
 Platão, 16, 19, 20, 52 (3), 53 (3), 58 (2),
 59 (2), 62, 63, 78, 79, 80, 81, 82, 83,
 95 (6), 97, 100, 101, 106 (3), 107 (2),
 108 (2), 109 (4)
 Plauto, 93
 Plínio, 22 (2) 96
 Plutarco, 20, 22, 48, 93, 96, 99, 107,
 109 (2)
 Polião, 104
 Policiano, Ângelo, 22
 Pôntico, 106
 Prado, Afonso do, 10, 12
 Prisciano, 23
 Quintiliano, 21 (2), 97 (2)
 Ramalho. Américo da Costa, 103
 Resende, André de, 32, 33, 36 (2)
 Rodrigues, Heitor, 11
 Romeiro, Marcos, 11
 Salmóxis, 72, 73, 103
 Salonino, 102 (4)
 Santo, Monte, 22
 Seleuco (locrense), 39, 70, 71, 102
 Seleuco, Carondas, 72, 73, 102
 Séneca, 21, 82, 83, 93, 95, 96, 108
 Sículo, Cataldo Parisio, 17, 18, 20, 36,
 60, 97, 98 (2), 101, 103 (3), 106
 Sículo, Diodoro, 99
 Silano, Décio, 70, 71, 101, 102
 Símplicio, 95
 Sócrates, 52, 53, 82, 83, 101, 110
 Sófocles, 110
 Sólon, 72, 73, 103
 Souto, António do, 10
 Suidas, 100
 Sulpício, 23
 Tácito, 96
 Tales, 50, 51, 94
 Teive, Diogo de, 33
 Telesto, 110
 Temístio, 64, 65, 21, 100
 Temóstocles, 82, 83, 107
 Teócrito, 106
 Teofrasto, 21, 54, 55, 96, 106

Teotónio, D., 10
Tíbulo, 106
Ticónio, 97
Tomás, S., 22 (2)
Torquato, Mâmlio, 100
Trimegisto, 72, 73, 102
Tucídides, 107
Ulisses, 106
Valla, Lourenço, 23
Vaz, António, 10

Vergílio, 20 (2), 21, 23 (2), 54, 55, 76,
77, 96 (2) 103, 104 (4)
Vicente, S., 14, 22
Vitrúvio, 21, 82, 83, 95, 96, 108 (2)
Xenócrates, 82, 83, 108
Xisto V, 34
Zaneto, Aloísio, 34
Zenão, 52, 53, 60, 61, 82, 83, 98 (4)
Zenóbio, 100
Zoroastro, 72, 73, 102

ÍNDICE

	Págs.
BREVE EXPLICAÇÃO	7
O PROBLEMA BIOGRÁFICO	9
O HUMANISMO DE HILÁRIO MOREIRA	15
CLÁUSULAS MÉTRICAS	27
TEXTOS DA ORAÇÃO E SEU ESTUDO CRÍTICO	31
A ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA DE HILÁRIO MOREIRA	
HILARII MOREIRAE	42
ORAÇÃO DO CONIMBRICENSE HILÁRIO MOREIRA	43
HILARII MOREIRAE DE OMNIUM PHILOSOPHIAE PARTIUM LAUDIBUS ET STUDIIIS ORATIO	46
ORAÇÃO DE HILÁRIO MOREIRA	47
NOTAS E ALGUNS COMENTÁRIOS	93
APÊNDICE	111
BIBLIOGRAFIA	117
ÍNDICE ONOMÁSTICO	125

(Página deixada propositadamente em branco)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Textos clássicos

1. PLAUTO, *Anfitrião*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1978. 3.^a edição, 1988.
2. PLAUTO, *O Gorgulho*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1978. 2.^a edição, 1986.
3. ARISTÓFANES, *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1978. 2.^a edição, 1988.
4. SÓFOCLES, *Filoctetes*. Introdução, versão do grego e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. 1979. 2.^a edição, 1988.
5. SÓFOCLES, *Rei Édipo*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO. 1979. 2.^a edição, 1986.
6. EURÍPIDES, *Hipólito*. Introdução, versão do grego e notas de BERNARDINA DE SOUSA OLIVEIRA. 1979.
7. PLATÃO, *Lísis*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1980.
8. PLAUTO, *O soldado fanfarrão*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1980. 2.^a edição, 1987.
9. ARISTÓFANES, *Os Acarnenses*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1980. 2.^a edição, 1988.
10. PLAUTO, *Epidico*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1980. 2.^a edição, 1988.
11. ARISTÓFANES, *Pluto*. Introdução, versão do grego e notas de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1982. 2.^a edição, 1989.
12. PLATÃO, *Cármides*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1981. 2.^a edição, 1988.
13. EURÍPIDES, *Orestes*. Introdução, versão do grego e notas de AUGUSTA FERNANDA DE OLIVEIRA E SILVA. 1982.
14. TERÊNCIO, *Os dois irmãos*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1983. 2.^a edição, 1988.
15. PLATÃO, *Fédon*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1983.
16. PLAUTO, *Os dois Menecmos*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1983. 2.^a edição, 1989.
17. ARISTÓFANES, *A Paz*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1984. 2.^a edição, 1989.
18. SÓFOCLES, *As Traquínias*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO. 1984.

19. SÓFOCLES, *Antígona*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. 1984. 2.^a edição, 1987.
20. PLATÃO, *Apologia de Sócrates. Críton*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1984.
21. PLATÃO, *Hípias Maior*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1985. 2.^a edição, 1989.
22. PLAUTO, *A comédia da marmita*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1985. 2.^a edição, 1989.
23. AVIENO, *Orla marítima*. Introdução, versão do latim e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. 1985.
24. ARISTÓFANES, *Os Cavaleiros*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1985.
25. ÉSQUILO, *Agamémnon*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1985.
26. TERÊNCIO, *A sogra*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1987.
27. PLATÃO, *Laques*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1987.
28. ARISTÓFANES, *As mulheres no Parlamento*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1988.
29. TERÊNCIO, *A moça que veio de Andros*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1988.
30. MENANDRO, *O Díscolo*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1989.
31. LUCIANO, *Diálogos dos Mortos*. Introdução, versão do grego e notas de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1989.
32. PLATÃO, *Hípias Menor*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1990.

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

- A. COSTA RAMALHO e J. CASTRO NUNES — *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra, relativos à Antiguidade Clássica*. 1945.
- JORGE ALVES OSÓRIO — *M.º João Fernandes — A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)*. Prefácio, introdução, tradução e notas. 1967.
- ANA PAULA QUINTELA F. SOTTOMAYOR — *Ésquilo: As Suplicantes*. Introdução, tradução do grego e notas, 1968.
- Catálogo Parisio Sículo — Martinho Verdadeiro Salomão*. Prólogo, tradução e notas de DULCE DA C. VIEIRA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1974.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Poesia grega arcaica*. 1980.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Hélade. Antologia da cultura grega*. 4.ª edição, 1982.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Romana. Antologia da cultura romana*. 21986.
- FRANCISCO DE OLIVEIRA — *Ideias morais e políticas em Plínio o Antigo*, Coimbra, 1986.
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA — *Sic itur in Vrbem. Iniciação ao latim*. 41987.
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA — *Iniciação ao grego*. 21987.

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

- J. GERALDES FREIRE — *A versão latina por Pascásio de Dume dos «Apophtegmata Patrum»*. 2 vols. 1971.
- J. RIBEIRO FERREIRA — *Eurípides: Andrómaca*. Introdução, tradução do grego e notas. 1971.
- J. GERALDES FREIRE — *Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova coleção de apotegmas*. Estudo filológico. Texto crítico. 1974.
- Catálogo Parisio Sículo — Duas orações*. Prólogo, tradução e notas de MARIA MARGARIDA BRANDÃO GOMES DA SILVA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1974.
- C. A. PAIS DE ALMEIDA — *Eurípides: Ifigénia em Áulide*. Introdução e tradução do grego. 1974.
- M. SANTOS ALVES — *Eurípides: As Fenícias*. Introdução, tradução do grego e notas. 1975.
- M. DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA — *Menandro: O discolo*. Introdução, tradução do grego e notas. 1976.
- NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES — *Diogo de Teive — Tragédia do Príncipe João*, 1977.
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO — *Estudos camonianos*. 21980.

Textos do Humanismo Renascentista em Portugal

1. CARLOS ASCENSO ANDRÉ, *Diogo Pires — Antologia poética*. Introdução, tradução, comentário e notas. 1983.
2. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Latim renascentista em Portugal*. Introdução, selecção, versão do latim, comentário e notas. 1985.
3. ISALTINA DAS DORES FIGUEIREDO MARTINS, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no século XVI*. 1986.
4. SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO, *Lopo Serrão e o seu poema 'Da Velhice'*. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, tradução e notas. 1987.
5. VIRGÍNIA SOARES PEREIRA, *André de Resende — Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, versão e notas. 1988.
6. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Para a história do Humanismo em Portugal - I*. 1988.
7. ALBINO DE ALMEIDA MATOS. *A Oração de Sapiência de Hilário Moreira*. 1990.

Estudos de Cultura Clássica

1. MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO, *Problemática da tragédia sofocliana*. 21987.
2. MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA, *Crítica do teatro na comédia antiga*. 1987.
3. JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, *O drama de Filoctetes*. 1989.

(Página deixada propositadamente em branco)

1 000\$00

Instituto Nacional de InvestigaçãO Científica